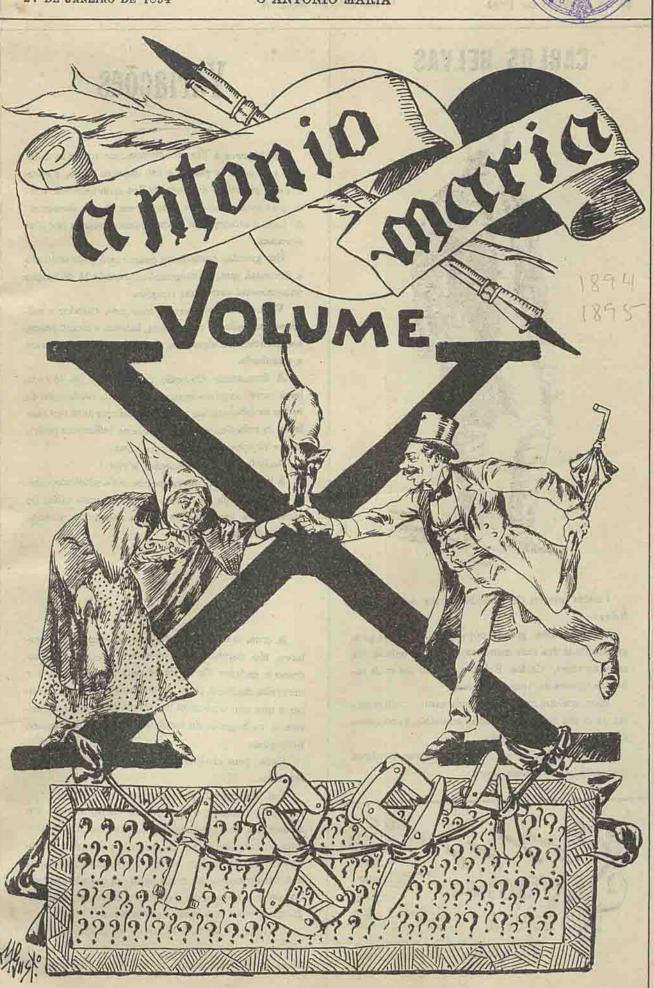
M

27 DE JANEIRO DE 1894

O ANTONIO MARIA



CARLOS RELVAS



Poucas mortes tão sentidas como a de Carlos Relvas.

Senhor d'uma grande popularidade, ganha pela graciosidade das suas maneiras e pela variedade das suas aptidões, Carlos Relvas era uma das mais salientes figuras da nossa sociedade.

Rico, era dos raros que sabem gastar intelligentemente o seu dinheiro, creando trabalho, promovendo festas, diluindo miserias.

Amigos particulares de Carlos Relvas, sentimos commovidamente a sua morte.



Variações

Do Algarve a Traz os-Montes, em todas as cidades, em todas as praças e em todos os adros, á sombra dos pinheiros e á sombra dos mon imentos, corre uma larga e agitada alegria, em aberto desaccordo com a atmosphera macambuzia e pesada dos dias normaes.

Um grande, endoidante prazer está para ser dado a Portugal, que, a antegostal-o, estende já os beiços voluptuosos: vamos ter eleições.

Velhos e novos, loiros e morenos, casados e solteiros, barbados e rapadinhos, beirões e alemtejanos, trasmontanos e algarvios, todos se agitam a preparar a cosinhada.

A dominante obsessão da festança faz de cada leito uma inquieta insomnia. Todo o laudanum de todos os laboratorios seria insufficiente para restabelecer as relações cortadas entre os influentes politicos e Morpheu, rei das Dormideiras.

As lythographias começam a siar.

E nos campos, os carneiros melancholicos, com a certeza d'um fim proximo, olham com olhos de piedade, os penachos verdes de suas irmãs no supplicio—as batatas.

A urna, o sisudo receptaculo das vontades populares, tão sagrada para os velhos liberaes de 1820 como a cadeira de S. Pedro para os catholicos e a mesquita de Meca para os mahometanos, deixou de ser o que era, uma caixa de lata ou de papelão, e passou á cathegoria de symbolo, symbolo do espirito portugues.

Cada pais civilisado tens os seus divertimentos favoritos.

Em Inglaterra florescem os jogos herculeos, o foot-ball, o cricket, o lawn-tennis; os francezes teem as corridas de Longchamps, sempre concorridas por uma enorme multidão cosmopolita; allemães e austriacos gastam os seus ocios em arrojadas ascenções aos altos montes; os russos patinam, os italianos barquejam nos canaes de Veneza, os hespanhoes endoidecem á vista do sangue das touradas.

Portugal, paiz sereno, onde os jogos herculeos são apenas cultivados decorativamente por uma meia duzia de pessoas mimosas; onde as corridas de cavallos são um luxosinho de importação, falso e frio; onde a ascenção da calçada da Estrella se faz por meio... d'um ascensor, onde não ha neve para patinar, onde os barcos são só para os barqueiros e onde as toiradas se realisam com demasiada doçura, Portugal quiz ter tambem o seu sport, característico, inconfundivel, e depois de ter examinado detidamente as suas tendencias, os seus gostos, decidiu-se pelo sport eleitoral.

O que nos falta é iniciativa. Com um bocadinho de reclame, tres annuncios em jornaes parisienses e alguns cartazes affixados nas gares estrangeiras e tanto bastaria para que as nossas eleições fossem tão concorridas como as toiradas de Madrid, o hypodrommo de Longchumps, o gelo do Neva e as montanhas do Tyrol.

Dada a existencia d'este feitio as armas portuguezas estão pedindo uma immediata transformação: os sete castellos dariam logar a sete urnas, e as cinco quinas a cinco carneiros abesantados não com cinco besantes mas com cinco batatas.

Eu.



A carteira d'um latino, por Emygdio d'Oliveira. Emygdio d'Oliveira recolheu em volume a serie de impressões, phantasias, pequenos contos e balladas, ha annos publicadas com um grande successo na Folha Nova, do Porto.

Paginas todas batidas de sol, lampejantes de côr e de vida.

E' bem o livro d'um portuguez: nitido, claro, preciso, como um dia de junho.

Quatro canções populares portuguezas. Edição da casa Neuparth & C.ª Um fasciculo excellentemente impresso para regalo de todos os que nutrem sympathias pela nossa tão doce e suggestiva musica popular.

Projet d'ascenseur entre Largo-Municipio et Largo-Bibliotheca, à Lisbonne; por Raul Mesnier de Ponsard. Uma lucida exposição do projecto intelligentemente elaborado pelo distincto engenheiro Raul Mesnier, um benemerito que ha longos annos se esforça por acabar com as lesões cardiacas e os esfalfamentos dos alfacinhas.



No bello concerto realisado no salão da Trindade, pela iniciativa do cistincto maestro Victor Hussla, eujas novas *Rhapsodias* foram ouvidas com fundo enthusiasmo, o nosso sonoro e monumental amigo D. Francisco de Sousa Coutinho fez uma larga colheita de sentidos applausos pelo brio com que cantou um dos mais inspirados trechos do *Tannhauser*.

Tem azas, e azas tão fortes que o levantarão— Orpheu disfarçado de Pontagruel—ás estrelladas nuvens da Arte Pura.



(á rua Nova do Carmo)

Doces tão finos, tão frescos e tão dignos do paladar d'um prelado ou d'um principe, que nos tiram a consciencia, transformando aquella pastellaria de capital, n'uma grade do convento.

PELA POLITICA FORA FURNAM A ACCORDAGE OF ASPROVELAMAGUEL Poro Jo Accorbo OCARAILHRO E EU PIMPAO DO PIMPAU DE TERRASCATOS ESTAO ESTAO LALHER BOKALTY DIWHERKIN

Tanto se me dá como se me deu! Vou para o Brazileiro Pancracio... Olaré quem brinca!

THEATRO DO GYMNASIO



Muito alegre a festa que ultimamente se realisou no Gymnasio, em honra de Eduardo Schwalbach. Subiu a scena o Filho da Carolina, a espirituosa comedia do festejado e phantasioso dramaturgo.



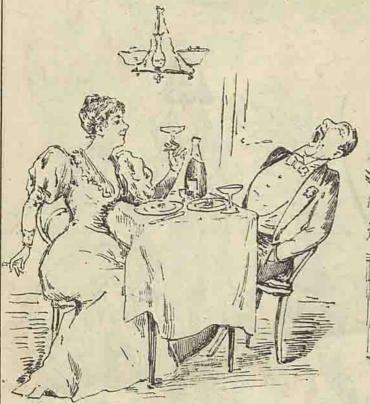
Na rua dos Condes continúa com grande successo a representação do Sarilho, uma tão grande nasce de alegria, que a camara municipal, tendo em consideração as nossas tristezas, deveria cananisal-a para ou dou irilios, transformando assim cada melancholia n'um carnaval, cada ai n'uma gargalhada.

Com esta espirituosa revista fazem brevemente o seu beneficio os actores Joaquim d'Almeida e Roque.

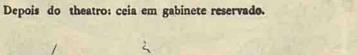
DIARIO D'UM GOMMOSO

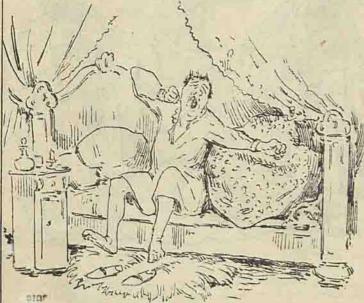
CONTO MOVIMENTADO

(Original de R. Bordallo Pinheiro) (Conclusão)



Tres da noite: deita-se e dorme.





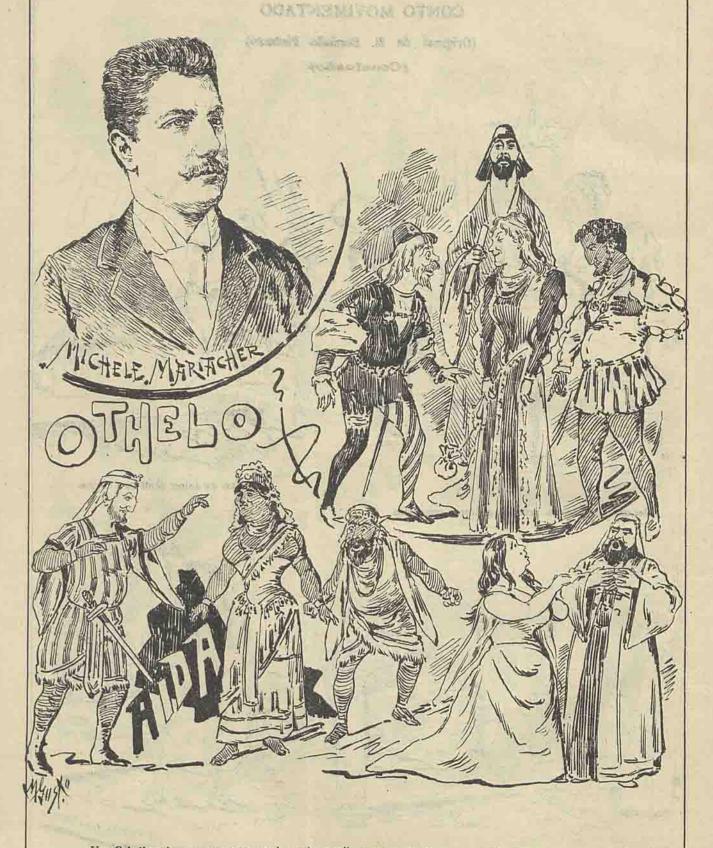
Dia seguinte ao meio dia: o mesmo... E assim nos 365 dias de cada anno excepto nos bissextos... que são 366.



-Ahl ahl Ahl... Que besta de painl Tal é a sua oração da manhã.

Will an east to in

THEATRO DE S. CARLOS



Um Othello primorosamente cantado pela gentil cantora Mendioroz, por Kaschmann e por um artista de grande futuro e caritativa alma que, ainda ha dias, salvou d'um desastre mortal a famosa Aida, Michele Mariacher, cuja proxima partida nos deixa fundas saudades.





Sahindo da sua voluntaria reclusão, lá para os altos da Gr ça, onde tem vivido, ao que dizem as lendas, acariciando gatos e compondo debuxos, Celso Herminio enceta hoje a sua collaboração nas nossas paginas, collaboração tão singular como as madeixas da sua cabelleira.

A alegria que nos causa a companhia de Celso Herminio faz nos crer que cada uma d'estas palavras é um foguete, que não é prosa que estamos escrevendo, mas uma girandola que estamos que imando.



Ao caricaturista Francisco Lisboa, da Semana Illustrada, agradecimentos pela homenagem que nos rendeu.

Com o agradecimento, um pedido: que nos faça mais bonitos se tornar a occupar-se de nossas vaidosas pessoas.



N'uma sala das Novidades assistimos, ha dias, a uma sessão do celebre magicien Dr. Cagliostro, um espirituoso e maravilhoso cavalheiro que sobe aos mais elevados pincaros da Anormalidade tão facilmente como nos subimos a calçada da Gloria... em elevador.

Os trabalhos do dr. Cagliostro merecem ser aproveitados por qualquer empreza theatral de Lisboa, que d'esta forma canalisaria um Alviella d'oiro para os seus cofres.

Variações

Os jornaes estão dizendo dos theatros o que Salomão não disse das mulheres, Mafoma do toucinho e o sr. Alves Corrêa do sr. Pedroso de Lima.

No entender dos mais abalisados corypheus da opinião, cada theatro é a escada do Inferno, a porta do Vicio, a janella aberta sobre a Depratição, o telhado, onde se enroscam em coitos abominaveis os gatos negros do mais negro sadismo.

A solicitude das mães, sempre de vigia á innocencia das filhas, treme como um gelado:

Ir ao theatro é, actualmente, coisa tão indecente como lêr o setimo volume de Bocage, ou mostrar as pernas a pessoas de cerimonia e vergonha.

O conselheiro Accacio, dada a immoralidade dos palcos portuguezes, preferiria cahir n'uma cloaca a assistir ao Casamento de Olympia ou à Toirada.

A campanha dos jornaes deitou raizes nas consciencias.

As familias honestas lançaram ao barril do lixo, como uma immundicie infecta, o costume de frequentar platêas e camarotes; actores e actrizes, ultimamente quasi rehabilitados, passam a ser novamente os comicos d'outro tempo, creaturas perigosas e sem pudor, indignas d'um aperto de mão e de sepultura em Sagrado; em breve, a policia mandará guarnecer as tanellas dos theatros com taboinhas verdes.

Santa e benefica missão, a da Imprensa!

Dada a vehemencia da campanha e o enthusiasmo por ella provocado, toda a pessoa sensata deve concluir: 1.º—que os palcos portuguezes são tudo o que ha-de de menos virtuoso na vida; 2.º—que não existe na vida coisa tão virtuosa como a sociedade portugueza, de contrario a depravação d'aquelles não incommodaria tão singularmente a innocencia d'esta.

Um leproso nada tem de extraordinario entre leprosos; só é repugnante entre pessoas sãs.

A respeito, porém, das virtudes da nossa sociedade, tenho as mais fundas e encarvoadas apprehensões, apprehensões que, incluctavelmente, me trazem á memoria o aphoristico dizer:—nem tudo o que luz é oiro.

Porque é que as meninas serias de Lisboa estão actualmente prohibidas de ir a tal ou tal theatro? Porque a immoralidade de tal ou tal theatro cahiria sobre a candidez d'essas meninas como um pedregulho gigantesco sobre um crystal fragil.

Isto seria justissimo se a referida candidez fosse completa.

Acontece, porém, que as citadas meninas leem quotidianamente, nos jornaes, minuciosas noticias de roubos, estupros, infanticidios, etc. etc.; acontece que muitas d'essas meninas móram em ruas povoadas de bordeis, onde, ás noites, se desencadeiam rixas mais ornamentadas de palavrões obscenos do que as paredes d'uma latrina de lyceu; e acontece finalmente que as sobreditas donzellas namoram alferes e amanuenses, que, como aquelle cavalheiro dos Maias, fazem do atracão a grande arma do amor.

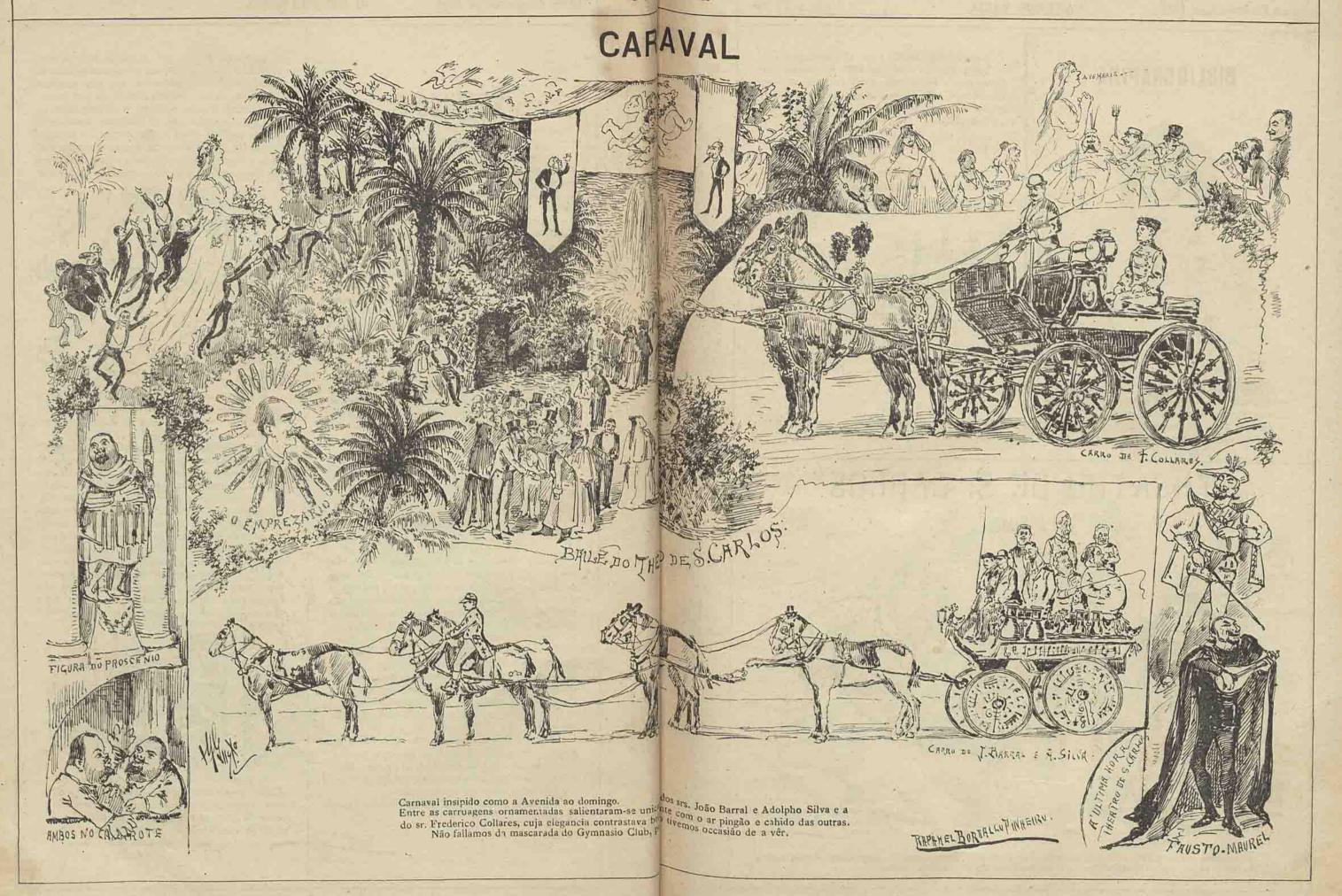


Ora, com uma semelhante educação, as suas almas e os seus ouvidos não deviam picar-se nos espinhos d'uma situação equivoca ou d'uma phrase excessivamente apimentada.

Mas é preciso salvar as apparencias. A moralidade nacional permitte que se leiam, oiçam e pratiquem
todas as immoralidades, comtanto que não seja em
publico. Donzellinhas loiras e morenas podem ler
no segredo das suas alcovas as maiores monstruosidades descriptas no Diario de Noticias; escondidas
entre os cortinados das suas janellas, podem escutar
as obscenidades das suas peccadoras visinhas, á passagem d'um corredor ou á descida d'uma escada, pódem receber os doces beliscões de seus namorados;
o que, porém, não podem é assistir a uma representação theatral, não porque essa representação seja
menos casta do que muitos actos das suas vidas,
mas porque, entre nós, o gosto da pouca vergonha é
como certos remedios: para uso externo.



A questão é salvar a honra das conveniencias, d'essas respeitaveis senhoras, que fizeram da nudez uma indecencia, que trazem escondido no peito um talisman em forma de phallus, e caminham, sob o olhar publico, cheirando rapé e desfiando rosarios, os olhos abrigados por solemnes oculos azues.



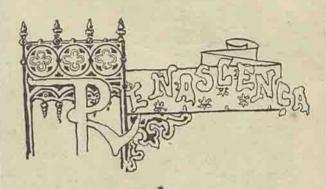
BIBLIOGRAPHIA



Ultimo amor, por Claudia de Campos, M. Gomes, editor. Romance alemtejano, tecido com grande frescura de forma, clareza de descriptivos e facilidade de dialogos. Uma rara elasticidade de imaginação e uma não menos rara finura de psychologia.

Paquita, por Bulhão Pato. O conhecido poema de Bulhão Pato na sua forma definitiva, no seu uniforme para a Posteridade. Obra criticada, de valor estabelecido, não a rebuscamos afim de lhe marcar o futuro, porque já lh'o vemos, e dos mais invejaveis, no presente.

O Defuncto, por Filinto de Almeida. Breve volume onde se saboreia a fina comedia tão e tantas vezes applaudida em D. Maria.



Renascença. Revista litteraria e artistica, com desenhos, versos, e prosa d'alguns novos do Porto.

THEATRO DE S. CARLOS



A famosa opera de Halevy tem sido cantada d'uma maneira verdadeiramente excepcional, dando logar á exhibição dos grandes talentos do tenor Duc e das notaveis aptidões da cantora Carrera.

PRESIDENTES E MINISTROS

(Historia d'uma gréve em breves traços)



Tout est bien ...



-Quem deu uma hespanholita aos seus meninos, quem foi? Agora, vejam lá como se portam.

PRESIDENTES E MINISTROS

(Conclusão)



Uns querem., outros não querem.



Editor: 1. Garcia de Lima.—Séde da Administração: Largo do Calhariz 12 1.º Lithographia da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, Imprensa Minerya, Travessa da Espera 12 a 14.

VARIOS INFANTES DONS HENRIQUES

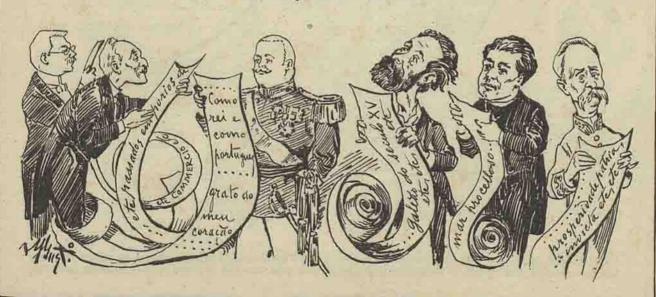
Como o comprehendeu a arte:



Como o comprehendeu a industria:

Como o comprehendeu o commercio:







Ahi tivemos occasião de admirar a pericia d'El-rei e a dos srs. D. Manuel de Noronha, de Lisboa, no tiro aos pombos, e Ferreira Múaze, do Porto, nos alvos volantes ganhando o primeiro o premio offerecido por S. M. a Rainha e o segundo o premio offerecido pelas senhoras do Porto.



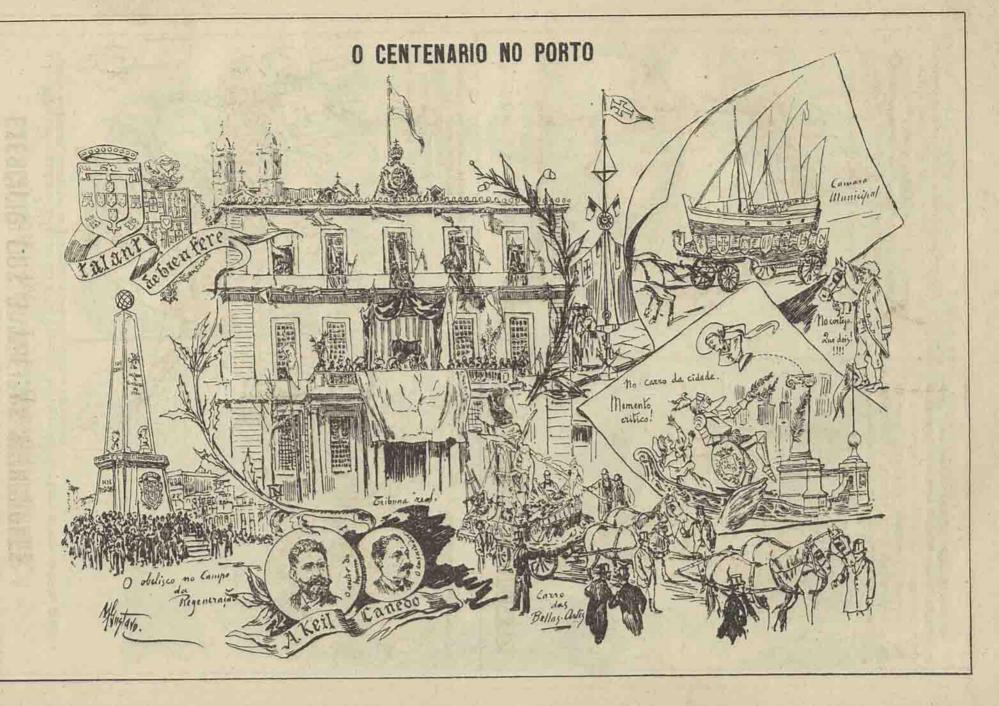
Um trecho de tarde, deliciosamente passado sob um sol d'apotheose. O premio d'el-rei foi ganho pelo grupo Lisbonense, cujo goal-keeper, o sr. Guilherme Ferreira Pinto mais uma vez mostrou os seus notaveis recursos.

EXERCICIO DOS BOMBEIROS MUNICIPAES

Muito bem organisado. A rapidez das flexas e precisão dos chronometros. Entre os espectadores, grandes e justos elogios ao incansavel commandante Guilherme Gomes Fernandes.



A córrida de velocipedes promovida pelo Club Velocipedista do Porto teve logar na vasta rotunda da Boa Vista. Linda festa. A Primeira corrida (internacional) foi ganha pelo sr. José Diogo d'Orey, o Campeão de Portugal e a quinta e sexta pelo sr. Francisco Pinto Basto, do Porto, sobre machina "Opel,"



O CARRO DA AGRICULTURA



O mais lindo que appareceu no cortejo Artisticamente decorado e encantadoramente acompanhado por frescas e moças lavradeiras pittorescamente vestidas á maneira do Norte.

Exposição agricola e industrial

Em Villa Nova de Gaya



Muito curiosa. Algumas installações de bom gos-

Entre os exemplares expostos, sobresahiam singularmente os moveis, muito simples e elegantes da Economica, e os cofres fortes a que um industrial de engenho conseguiu tirar o tradiccional aspecto, dando-lhes o de elegantes peças de mobiliario.

PROJECTO DE MONUMENTO



Soldando os seus projectos, os esculptores Teixeira Lopes e Ventura Terra offereceram á cidade do Porto, n'um rasgo de gentileza que muito os honra, a maquette d'um monumento henriq ino. de cuja gracilidade os nossos leitores farão uma pequena ideia pelo ligeiro croquis que acima publicamos.

O CENTENARIO NO PORTO

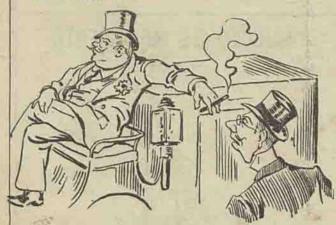
Impressões d'um forasteiro



Entrada no Porto. Antes dos festejos municipaes. Unico forasteiro possível.



Depois de começados os festejos. Unico forasteiro admissivel.



Os cocheiros-Por uma corrida, a bolsa, por uma hora, a vida.



Os hoteis. Unica hypothese de forasteiro, Hugolino, professor d'instrucção primaria.



Associações.—A mais alegre de todas. Parturiante Funebre Familiar.



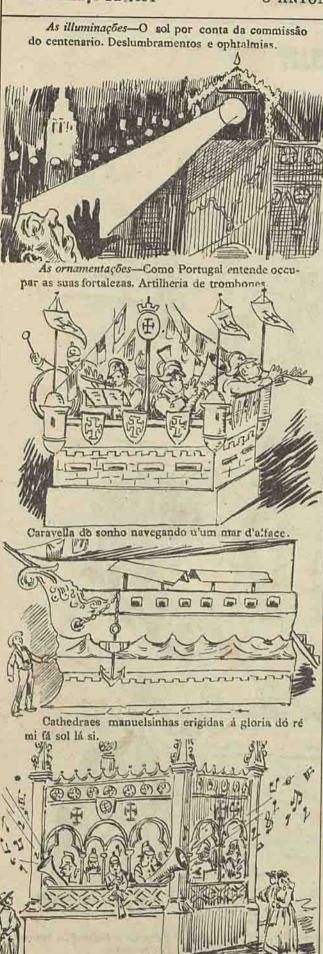
Carros—Uma allegoria de miolo de pão mastigado.



Municipios—Responsabilidades pesadas. Pendóes e pastas. Apotheose do joanete.

Arautos ... da Guarda Fiscal.





Uma Aljubarrota de bemoes.



FALSTAFF



Graças á milagrosa iniciativa de Freitas Brito, tivemos a rara voluptuosidade de ouvir o Falstaff, a famosa opera que Verdi escreveu para nos mostrar que a alegria é compativel com os cabellos brancos.

No desempenho, fez larga colheita de applausos o famoso barytono Maurel, cujo trabalho—lyrico—e dramatico—deixou o ram-ram da vulgaridade para attingir os cimos pouco acessiveis das maravilhas.

Fernando Caldeira



Era uma das figuras mais distinctas da litteratura contemporanea, porque alliava aos primores d'um talento brilhante, as qualidades d'um caracter purissimo. Dos seus versos se pode dizer que são o espelho de toda a sua vida—uma flor de graça e de bondade. Quem uma vez o lia, ficava-lhe preso para sempre; quem uma vez lhe fallava, tambem preso ficava pela simplicidade e pela distincção das suas maneiras. Seria difficil dizer o que mais nos captivava em Fernando Caldeira—se o poeta, se o homem. A sua morte foi profundamente e sinceramente sentida, porque não se chorou apenas a perda d'um talento, chorou-se tambem a perda d'um caracter—joia cada vez mais rara, e por isso mesmo d'um valor inestimavel.

MADAME MONTBAZON

Foi ante-hontem que na Trindade o publico de Lisboa gosou do inestimavel prazer de ouvir a Mascotte pela verdadeira Mascotte, pela gentilissima divette a quem Audran confiou a creação do personagem, quando aquella opereta foi pela primeira vez á scena, em Paris, nos Bouffes-Parisiens. Um tal acontecimento theatral constituio umverdadeiro regalo para os amadores e apaixonados do genero. Madame Montbazon teve entre nós o acolhimento de que é digna pelo seu talento—e formosura; porque, como muito bem dizia o sr. Montaigne, homem experimentado em philosophies e compatriota de Madame Montbazon, e formosura é sempre a melhor carta de recommendação para as relações com o publico.

E é talvez, por ser discipulo da escola de Montaigne, que o nosso amigo A. B. costuma também

-«O primeiro dever d'uma cantora é ser bonital...»

Madame Montbazon é além de bonita, uma das cantoras que Paris mais considera e mais applaude, entre todas as estrellas da opereta franceza.



Variações

Que alegria que vae por esse paiz fóra! Que contentamento que trasborda de todos os corações!...

E' um regabofe sem egual, em nada comparavel ao regabofe do entrudo. E' o contentamento d'um povo—do povo soberano—que vae ámanhã exercer a sua soberania, provar á bocca da urna que é Elle quem governa, emquanto o Rei se limita simplesmente a reinar.

Não ha palavras que possam descrever o jubilo que se apodera d'este bom povinho, apenas tem deante do nariz a prespectiva d'umas eleições.

Os hespanhoes teem como axioma da suprema felicidade terrena:—pan v toros. Emquan o houver um bocado de pão na arca de qualquer descendente do Cid, e um touro para bandarilhar e matar na arena, o hespanhol é não só um grande fol... um grande fol... um folgasão (como se dizia em tempos na Trindade) mas o homem mais feliz que habita o planeta sobre o qual temos a subida honra de nascer, viver e apodrecer...

Ora os portuguezes podíam perfeitamente escrever em grandes lettras, ao longo da fronteira e á entrada do Tejo, este lemma não menos pittoresco e eloquente, que o dos nossos visinhos hespanhoes: — brôa e votos! Porque emquanto houver um bocado de brôa, isto é, de pão de milho, e ao mesmo tempo a possibilidade de deitar uma lista na urna, com o nome d'um cidadão cujo merito principalmente consiste em não ter merito d'especie alguma, nem sombra d'uma ideia ácerca dos chamados «negocios publicos», —o portuguez é e será o bicho mais feliz que Deus houve por bem fazer á sua imagem e semelhança.

Eu peço licença á Biblia e mais aos Santos Evangelhos sobre os quaes se teem feito os mais falsos juramentos,—para não acreditar que Deus Nosso Senhor, que eu considero um perfeito cavalheiro e uma pessoa de muito tino e bom gosto, nos tivesse feito á sua imagem e semelhança, principalmente no que respeita a senso moral e a criterio. Aliás vêr-meia forçado a considerar menos respeitosamente a pessoa de Deus, por quem aliás nutro tão grande respeito a tamanha veneração, que positivamente chegam a escapar ao metro e ao calculo dos mais abalisados mathematicos.

Quando olho para o modo como se fazem eleições nos outros paizes e vejo a maneira como ellas se fazem entre nós, é então que eu sinto que não só Deus Nosso Senhor não fez o portuguez á sua imagem e semelhança, mas até o fez o ente mais burro ou então o mais cynico de toda a creação.

Eu prefiro fazer-lhe a honra de o considerar um burro-espiritualmente fallando, é claro!-do que consideral-o um cynico. Pela simples razão de que o cynismo envolve a idéa de depravação alliada ao vil interesse, emquanto que a burrice nunca póde aproveitar áquelle que a possue em qualquer grau. Se o cidadão-eleitor entre nós fosse um cynico, seria certamente um homem rico, sobre o qual os governos entornariam quotidianamente toda a casta de favores e prebendas.

Mas entre nós o cidadão eleitor é por via de regra pobre, e se lhe chamamos burro—espiritualmente fallando, é clarol—é porque só se pode attribuir
a uma incommensuravel burrice, esta sua pertinacia
em se deixar constantemente ludibriar pela caterva
de avariados é insignificantes candidatos, que a cada
nova eleição elle elege como seus representantes em
côrtes,—e os quaes candidatos constituem invariavelmente a representação nacional mais inutil e mais
irrisoria que qualquer paiz póde ter a desgraça de
possuir.

Grandissimo burrol... Porque é preciso sel-o, com duas enormes orelhas e quatro reverendissimas patas—sempre espiritualmente fallandol—para, da cada vez que os governos o convidam a exercer a sua soberania, o cidadão-eleitor não escolher quem saiba defender os seus interesses, zelar os seus direitos, pugnar pelas suas liberdades.

E é, por estas e por muitas outras razões que ficam para d'aqui a seis mezes, quando houver novas eleições—que pedimos respeitosamente licença á Biblia, para ousar pôr em duvida que Deus Nosso Senhor tivesse feito o cidadão portuguez á sua imagem e semelhança.

Porque, se no reino dos céus, como é de presumir, tambem já se acha implantado o regimen parlamentar, não é de suppôr que as eleições se façam pelo mesmo processo porque se fazem em Portugal; e que os santos, os anjos, archanjos e seraphins eleijam deputados da mesma força intellectual d'aquelles que constituem as «fortes maiorias» de S. Bento.

QUIDAM.





BATAHA DE FLORES

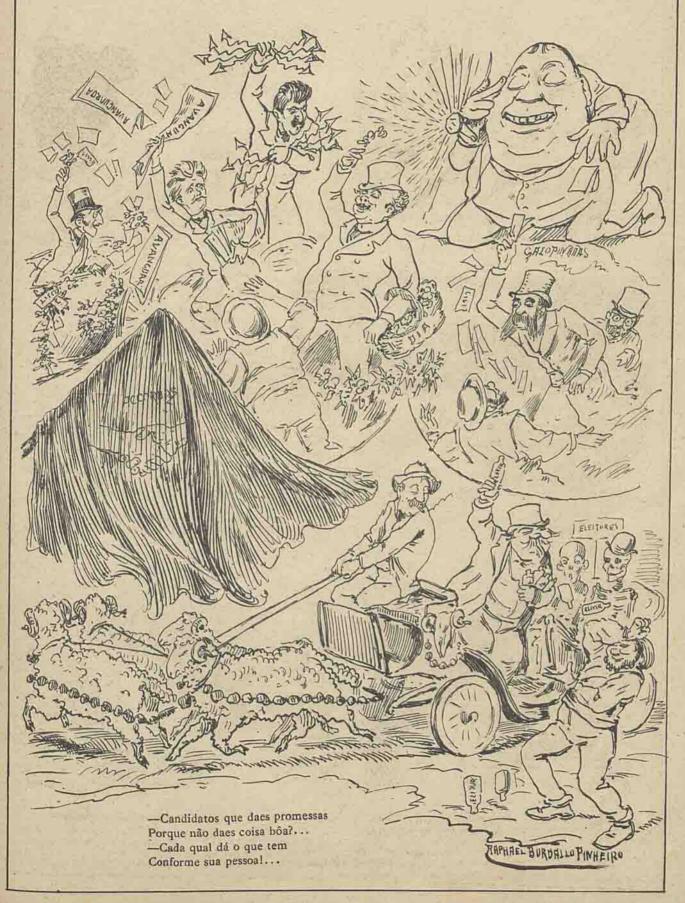
(O QUE FOI)



As illustres organisadoras d'este combate de rosas, de lilazes e de violettas, não contaram com a Chuva, ou não pensaram em consultar previamente o famoso saragoçano, que é quem hoje em dia dispõe dos destinos dos céus e da terra, melhor do que o póde fazer s. ex.ª o sr. Padre Eterno. De sorte que a Chuva tambem quiz batalhar; e como estivesse de cima, não houve meio, por mais chapéos que abrissem, de evitar que tudo molhasse. A festa foi comtudo esplendida. O que esperamos é que de futuro ella se realise em epoca mais avançada do anno, quando houver mais sol--e tambem mais slôres.

BATALHA ELEITORAL

(O QUE VAE SER)



Salão comico

(NO EDIFICIO DA ACADEMIA DAS MALAS-ARTES)



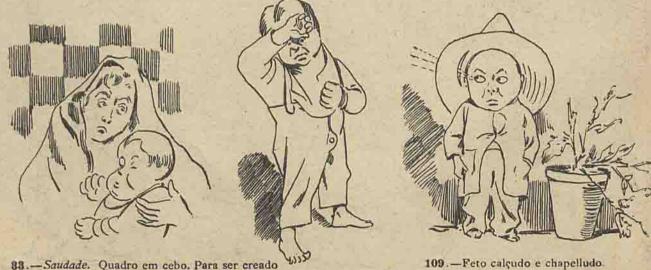
191.-...mas esta é que tem cheias as ricas bochechinhas.

8.-Uma pastilha de chocolate.



166 .- Sons que passam. .

149.—Este caçador de taralhões do anno passado, à força de estar sentado até já lhe incharam os tamancos.



83.—Saudade. Quadro em cebo. Para ser creado ao biberon, o menino é um prodigio de lactação artificial.

174 — Quem virá? .. Vem ahi um homem que o hade mandar abotoar-se.

Salão comico

(Continuação)



2.—Onofroff, o Inquisidor. Suggestões a domicilio.



104. - Equilibries.



89.—Flirt Quignol.—Este quadro custa 2005000 réis, mas tem movimento e caixa de musica. Reportorio: Priére d'une vierge, Fado das salas, Pas de quatre, Mané Chiné.



44. Surprehendida a ler o Pimpão.

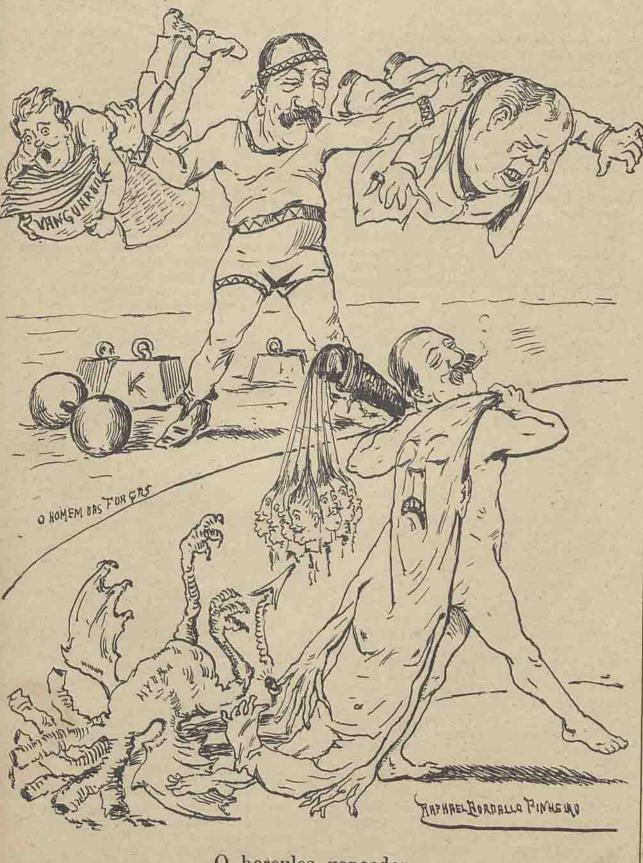


43 — Adelino Goes de Brito Morador em Riba-mar Era o homem mais bonito Que se pode imaginar



Editor: J. Garcia de Lima. — Séde da Administração: Largo do Calhariz 12 1.º Lithographia da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão. Imprensa Minerva, Travessa da Espera 12 a 14.

A LUCTA ELEITORAL



O hercules vencedor

Variações

Ha quem dê parabens ao governo pelo resultado das ultimas eleições; ha quem dê parabens ao sr. Marianno pela victoria da eleição de Lisboa; ha quem os dê tambem aos srs. Eduardo d'Abreu e Gomes da Silva, os campeões victoriosos do partido republicano.. Só não ha quem se lembre de dar os pezames ao reverendo prior da Lapa, pelo imprevisto ecclipse total do seu outrora fulgurantissimo annel.

Pobre sr. prior! Como este mundo é cheio de dolorosas, surprezas e das mais sangrentas injustiças!

Pois damos-lhe os pezames, nós, sr. prior, o Antonio Maria, sr. prior, o unico jornal que ao mundo inteiro fez um dia saber que, na freguezia da Lapa, existia um sacerdote, o qual sacerdote possuia um annel, o qual annel tinha mais brilho que todos os brilhantes do Cabo, e conjunctamente a virtude de rornar vencedor o partido de Sua Reverendissima, em todas as luctas em que esse partido se lançasse.



Esse annel era mais alguma cousa do que uma argola d'ouro onde fulgurava am preclaro cachucho, d'um preço inestimavel. Era o porte-bonheur do partido:—era a Mascotte do sr. José Lucianol

E agora, eil-o sem virtude, sem prestigio, sem brilho... apagado, completamente apagado! De sol que era, nem sequer é capaz de concorrer com a mais debil lamparina, com a luz morrinhenta da mais primitiva e prehistorica candeia. Não é luz, é trevai não é brilhante, é calhaul... Pobre annel! Pobre sr. prior da Lapa! Os nossos sentidissimos pezames!...

Mas como foi que aconteceu semelhante calamidade? Como foi que d'um momento para o outro, o partido progressista ficou completamente ás escuras? Como foi que um partido inteiro se vio reduzido á triste situação de ter de andar agora positivamente ás apalpadellas?...

Não se sabe! Não se sabel Foi uma cousa que deu de repente no annel, como agora ha cholerinas que dão de repente n'uma pessoa, e para ahi se fica, horas e horas, victima dos intestinos e das aguas do Alviella. Como foi que aconteceu semelhante cataclismo, que tanta lagrima tem feito brotar na rua dos Navegantes?... Não se sabel O que se sabe, é que ainda no ultimo sabbado o sr. prior da Lapa fôra com o seu annel para casa do sr. José Luciano, para os dois tratarem das eleições.

Segundo um velho uso, nas noites em que o sr. prior levava o annel, não ardia o gaz nas salas do illustre chefe progressista. O annel bastava para illuminar todo o predio.

O sr. prior da Lapa bateu á porta do sr. José Luciano. Quando se soube que era Sua Reverendissima, um criado gritou:

-«Apaguem todas as luzes!»

O sr. prior entrou na casa em trevas, e logo se fez a luz. Exactamente como Deus Nosso Senhor n'aquelle primeiro dia d'aquella famosa semana, em que teve a pessima lembrança de fazer o mundo.

O sr. José Luciano, vendo que a luz era tão pura e tão intensa como sempre o havia sido, exclamou:

- «Parabens, prior! À victoria é nossa. O conselheiro Mattoso está eleito deputado. O governo póde tratar do enterro...»

E então, os partidarios do sr. José Luciano, que enchiam as salas da rua dos Navegentes, cahiram de joelhos em adoração deante do annel.



N'esse momento, a attitude do sr. prior da Lapa, era verdadeiramente sobrehumana. Se Napoleão tivesse vivido de nossos dias, o proprio Napoleão terlhe-ia invejado a sobredita attitude!

Desenhava se na physionomia de Sua Reverendissima a expressão inenarravel, mas sublime, d'um homem que sente que vae enterrar um governo... E quando Sua Reverendissima se retirou para a sua freguezia, e de novo se acendeu o gaz em casa do sr. José Luciano, a impressão que ficara da luz do annel era tamanha, que todos se julgavam positivamente ás escuras.

mente ás escuras.

Oh! poder mysterioso e estranho d'essa joia, cuja origem é e será sempre um mysterio, não um mysterio de pouco mais ou menos, mas um d'esses mysterios a que ás vezes o sr. Augusto Ribeiro ousa chamar—insondaveis!...



No domingo á noite, voltou o sr. prior a bater á porta do sr. José Luciano de Castro. Um criado, lá dentro, gritou com um vozeirão capaz de assustar o proprio rei dos bosques:

-«Apaguem todas as luzes!...»

E casa do sr. José Luciano cahio mergulhada em trevas. O sr. prior entrou... Deu os primeiros passos... Fechou-se a porta... E a casa continuou mergulhada em trevas!

Mais alguns passos deu o sr. prior. E zásl foi de encontro a um movell E a casa continuava sempre, sempre, terrivelmente mergulhada em trevas...

Ouviu-se a distancia uma voz tremula, a voz do sr. José Luciano, perguntando ancioso:

-«Prior! Prior! Que é feito do seu annel?... Não o traz comsigo?...»

E o sr. prior, tremulo de commoção, perdido no meio da densa treva, exclamava com lagrimas na voz:

-«Tragol tragol Mas é o mesmo que se o não trouxesse! Está escuro que nem breul...»

-«Estamos perdidos!.., exclamou o sr José Luciano. Acendam de novo as luzes!»

E as luzes se acenderam, e o gaz brilhou. E correndo o estado maior progressista á procura do srprior, encontrou-o sem rumo, no vão da escada, querendo por força abrir uma parede, imaginando estar abrindo a porta do salão.

-«O annel! O annel! ... « gritou um côro afflicto.

E o sr. prior da Lapa, estendendo a sinistra, deu-a para que examinassem...



... Aquillo já não era sol, nem era estrella, nem era luz, nem era brilhante, nem era nadal Aquillo não passava d'uma rôlha de vidrol...

Instantes depois, um emissario eleitoral batia á porta do sr. José Luciano. O illustre chefe progressista acudio presuroso á janella, e gritou para fóra:

- «E' a victoria que me annneiaes? Por quantos votos vencedor o general Mattoso?...»

- Sirel é a derrota! O general Mattoso ficou morto no campo, conjunctamente com 1:779 votos, entre mortos e feridos...»

Estava explicada a razão por que o annel do prior havia perdido para sempre o brilho de outros tempos.

Tinha acabado o encanto!...

QUIDAW.



Hippodromo Pal de Lisboa



A IRMÃ

Se o Antonio Maria não chegou a tempo para registrar, como devia, o grande e merecidissimo successo da Irmã, a primorosa peça original de Alberto Braga, magistralmente representada no theatro de D. Maria,—chega felizmente a tempo para saudar a apparição em volume d'essa obra theatral, em que Alberto Braga não só confirma os seus antigos creditos de primoroso e elegantissimo prosador, mas tambem revela excepcionaes dotes de autor dramatico.

Alberto Braga tinha contas em aberto com certos detractores do anno passado. Essas contas ajustou-as este anno e por um modo tal que aos detractores só resta o recurso de se morderem e remorderem de inveja,—se é que assim conseguem dar vasante á bilis... E Alberto Braga a sorrir triumphantel

Bravol Bravissimol



REPRESENTAÇÕES DE MADAME MONTBAZON



Apezar das deficiencias da troupe que a acompanha, Madame Montbazon tem sido alvo dos mais ealorosos applausos e das palavras mais elogiosas, por parte do publico e da critica lisbonenses. E um e outra não só teem feito plena justiça a Madame Montbazon, mas tambem a M. Deschamps, um actor comico de grande talento, cujas creações pódem competir com as melhores do antigo reportorio de Christian e de Dupuis.

Salão comico



105.—Estudante.—Ora ahi está a razão porque o menino sahio chumbado nos exames.



98 -Retrato de Madame Viramolombo



244.—Vae uma pitadinha? . Jái du bon tabac dans ma tabatié-



69.—CATRAEIROS —Jardim Zoologico á tona d'agua.

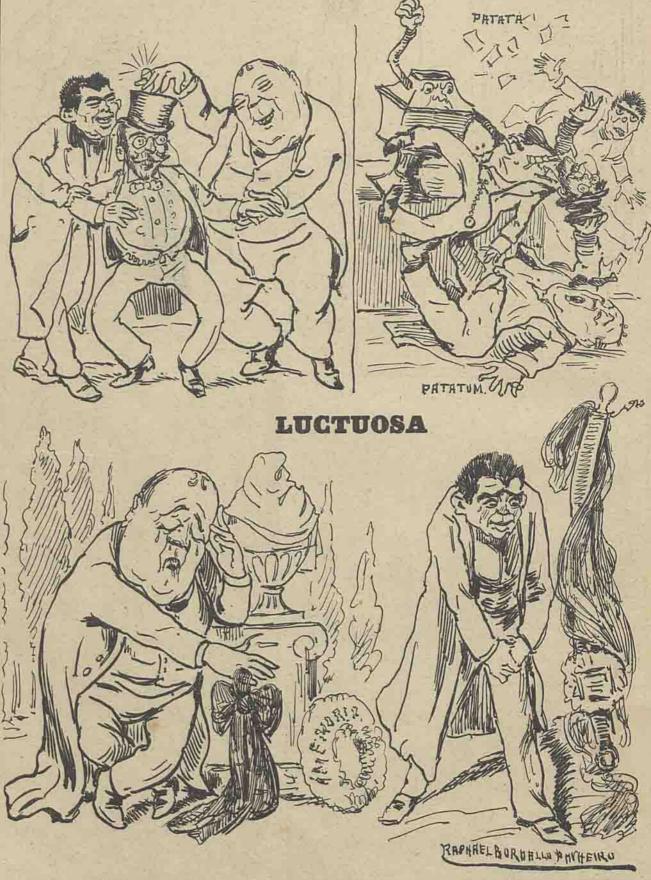


61. — Metempshycose, ou a transformação da mulher da bilha em cafeteira.



100.—Cocegas.—Five o'clock tea campestre: ou a melhor maneira de desobstruir o nariz... pelo espirro!

Illusões e desillusões



Em signal de profundo sentimento, cobertos de crepes, o annel e mais as ligas...

A Carolina apresentando o Bacillus



-Isto não é o bacillus de Kok. E' o bacillus de Kaka.





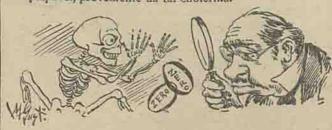


Variações

A avaliar pelas variadissimas crises porque temos passado, podemos concluir, sem receio de desmentido, que somos o povo mais forte e mais resistente da terra.

Ora vão vendo:—tivemos, como de todos é sabido, a crise financeira, depois a crise commercial, depois a crise industrial, depois a crise agricola e em especial a crise vinicola, sem fallar em dezenas de crises ministeriaes... E a tudo resistimos.

Agora, para cumulo de azar, atravessamos uma agudissima crise intestinal, e por mais que os terroristas investiguem os boletins mortuarios, não ha meio de encontrar um caso fatal, bem claro, bem palpavel, proveniente da tal cholerina.



E já ha dois mezes que dura a epidemia! De sorte que o portuguez está sendo, por diversos titulos, o animal mais solido e mais resistente da creação.

Vem a crise financeira; leva-lhe o ouro, a prata e o cobre;—e Zé Povinho conserva-se firme como uma rocha.

Vem a crise commercial supprimindo-lhe todas as relações com os mercados extrangeiros; e Zé Povinho é qual São Sebastião que, apesar de atravessado por varias settas, nem por isso deixa de conservar em seus labios de carmim, o mais feliz e consolador sorriso.



Vem a crise agricola que o priva de pão e de vinho; e o bom Zé continúa a sorrir com um ar de paciencia e bemaventurança de que não ha exemplo, nem mesmo em toda a vida de Job. Os inglezes arrancam-lhe varios pedaços do seu dominio colonial; os francezes e os allemães empalmam-lhe os rendimentos dos tabacos e mais os caminhos de ferro... A tudo este bom povo resiste, sempre com um sorriso nos labios.

O sr. José Dias, para lhe demonstrar a estima em que o tem, rapa-lhe 30 ojo nos rendimentos das inscripções. E como se tudo isto ainda não fosse bastante, um bacillus qualquer, que os sabios da terra ainda não sabem se é o virgula, o ponto e virgula, ou o ponto final, apesar de passarem dias e dias com os microscopios assestados sobre vasos que antigamente só de noite eram utilisados e que presentemente o são a toda a hora e a todo o instante:—um bacillus qualquer, dizia eu, introduzio-se nas aguas do consumo, e a crise intestinal rebentou com um estrondo que me não atrevo a descrever, e sobre o qual não ouso insistir...

Pois até a isto resistio e resiste este bom povo-Por isso o nosso Camões exclamava:

> E julgareis qual é mais excellente, Se ser do Mundo Rei, se de tal gente.

E o Camões, continuando a fallar das vossas façanhas, ó portuguezes destemidos, ó portuguezes d'uma canna, escrevia ainda:

As verdadeiras vossas são tamanhas Que excedem as sonhadas, fabulosas; Que excedem Rhodamonte, e o vão Rogeiro; E Orlando, indaque fôra verdadeiro.

Confesso que ignoro por completo o que, no genero façanha, fizeram Rhodamonte e mais o vão Rogeiro. Mas ia jurar e pôr a minha mão sobre o fôgo, com um gesto mais bello e mais nobre do que o de Vaillant quando lançou a bomba dentro da camara franceza,—em como o Rhodamonte e mais o Rogeiro, com algumas virgulas no ventre, apesar de toda a sua coragem, seriam dois cavalleiros mediocres, positivamente encravados.

E o portuguezinho?.. Sim, que pensam vossas senhorias que faz o portuguezinho, apezar das virgulas lhe nadarem no ventre, com a naturalidade e a desinvoltura com que o pódem fazer alguns peixinhos encarnados dentro d'um aquarium de vidro?...

O portuguezinho victima das crises e agora do bacillus, destemido como o mais destemido Orlando, sindaque fôra verdadeiros como diz o nosso Cambes,—o portuguezinho lá vae caminho do Campo Pequeno; e ali, de cholerina no bandulho, sem se importar com desgraças nem com virgulas, ou seja domingo ou dia de semana, ou faça sol ou faça frio, é ali, a invectivar bois, a invectivar cavalleiros, a invectivar capinhas.

O commercio está em crise? Ah! elle é isso?... Prós toiros!

A industria está em crise? A agricultura tambem?... Prós toiros!

Que mais temos?—Não ha vintem!—E que mais?
—Uma epidemia de cholerina...—O quê? Uma epidemia de cholerina... Pois a cholerina atreve-se?...

Então um portuguez não tem medo de pegar n'um boi de cára, e havia de ter medo d'uma réles virgula que se lhe introduzio abusivamente nas tripas?... Já para os toiros!

E o portuguezinho, de chapeo de aba direita, jaleca, cinta, cabellinho repuchado para as fontes, e cigarrinho ao canto da bocca, sae de casa, exclamando para o creado:



—Se o cholera vier, diz-lhe que estou no Campo Pequeno. Se tem as prosapias no seu lugar, que appareça!... E póde ficar certo que se lhe faz uma pega, com todo o rigor da arte...

E o caso é, que á hora em que escrevo, não ha noticias do cholera, nem a tal cholerina se tem permittido grandes audacias.

Ou o portuguezinho não excedesse em façanhas o Rhodamonte e até o vão Rogeiro!

QUIDAM.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos n'esta redacção:

— O Algarve (notas impressionistas) por Julio Lourenço Pinto. — E' um livro em que a par de curiosas notas historicas e archeologicas, o auctor nos deixa ver uma das provincias mais caracteristicas e menos visitadas do nosso paiz, através um estylo que possue inegaveis encantos de colorido, e que é trabalhado com o escrupulo e o amor com que só o sabe fazer um homem de lettras.

—Os Preciosos, comedia em 3 actos por Marques da Costa.—O auctor d'esta comedia em prosa, pérdida talvez a esperança de a ver em scena, resolveu publical-a em volume, o que constituio um verdadeiro regalo litterario para todos os seus amigos e admiradores. A edição é da livraria Gomes, ao Chiado.

— A Obra do Infante, por Lino de Macedo. — E' mais um trabalho historico tendo por fim cooperar para a glorificação d'uma das figuras mais nobres e altivas das passadas eras da nossa grandeza e poderio. Os colleccionadores do Centenario Henriquino não devem deixar de adquirir o trabalho do sr. Lino de Macedo.



A FESTA DOS ESTUDANTES



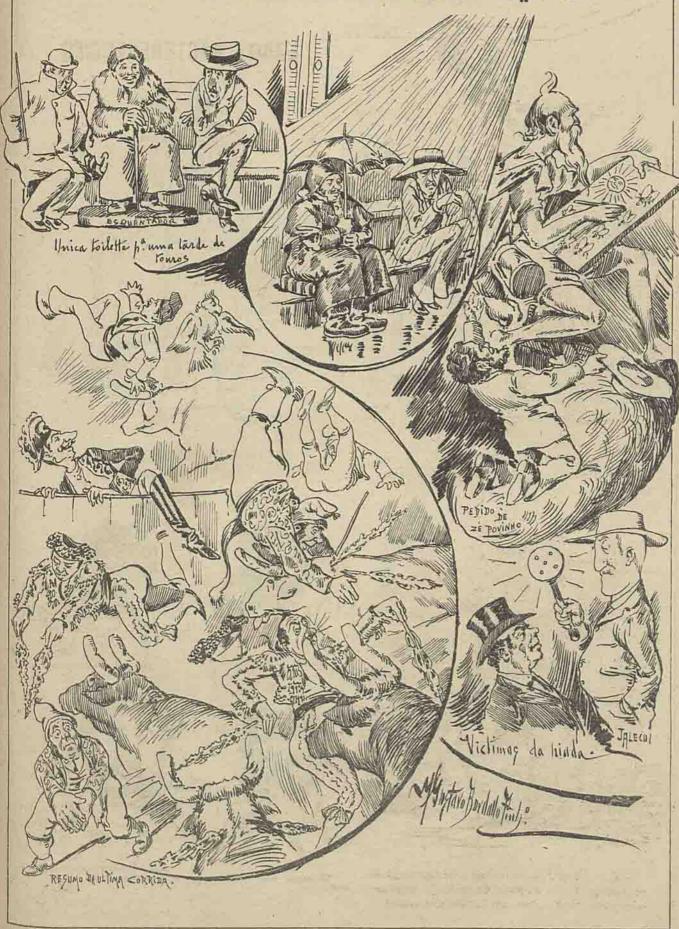
Em S. Carlos, os estudantes realisaram a sua festa annual a beneficio do cofre de soccorros a estudantes pobres. Representaram-se duas farças engraçadissimas, Dr. Faustino e No Parnaso. E o opulento sr. Chaby recitou um monologo com a verve e a naturalidade d'um verdadeiro actor.

COMPANHIA DO PRINCIPE REAL



A Companhia do Principe Real do Porto continha sendo alvo de calorosas ovações, e José Ricardo e Angela Pinto a merecerem os elogios da critica Na passada quarta-feira realisou-se o beneficio de Carmen Cardoso, uma actriz gentilissima que o Porto teve artes de roubar aos theatros de Lisboa, onde deixou saudosos todos os seus admiradores.

AS ULTIMAS CORRIDAS NO CAMPO PEQUENO



Effeitos do cholera



EXAME BACTEREOLOGICO



—De hoje em deante estão prohibidas as virgulas n'este jornal. A virgula é o cholera. A nossa pontuação será o ponto! —E eu que não passava d'um ponto, eis-me agora todo cheio de virgulas.

As prescripções



-E o que será de mim com a barriga cheia das virgulas que tenho engulido na minha já longa carreira jornalistica?... Sou um homem encravado!



-Não posso levar a mão á es beça...

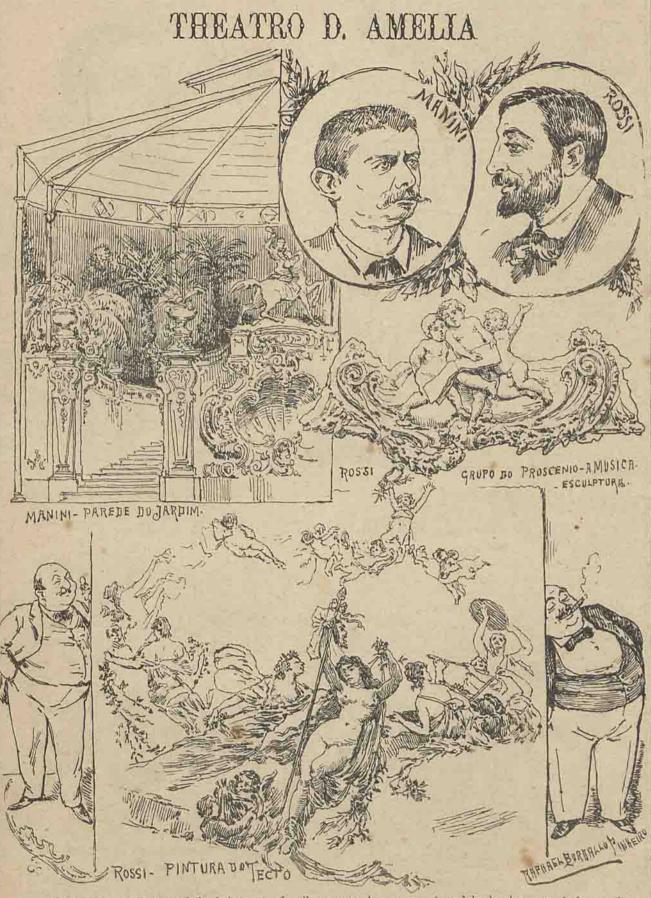


-Não posso levar a mão á



-Não posso levar a mão ao

-Mas o que querem vossorias que en faça com as mãos?...



Lisboa vae em breve assistir á inauguração d'um novo theatro, que é modelo de elegancia, de luxo e de bom gosto. Ahi gosará o publico de espectaculos variados, cuja novidade e esplendor devem rivalisar com o que ha de melhor no seu genero, em Paris e em Loudres. O theatro D. Amelia foi primorosamente ornamentado e decorado pelos notaveis artistas srs. Rossi e Manini. Os cavalheiros que compõem a Empreza, e se abalançaram a uma tão dispendiosa construcção, bem merecem da nossa capital, porque acabam de a dotar com um theatro que rivalisa com os mais modernos e elegantes da Europa.

ANNO E.

300



EXPOSIÇÃO BE FLORES



Nos jardins do sr. conde de Burnay, á Junqueira, realisou-se uma exposição de flores a beneficio dos po-Nos jardins do sr. conde de Burnay, a Junqueira, realisou-se uma exposição de nores a benencio dos pobres de A cantara e Belem. Vimos ali collecções de rosas, verdadeiras maravilhas quanto á fórma e quanto á cor. E não temos senão que elogiar as senhoras de fino gosto e os cavalheiros que se entregam a uma cultura que é certamente muito mais interessante que a cultura, hoje na moda, dos bacillus mais ou menos virgulas!

N'essa exposição, Madame Louise, a habilissima florista da rue do Ouro, mostrou em variados ramos e corbeilles, que so as mãos d'uma mulher são capazes de semelhantes primores de graça e elegancia. Os nossos sinceros parabens.

Variações

O Antonio Maria, assim como o seu collega da imprensa diaria, o Diario Popular, não podem deixar de encher-se de jubilo, de satisfação e de orguho, ao verem que o diagnostico que os dois haviam feito da epidemia reinante, apesar das opiniões em contrario da illustre e circumspecta Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, — é hoje plenamente confirmado, não só pelo illustre bactereologista, sr. dr. Pestana, mas tambem pelo notavel especialista, dr. Nekam, delegado da Universidade de Vienna d'Austria, para estudar o caracter da supracitada epidemia.

Tanto o dr. Pestana como o dr. Nekam estão de accordo em que o Antonio Maria e mais o Diario Popular teem razão, e que só estes dois fachos da imprensa souberam ver claro, através os labyrinthos de dejecções em que se debatiam e em que andavam positivamente ás apalpadellas, os mais illustres e afamados sabios da lusa capital.

Com o que os dois jornaes não estão de accordo, e para o que será talvez indispensavel a intervenção da muito douta e respeitavel Academia das Sciencias (secção de lettras—repartição do diccionario) é ácerca da melhor ortographia do nome porque será conhecido ámanhã, em todo o mundo, o bacillus especifico da epidemia que ora grassa em Lisboa.

O Antonio Maria, como demonstração de respeito e veneração pelo illustre sabio, dr. Kok que descobrio o bacillus especifica do cholera e mais o da tuberculose, baptisou o bacillus da epidemia lisboêta, com o nome de «bacillus de Kaka.»

O Diario Popular, entendendo que não ha razões para germanisar o termo e que, pelo contrario, o devemos antes nacionalisar por todas as fórmas, pols que Kok nada tem que ver com a molestia que, depois de ter produzido uma formidavel revolução intestinal na população de Lisboa, passou a fazer uma não menor revolução cerebral na mioleira dos illustres sabios da Sociedade das Sciencias Medicas,—chamou lhe simplesmente e cruamente «bacillus de caca.»

O Antonio Maria entende que para o caso presente e que tantos sustos tem causado, Kaka se deve escrever com k. O Diario Popular entende que se deve escrever com c. A nossa ortographia é um preito a Kok. A ortographia do nosso collega do largo de S. Roque, é simplesmente uma homenagem ao desleixo e á porcaria indigenas.

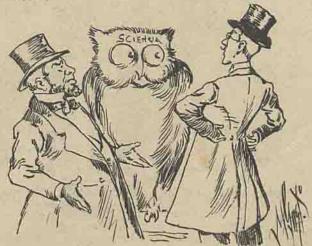


O que não impede que o bacillus, apesar do k e do c, seja positivamente o mesmo, e seja um só.

Bem sabemos que não ha de faltar quem pretenda desdenhar e ridicularisar até a nossa descoberta. Não faltará quem exclame:

—«Mas como é que esses jornaes puderam saber que se estava em presença, não do bacillus de Kok, mas do bacillus de Kaka?... Que analyses bactereologicas fizeram, e em que laboratorios as fizeram, para se atreverem a semelhante diagnostico, e a semelhante affirmação?... Que sabem esses jornaes de bactereologia?...»

A todas estas perguntas responderemos com a serenidade com que o pode fazer a nossa Sociedade de Sciencias Medicas, se por acaso lhe perguntarem porque motivo declarou que a epidemia reinante era o cholera-morbus e se lhe perguntarem que analyses fez...





-«Que analyses fiz? .. responderá a sabia Sociedade. Nenhumas, meus senhores, nenhumas! Por acaso uma Sociedade como a nossa precisa recorrer à vulgar materialidade d'um microscopio, para precisar o caracter d'uma doença?... Nunca, entenderam, nunca! Um dos membros mais illustres d'esta companhia foi atacado de dôres horriveis, na região onde os almoços, os jantares e as ceias teem por costume decompôrem-se e ás vezes mesmo descompôrem-se, com certo alarido. E como o nosso illustre socio soffresse em demasia e se julgasse atacado de molestia suspeita, nós concluimos que a doença reinante era o choleral»



E assim como a illustre Sociedade declarou ao mundo que era o cholera que reinava em Lisboa, assim nós, o Antonio Maria e mais o Diario Popular declarámos ao mundo que outra era a virgula que habitava os nossos intestinos.

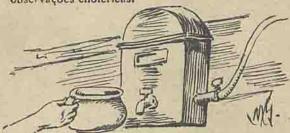
O publico imaginou que esta affirmação não passava d'uma blague. Deus sabe como o nosso orgulho scientifico soffreu, com semelhante e humilhante supposição !...

Felizmente que a Sciencia não é uma palavra vã:

—e ahi estão agora o dr. Pestana e o dr. Nekam
confirmando por completo o que ha oito dias ousámos imprimir.

A confirmação da nossa descoberta, por tão illustres bactereologistas como são o dr. Pestana e o dr. Nekam, o que vae certamente é causar uma grande revolução nos usos e costumes da nossa terra, a começar pela Companhia das Aguas de Lisboa que de hoje para o futuro não poderá chamar-se como até aqui, attendendo a que não é agua o que ella forne-ce aos consumidores lisbonenses, mas sim um outro corpo muito menos limpido e absolutamente nada inodoro.

De sorte que nós não sabemos positivamente o que se ha de pôr á torneira dos contadores da supracitada companhia, se um copo ou uma bilha, quando da torneira nos quizermos servir, se o vaso de que se servio o dr. Sousa Martins para as suas observações cholericas.



E passará a ser perigoso ensinar a alguem o caminho da Companhia das Aguas, porque esse alguem pode considerar-se injuriado e responder á indicação e ao conselho com o correctivo proprio em casos semelhantes.

O que aconselhamos á Companhia para evitar equivocos e semsaborias é que passe a chamar-se, não como devia, porque já morreu Cambronne para lhe escrever o titulo com todas as lettras, mas pelo menos assim:

Companhia das aguas sujas de Lisboa.

E toda a gente ficará sabendo, quando quizer matar a sêde, o que realmente bebe—que está muito longe de ser agua pura l

QUIDAM.

BIBLIOGRAPHIA



— Cartas da religiosa portugueza, var ão de Luciano Cordeiro, illustrações de Mañoel S. Romão edição da livrar a Gomes, ao Chiado. — O nosso anago Manuel Gomes, a quem podemos chamar a crême dos livreiros e dos editores da peninsula, acaba de mandar imprimir em Paris, n'uma edição de requintado bibliophilo, as cartas de amor de Marianna Alcoforado, e que foram vertidas para portuguez pelo sr. Luciano Cordeiro. Essas cartas, que em França são consideradas como obra-primas do genero epistolar e como o documento do mor mais delicado, mais apaixonado e mais ardente que jámais brotou d'um oração feminino—essas cartas tão gnoradas no nosso paiz, deviam comtudo ser para as mulheres portuguezas como que o seu breviario d'amor, o unico livro contidente das alegrias e das tristezas do seu conceño.

Acompanham a primorosa edição alguns desenhos que ainda mais lhe realçam o valor e o mimo.



De todos o mais sensacional, por entre as mil correrias caprichosas d'um cholera que não é cholera, e que tem tido a habilidade de escapar á analyse dos seus mais enthusiastas admiradores, é o caso do addiamento das zôrtes para o 1.º de outubro. Quando a Representação Nacional se preparava a dar á luz uma ninhada de tropos e de flóres de rhetorica, em perfeito estado de decomposição, o governo mette-lhe na bocca um cadeado, obrigando-a a engulir o estrondoso parto. Praza aos céus que não arrebente de desgosto—aliás teremos uma nova epidemia, que d'essa vez póde ser mais funesta que a do cholera, que não é cholera, nem mesmo é cholerina.



Editor: J. Garcia de Lima.—Séde da Administração: Largo do Calhariz 12 1.º Lytographia da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão. Imprensa Minerva, Travessa da Espera 12 a 14.

Theatro D. Amelia





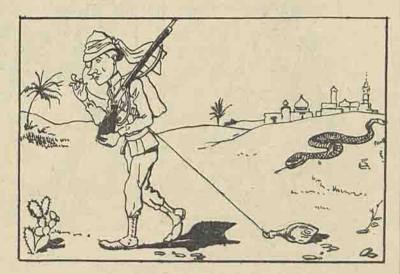
A companhia Gargano tem proporcionado ao publico de Lisboa uma serie de excellentes e deslumbrantes espectaculos, que teem attrahido ao theatro da moda, numerosa e elegante concorrencia.

CAÇA SEM VISCO

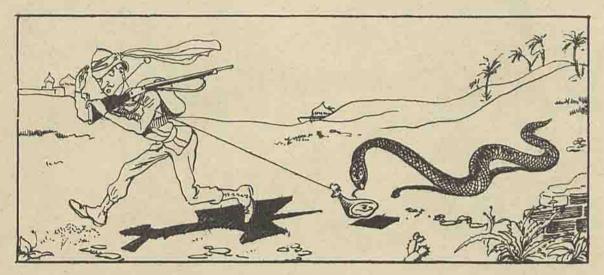
(Extrahido do Pick-me-Up)



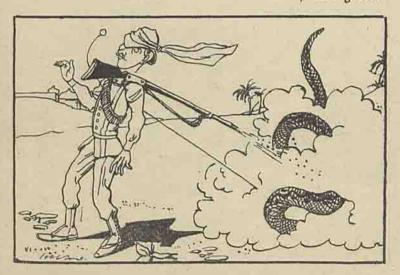
Feliz ideial



Ella shi vem!



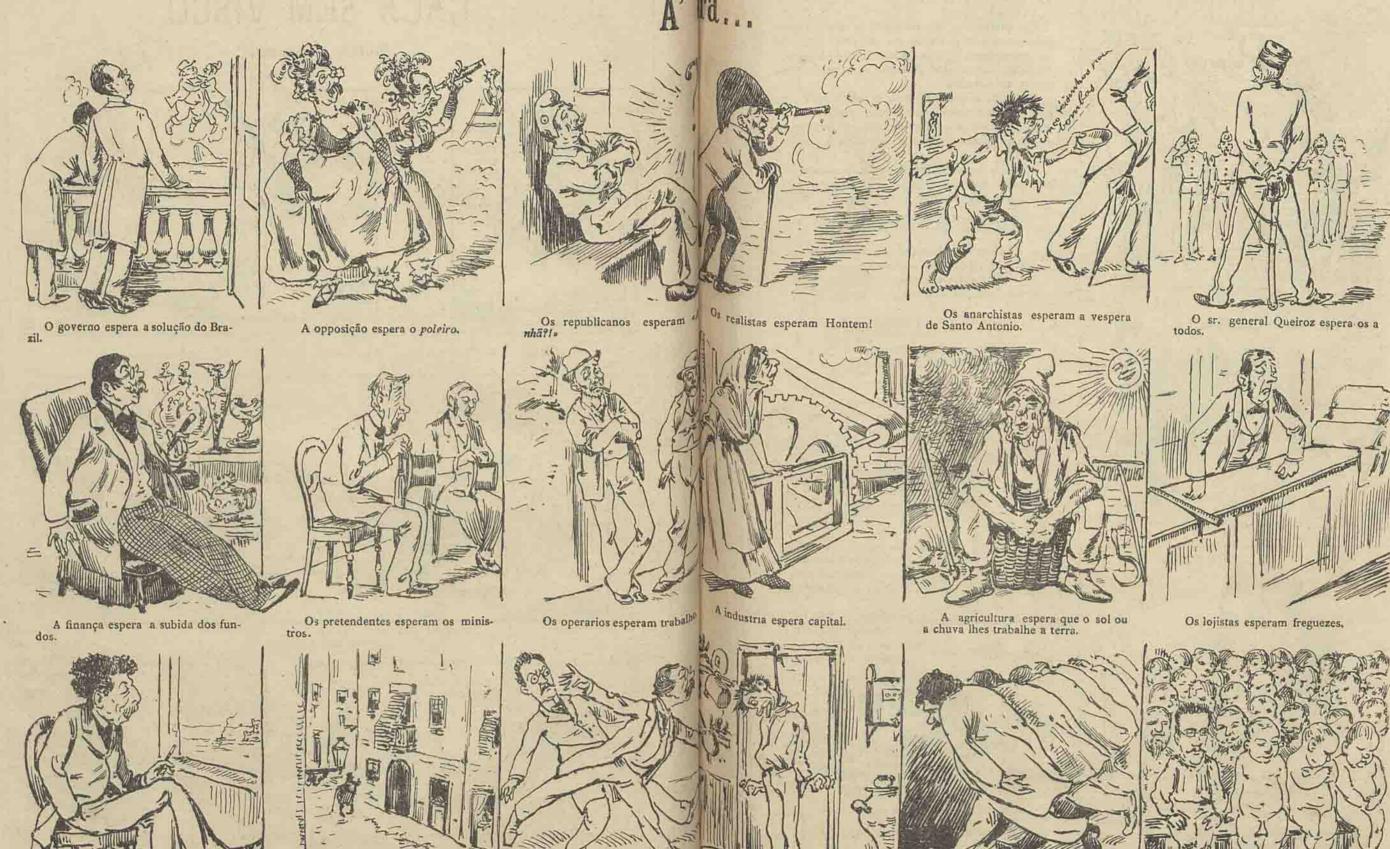
Anda, minha gulosa!



Puml



Victoria!



A sciencia espera o cholera.

Tudo espera até a travessa da Espera está á espera-

Ninguem avança nem recua-

para o outro mundo, suicidando-

Assim desapparecerá esta geração farta de esperar...

MAPHRELBOND ALLAP (NAER Dando logar á geração nova que contitinuará, a esperar... a mesma coisa!





A morte do Amor, por Marco Sponti.—E'o titulo d'um curioso e sensacional romance que vem enfileirar-se na linha das obras de observação e de psychologia a maneira de Bourget, maneira tão apreciada e tão discutida entre nós. Marco Sponti é o pseudonymo d'um rapaz da nossa primeira sociedade, que faz o seu debute litterario com uma obra de largo folego, em que revela primorosas qualidades de escriptor e de artista.

A RECITA EM S. CARLOS

Os quintanistas da faculdade de direito vieram generosamente a S. Carlos dar uma recita em favor dos pobres pescadores de Peniche, levando á acena a engraçada revista O sr. Pellides que tamanho exito obteve em Coimbra.

Na recita de S. Carlos tambem tomou parte Luiz Gama, desempenhando com infinita graça uma scena comica original de Accacio Antunes—Tudo attenuado—de que damos a seguinte espirituosa amostra:

Pedimos licença ao auctor para accrescentar aos seus versos mais estas duas quadras que nos parecem tambem ser de flagrante e exacta observação:

TUDO ATTENUADO

Dizem modernos doutores De saber vasto e profundo, Que é por microbios traidores Que vem todo o mal ao mundo.

Em Portugal, felizmente, Cá n'um cantinho affastado, Microbio que se apresente Chega sempre... attenuado!





Afinal para alguma cousa serviu Lisboa ter sido visitada por um cholera que não era cholera, nem mesmo cholerina, e por um bacillus que nem era virgula, nem ponto e virgula, nem sequer ponto final.

Esse cholera sem nome e esse bacillus sem fórma deram ao menos como resultado a apparição de uma nova marca de bolachas—a bolacha bacillus—da fabrica á Pampulha, do sr. Eduardo Costa. Com esse bacillus no paladar e no bandulho o portuguez, póde considerar-se o ser mais feliz de toda a creação. Mais feliz que o Facadas!

No gabinete d'um ministro

Esperando fallar a S. Ex."



O sr. alferes espera



Espera...



Espera...



Continua esperando



Esperando



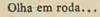
Esperando



Esperando



Até que o continuo annuncia que S. Ex.ª póde fallar ao snr. Alferes.





E na mesma cadeira mas já velhinho só vê um general!!

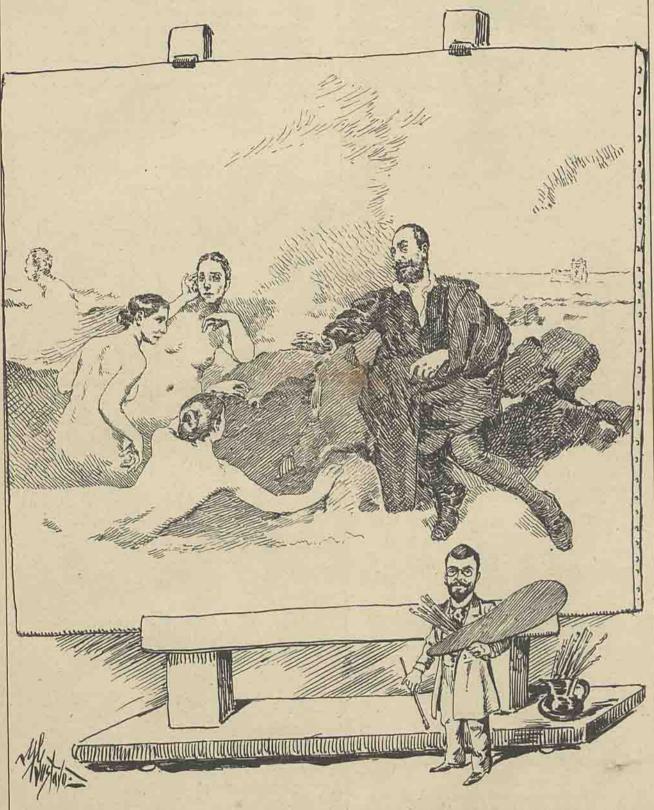
Por antiguidade, o snr. alferes tinha subido de postos esperando fallar a s. ex.º.

O ANTONIO MARIA

ACTUALIDADES RAFHHEL BORDELL OF INHEIR! Veridica imagem d'algumas das 17 açafatas da senhora D. Carlota Josquina.

Editor: J. Garcia de Lima.—Sede da Administração: Largo do Calhariz 12 1.º Lytographia da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão. Imprensa Minerva, Travessa da Espera 12 a 14.

A exposição de Columbano



O cantonio Maria, por motivos de sangue que nos parece algo abnoxio termos de explicar em publico, porque são de todos conhecidos - não póde escrever, como o poderia fazer um extranho, ácerca da exposição de Columbano, que além de Columbano é tambem Bordallo Pinheirol Não sabemos se vêem bem ... N'estas apertadissimas circumstancias, limitamo-nos a abraçar affectuosamente aquelle que, ao cabo de quinze annos de trabalho e de lucta, consegue da imprensa e do publico as demonstrações de apreço e de applauso que geralmente só se concedem aos artistas de fama.

Companhia lyrica italiana



Agora que tão avariadas andam as celebridades, que o reclame faz Pattis aos centos—Ilda Wandick, figura interessante e linda, por se nos annunciar modestamente, sem os rouquenhos trombones da Fama, e por nos deliciar com a sua harmoniosa voz quasi tão deliciosa como a linha harmonica e gentil do seu todo mignon: digna é dos nossos applausos sinceros e enthusiasticos.

BIBLIOGRAPHIA

Luiz de Camões, poemeto por Joaquim de Araujo.

—Em torno da figura austera do epico, o poeta lyrico veio enlear grinaldas de fina e sentida poesia, como a sabe fazer Joaquim d'Araujo. A edição é um bijou de bibliophilo.



O Senhor de Foles, por Sanches de Frias.—N'este romance novamente o estimado e apreciado homem de lettras revella as suas bellas qualidades de engenho e de observação, escrevendo um livro interessante e apaixonado, n'uma linguagem clara, pittoresca e profundamente portugueza.

Vid'airada, por Alfredo de Mesquita.—E' um dos livros mais interessantes e mais originaes que nos ultimos tempos teem sahi o dos prelos portuguezes. Escripto com extraordinaria naturalidade e com excepcional bom humor, sem ridiculas pretensões de estylo, sem impertinentes audacias de critica, sem preoccupações de irritar ou de épater o publico,—esse livro de Alfredo de Mesquita é a obra d'um escriptor poderosameute equilib ado, observando sem arrebiques e rindo sonoramente dos ridiculos quatidianos como só sabem rir os espiritos sãos. D'aqui lhe enviamos um reconhecido abraço, pelos deliciosos momentos que passamos na leitura da Vid'airada-



Contos, por Laurindo e Valmiro.—Dois mimosos e tenros infantes se reuniram, para produzir uma obrasinha litteraria, que dedicaram a suas mamãs, e mais ao amiguinho Mizaldo, a quem chamam o primeiro dos Ursalinos. Pela leitura d'algumas paginas da sapracitada obrasinha, chegámos a esta conclusão:— que para meninos como Laurindo e Valmiro, a roca, a argola de marfim, a cegarrega, o papagaio de papel, o pião, a bugalhinha e quiçã o biberon, são intertenimentos mais proveitosos á infancia do que a chamada Litteratura. Porque esta, ó infantes, não é positivamente um brinquedo de creanças!...



A Madrugada, por Fernando Caldeira — Aquelle a quem os intimos costumam chamar «o unico livreiro da Peninsula» acaba de lançar no mercado uma primorosa edição da lindissima comedia em verso, de Fernando Caldeira, a Madrugada. A edição é illustrada com photographias feitas sobre lindissimos instantaneos do sr. Bobone. Recommendamos aos apaixonados da boa iitteratura este livro devido ao bom gosto de Manuel Gomes, o livreiro da moda.



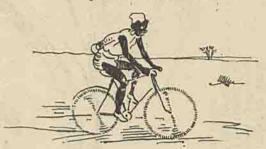
José da Silva Carvalho e o seu tempo, por Antonio Vianna.—O sr. Antonio Vianna acaba de dar a lume o segundo tomo dos documentos para a historia contemporanea, documentos que pertenceram ao seu antepassado José da Silva Carvalho, e pelos quaes se vê que papel notabilissimo desempenhou esse grande homem d'Estado no periodo difficil da implantação do regimen liberal entre nós. O sr. Antonio Vianna com a compilação superiormente annotada d'esses documentos, está fornecendo grandes e valiosos subsidios para a historia do constitucionalismo de Portugal. Por isso lhe enviamos as nossas felicitações, agradecendo-lhe a amavel remessa do seu importante trabalho.

(No proximo numero continuaremos a fallar d'outras obras que nos teem sido enviadas).

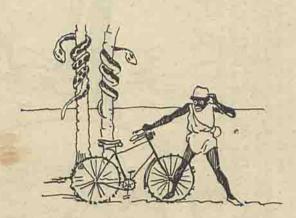
CYCLISMO NO DESERTO

OU

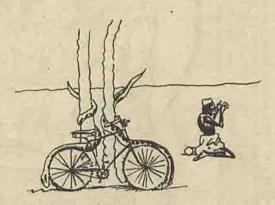
O que é à Providencia



Atravessando o Sabara



Uma calamidade



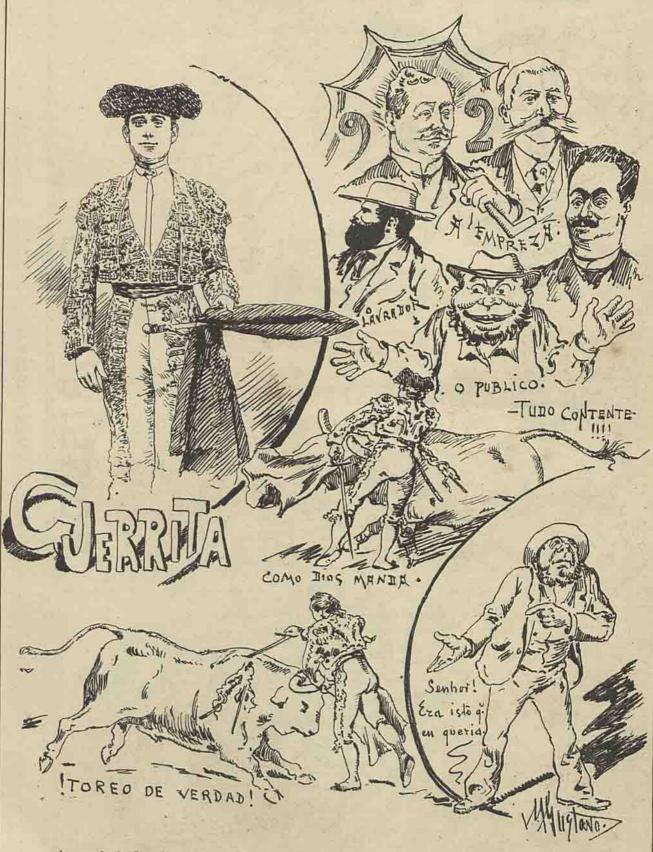
Fazendo oração



Resultado explendidos pneumaticos serpentinos.



A tourada de Guerrita

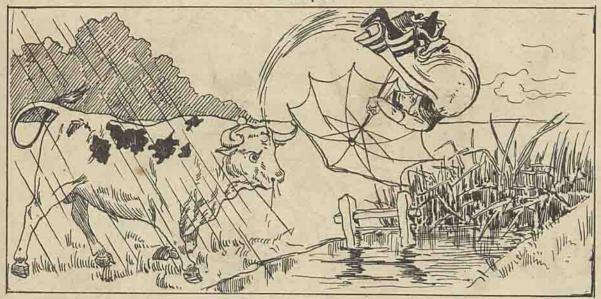


A tourada de Guerrita no Campo Pequeno constituiu um verdadeiro acontecimento para todos o os affinados. E tão grande foi o exito alcançado pelo notavel espada, que ahi vemos os afficionados empenhados em obter da respectiva Auctoridade licença para touros de morte, quando vier a Lisboa qualquer diestro notavel de visinho reino. Nos exclamamos como o nosso amigo Romão:—Que lo matel ...

UM TOURO AMAVEL



Hesitação



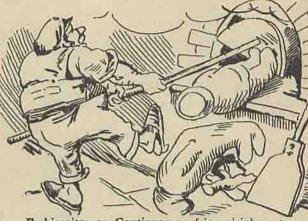
Transmigração



Gratificação

UMA MASSADA





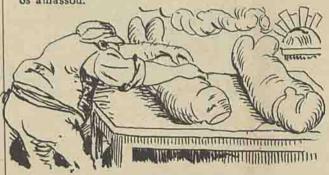
E abiscoitou-os. Continuou na faina sósinho e toda a freguezia foi servida.



e iam muito direitinhos para a gréve, quando o patrão, que não é para graças, lhes deitou a mão e os amassou.



Os dois paesinhos apertados pela fome resolveram comer a propria codea.



Ferrou-lhes um calor.



e ao sahirem d'aquelle saboroso captiveiro cahiram aos pés do patrão, que, magnanimamente lhes perdoou.



Editor: J. Garcia de Lima.—Séde da Administração: Largo do Calhariz 12 1.º Lytographia da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão. Imprensa Minerva, Travessa da Espera 12 a 14.

OLIVEIRA MARTINS



Ao Antonio Maria, cumpre o dever de tarjar esta pagina de rigoroso lucto, lucto nacional, lucto de portuguezes que veem sumir-se na sombra de um tumulo o vulto eminente d'esse homem que tauto amou e honrou a sua patria, e tão vivamente ambicionou salval-a. Oliveira Martins foi, sem duvida o trabalhador de mais vasta e mais fecunda expansibilidade da sua geração, e nenhum outro espirito contemporaneo percorreu entre nós mais espaço em menos tempo. Não eram, porém, sentimentos proprios do seu espirito o bem-estar em frente da realidade, a alegria de viver. A gravidade e a tristeza, que elle considerava como qualidades da alma partugueza, eram-no tambem da sua mesma alma. Para taes espiritos, a morte deve ser um bem. Mas que sepremo desespero esta de ver cahir e morrer, no auge d'esta tremenda lucta que está sendo a vida da patria portugueza contra poderosos elementos estranhos—os poucos, raros homens de saber e de tempera, que justamente nos mantinham a esperança, e porventura nos dariam o estimulo para que, quando mais encarniçada a lucta se tornasse, maior vigor se concentrasse em nós l... «Haja ue cepirito da nação e haja no animo dos seus representantes uma restea só da luz que n'outras eras nos fez heroes, e com valor e dedicação pela nossa querida patria havemos de vencers—dizia Oliveira Martius, quando, elevado a governante, não julgava licito duvidar de qual seria a decisão do paiz—tendo a optar entre a rehabilitação pelo sacrificio, e a deshonra com a ruina. Ahl mas se esses morrem, de quem esperar depois dedicação e valor?

Variações caldenses

Tullay

Porque não terá apparecido o Antonio Maria?! Não se nos dava d'apostar que o caso tem produzido umas caras assim



outras assim e ainda outras dando-se ares de commentario indigena a que nunca faltam os costumados temperos não menos indigenas sal e pimenta, (todas as noites na Trindade ás 8 ½, dirigir-se ao bilheteiro) por ultimo a dos nossos assignantes que chorosos lagrimejantes nos esperam para nos cahirem nos braços.

Ora expliquemos a nossa desapparição e reappari-



Com licença das senhoras o caso é este : o velhote ainda cá está.

O Antonio Maria, comquanto tenha residido nas Caldas precisava exceptuar-se das leis de Berquópolis porque estas como se sabe ordenam que:





as gallinhas ponham ovos, os tres mil reis do club tenham valor, os banhos estejam quentes,



os touros dêem sorte, era necessario não nos envolvermos, embrulhar-nos, na generalidade dos que obedecem a quem todo lo manda.



Sim, porque as taes leis de Berquópolis são uma especie de Senhora Apparecida que para as Caldas chegou subitamente sepultando todos os habitos que por cá religiosamente se observavam desde D. João vi, transformando, evoluciando a agua da copa por forma a chrismar sem se sentir, a velha Caldas da Rainha, com o nome de Berquópolis ou grande cidade de Berquó, pela mesma razão que Petrópolis é a cidade de Pedro, Theresopolis a cidade de Thereza.

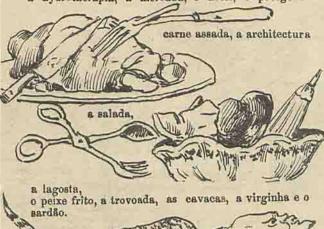
Ao vêr-se o que por ahi vae, ha quem diga não

Ao vêr-se o que por ahi vae, ha quem diga não tarda muito vejamos entrar por essas Caldas dentro os auctores das pyramides que levantados dos seus tumulos, mumificados mesmos, vem cumprimentar



o nosso Pharaó das Caldas pela sua obra gigante que na opinião de uns durará 30 annos, na de outros 80 seculos, começando em seguida novas obras. E ora eis aqui está porque só apparecemos em meios de setembro para repetimos, nos exceptuarmos muito de proposito das leis Berquópolitanas que são aqui tudo :

As aguas, a missa o orgão, a igreja, os sinos, a po-licia, o sol, a chuva, o jardim, o vaso de mangericão, o rodriguinho, a pintura, a poesia, a musica. o sport, a hydrotherapia, a merenda, o hotel, o pecego a



E posto isto estimaveis senhores, justificada fica a nossa desapparição temporaria, embora a nobreza, a guarda municipal, os pic nics as vaccadas, as derri-badas a jaqueta e cinta nos abandonassem, e passassemos de sexteto a oiteto, tendo saltado por cima



do seteto, que esquecido por ahi andou para só nos restar o fungágá do club, que faz as delicias dos sur-dos e a apotheose clubiana da grande cidade de Berquópolis, que a continuar medrosa reverente como até aqui, irá quando menos o espera á tabúa em vez de ir seé a prosperidade como pela natureza das suas condições bem o podia e merecia.



UERRITA



Quando o toiro sae, negro, bragado, bem posto, botinero e dianteiro,-e na 'rente d'esse bello animal Guer-

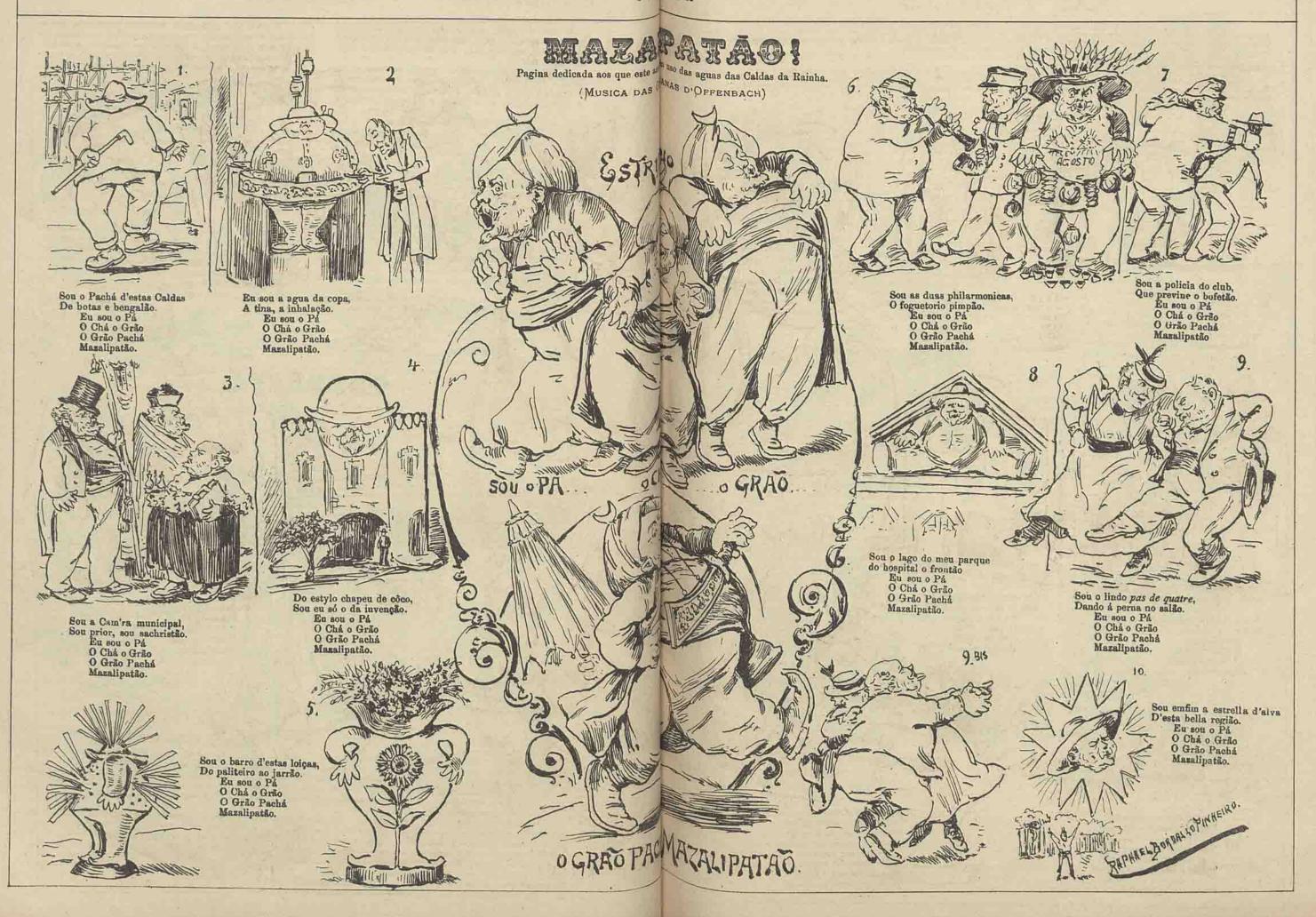
rita surge, surge com elle toda a astucia, toda a graça, toda a grande arte hespanhola em tal combate.

E' uma surpreza incessante de sortes, provocações, detezas, e galanterias. Elle não corre, nem foge, nem evita a respeitavel raiva do animal; chega-se-lhe, passa, eclipsa-se, reapparece, atreve-se, insulta-o, desdenha-o, e por fim, tendo-o bem roçado, aviltado, submettido—tira uma caixa de rapé, e, offerece-lhe uma pitada!

por tim, tendo-o bem (roçado, aviltado, submettido—tira uma caixa de rapé, e, offerece-lhe uma pitada!

—Es una cosa mui digna de ver-se...

O animal recua, intimida se, gagueja, sorri amarello, hesita sobre se deve acceitar ou não, mas acceita sempre, muito agradecido, e quando vae pora tomar a pitada entre os dedo ,—o outro guarda a boceta, e deixa-o perplexo.—«Aquillo não é toiro! pensa o publico,—é vacca! é gallinhalo Mas n'isto o boi solta um ronco surdo, sacode a baba, arregala o olho exasperado e rubro, arma a marrada, e parte contra os nossos, que tinham saltado á praça, e se perdiam de riso com a partida. Tudo, então, se transforma em perigos, sustos, trambulhões e canelladas. É o nobre animal, que só tivera para com Guerrita timidez e affabilidade, faz constar aos compatriotas, pelo trazeiro de um collega, que para elles é que guarda a bella ponta do corno...



Irresistivel tentação nos levou a roubar o conto que vas lêr-se do Livro das Creanças, que o nosso querido Alfredo de Moraes Pinto—
Pan-Tarantula para todos os effeitos—acaba de publicar. Como todos os outros contos, que, com este, formam o bello livro do poeta, cheio de
interesse para a leitura leve das pequeninas pessoas a quem foi dedicado—os Perús lá teem, no fundo, á maneira de moral disfarçada, o ensinamento proveltoso e facil que convém sempre achar nos livres que compramos para os nossos filhos.

O heroe d'esta historia, meus meninosa, que ahi vêdes tão novo e tão brejeiro, podeis vel-o ainda, homemzarrão e vivo, se um dia acontecer que o papa vos leve n'aigum passelo ás Caldas.

E' là que elle reside, e ninguem là vas que o não veja. Ir ás Caldas e não conhecer o Rodrigo, é ir a Roma e não ver o Papa.

O caso que ides ler não se apagou ainda da memoria d'aquelles que o presencearam, e de paes para filhos vas ficando na memoria dos povos convisinhos, a cinco em redor. E quem pretenda e ouse enfurecer o animo irritavel d'esse homem, basta dizer-lhe, cutre os dentes, mas a respetiavel distancia:



O Rodrigo, branco e loiro, Porte airoso, mãos bonitas, E' dos moços mais catitas Entre os moços que eu conheço.

—E de genio, é bom ou mau?

...Se o perguntam, só respondo:

Em dez legos an experimento de legos -Em dez legoas em redondo Não se encontra mais travesso!



Um dis, andando no campo, O traquinas do Redrigo, Por acáso dá comsigo Entre um rancho de perus; Gritando e batendo palmas, As pobres aves acossa, E com sorrisos de troça Solta estridentes gru-grus.



Ao começo, os perus todos Fogem correndo p'lo prado E o Rodrigo endiabrado Sem cança de os perseguir! Mas o rancho, de repente, Sobre a rectaguarda volve E em conselho ali reselve Fazer alto e resistir!



Vendo perus e peruas De aspecto guerreiro e teso, Rodrigo pára surpreso E em maus lençoes já se julga. Elle, que ha pouco se achava Junto aos perus um gigante, Vê se afinal n'este instante Pequeno como uma pulga!

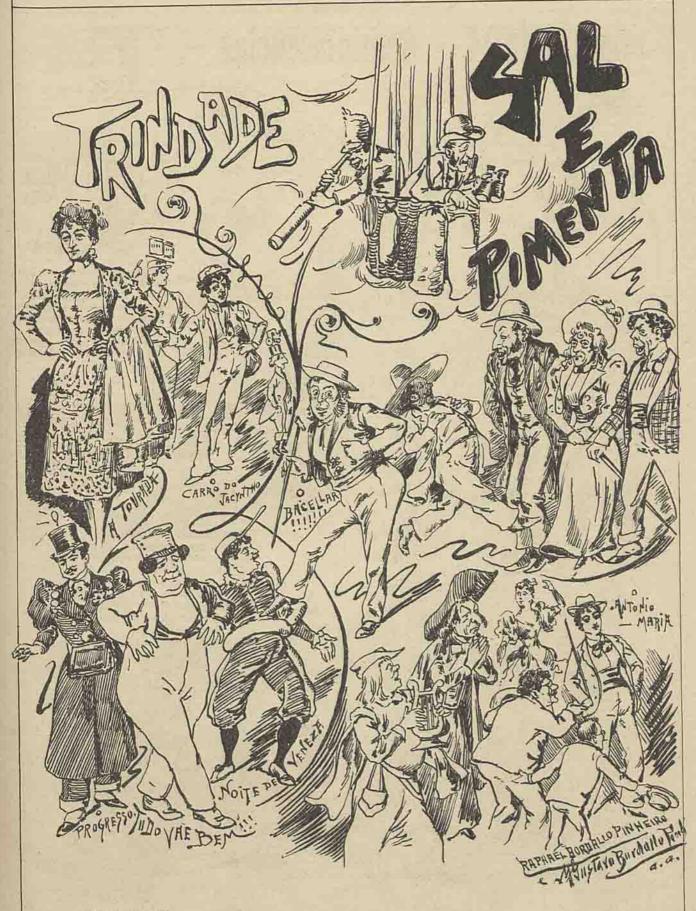
Os perus formam se em linha Sobre o campo de restolho; O maior franze o sobr'olho, Os outros franzem tambem. De raiva os coraes estendem, Como vermelhos pingentes, E o chefe não range os dentes Por ser coisa que não tem.



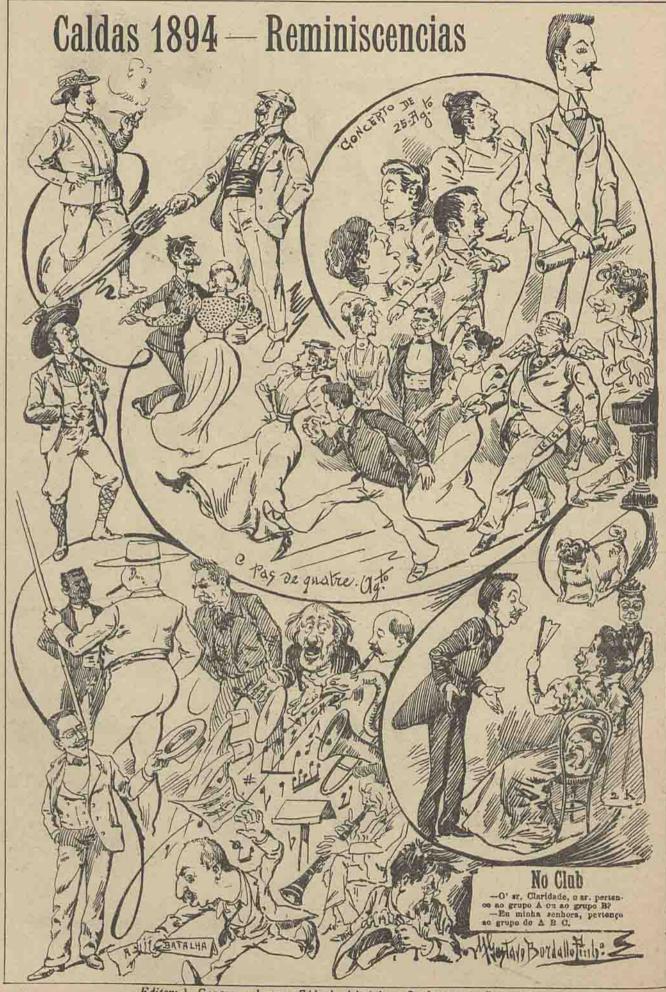
Mas diz, fallando a Rodrigo: —Porventura pensas tu Que has de zombar d'um peru Sem receber correctivo?... Dizendo, salta no moço Que, leve como a gazella, N'um prompto, dando à canella, Foge mais morto que vivo ...



Este conto dos perus Rabiscado á pressa e mal, Guarda no fundo a moral D'um proloquio verdadeiro: Ninguem, por julgar-se forte, Tente aggredir o submisso, Pois muita vez o feitico Se volta p'ra o feiticeiro...



Sal e pimenta!
Revista do Sousa Bastos. Toda a gente o sabe.
Touradas, balĉes, piadas. canções, danças, illuminações etc., etc., etc. Palmyra, Carmen, Amelia Barros, Alfredo Carvalho, Augusto. Queiroz, Silva, Telmo, feias, bonitas, italianos, brazileiros, ministros, pimpões. Tudo por oito tostões. E' de graça, boa graça e muita graça.



Editor: 1 Garcia de Lima. — Séde da Administração: Largo do Calhariz 12 1.º Lytographia da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão. Imprensa Minerva, Travessa da Espera 12 a 14.

Maria Gonzalez (a Portuguezita)



Temos a honra, patriotas de ambos os sexos, de vos apresentar a vera effigie d'uma filha d'Elvas, portugueza dos quatro costados como provou publicando a sua certidão de baptismo, e que apenas chegou á idade da razão resolveu provar aos nossos visinhos hespanhoes, no proprio solo que pisou Cervantes, que a graça e o salero não são apanagio exclusivo das filhas do Guadalquivir—e que tambem ha portuguezas que possuem o condão de maravilhar e conquistar, pela formosura, pela graça e pelo talento. E Maria Gonzalez antes de conquistar o seu paiz resolveu conquistar a Hespanha, e só tomar Lisboa carregada com os louros da tomada de Madrid. O exito que está obtendo no elegante theatro D. Amelia, é dos mais merecidos e justificados. As mulheres portuguezas deviam, todas as noites, cobril-a de flores, porque a verdade é que, depois da padeira d'Aljubarrota, ainda nenhuma portugueza venceu castelhanos aos mil como a graciosa e talentosa tiple.

E viva Portugal!...

Anno x. 403

Variações caldenses

Estou Berquolisado meus senhores



Mazalipatão é affavel quando quer



Salta rapidamente de mazalipatão a fino, sem pas-sar pelo meio grosso.



Os seus carinhos fazem-me cocegas, a baba cahe-me



Até o Ribbas se encarrega de pôr-me o babeiro,

D. Rodrigo deixou de ser



capitão-mór no Club

e Pharaó nas obras



para ser o Rodriguinho do campo enamoradinho todo serio e requebradinho.



Chega mesmo a parecer-me o Maurel no Falstaff quando no 1.º acto exclama—oh mio caro sr. Fontana! Como esta opera ficaria bem na bella voz de Maza-lipatão; e assim em vez de deliciar-nos com a aria de Moyaés,

cantar-nos antes o ritornello



quando io era paggio

Io era sutille, sutille

Rodrigo é uma sereia encontadora. Ao cuvil'o che-guei a persuadir me



que era eu o proprio Mazalipatão com todas as insi-gnias pharaonicas. Já diziamos um para o outro



Elle é o Pá, eu sou o Chá nós somos o Chá

Mas n'este momento apparece este e reclama-Chá nó eu



Sem chá ficâmos dois grãos.



Ora se do *grão nasce a floresta. * segundo Forte Gato—de nós dois grãos o que sahirá?



Que Mazalipatão seja o omnipotente, e eu volto á minha inhalação, porque sou dos que as tomam e não como Pharaó que as tem e as dá generosamente, isto a ponto de eu ter descoberto



que as do pocinho substituem pela modica quantia de meio tostão o mais aucculento almoço. N'este tempo ereio ser caso muito para attender. Inhalur e almoçar por aspiração, e por semelhante preço ha lá nada mais barato?

Expliquemo-nos.

E' preciso ir á inhalação do pocinho depois do almoço dos banhistas, e reparar se os parceiros são hospedes do Lisbonense, do Madrid, do Caldense, do Alliança ou se fazem comida em casa.

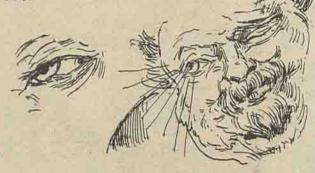
Eu por descuido no dia seguinte áquelle em que fiquei Mazalipatado por horas, almocei no pocinho por aspiração, a bella acorda d'alho, petisco porque me fino, e que o meu visinho da frente tinha acabado de mastigar.

Ora digam-me se isto não é uma invenção digna de um hospital economico. Convidar os que almoçam bem e por meio tostão a inhalar em pocinho apropriado, alimentar por este delicado processo os enfermos e encarcerados.

Desde já declaro que não levo nada pela invenção, a qual fica immediatamente sugeita a que outro lhe chame muito sua, como aqui muito para nós, é d'uso e costume u'esta terra.



Mazalipatão tem um olho fino, transparente, hypnotisador, azul, não é o olho do brejo nem é o olho de barco



é o Bréjeiro do olho como o de Onofroff



quando suggestiona os hypnotisados fazendo-os suppor que bebem fino champagne, quando o que elles saboream é a bella agua.

Fazendo de nos o que quer '



collocando-nos admirados, de bocca aberta diante de uma pedreira feita na copa e que será o futuro hospital,



mas que já se parece com aquelle palacio de Herodes representado no presepio Cesario pulcherico que pelo natal de todos os annos aqui admiravamos, e era invenção e pertence d'umas bondosas excellentes senhoras e manas que faziam presepios e magnificas trouxas d'ovos.



Elle leva-nos com o dedo a admirar a Casota do parque com o seu boi imaginario á porta, triste e la-erimosamente berrando em resposta á pergunta—o que faz alli?—Estou á espera—da nora,—quando a gente sempre por causa do dedo o que tudo aquillo lhe parece é um dos lindos chalets de Nice com uma senhora não menos linda á porta.

Elle leva-nos com o dedo defronte do sleeping-car que communica os dois edificios



trem de luxo com passageiros de barretinho branco, toilette é claro que tem de ser prescripta aos banhistas depois de concluida toda a obra Pharaonica.



V. Ex.* desculpe mas eu pensava que a estação thermal das Caldas se devia tornar agradavel a todas as pessoas que as quizessem utilisar, pensava que no parque se deviam arranjar caffés, distrações theatros, concertos, ruas bem calçadas, onde não houvesse poeira. Pensava emfim que tudo isto convidaria, engrandeceria.



-Pensavs?! pensava?!!!

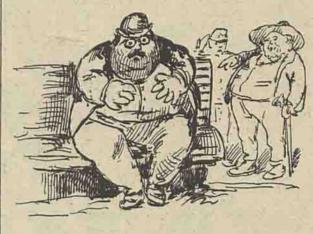
E' preciso que saiba que n'esta terra ninguem pensa se não cu—

Pensava?!! Então hein?! Essa não está má. Com que então a pensar?!!



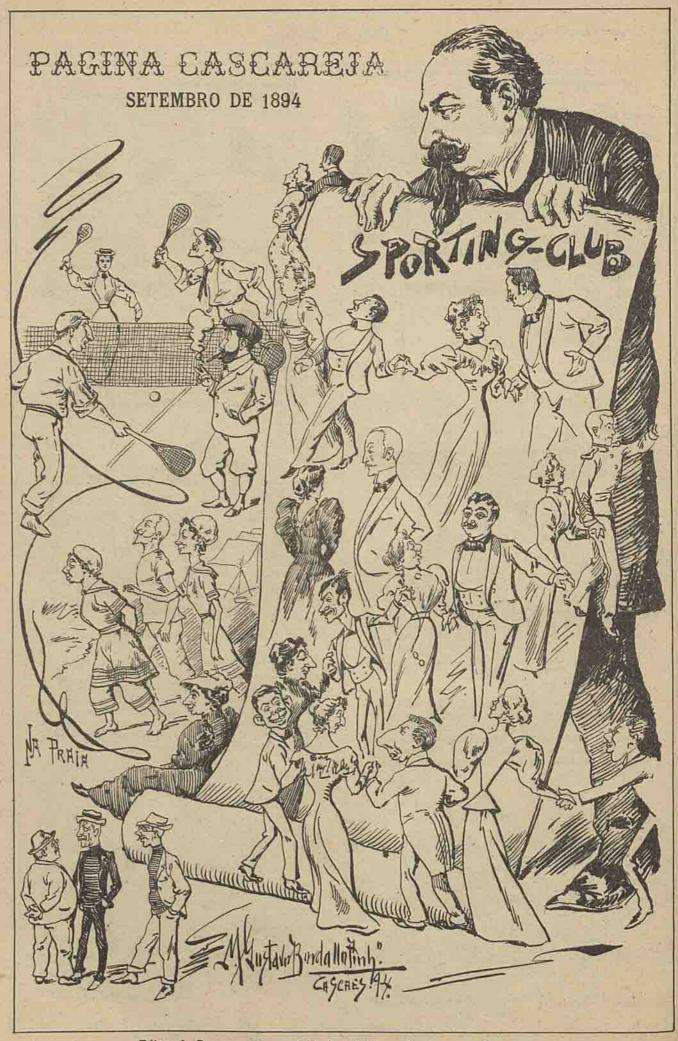
Já viram maior descôco? Pensar?!!

Não querem lá ver o atrevimento com que me querem invadir os meus unicos, e exclusivos attributos?! Querem pensar, os idiotas! Nunca se viu coisa igual.



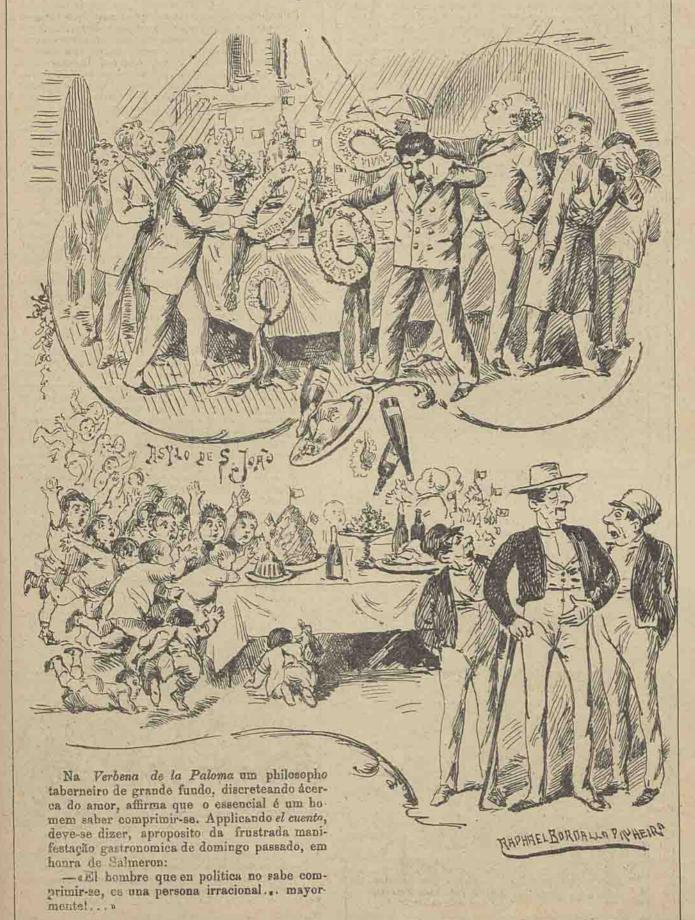
E assim nos reduzirá á convicção de que ninguem poderá permanecer em Berquópolis sejá mais alto ou mais gordo, mais sabio do que elle, porque de futuro será feita aqui uma rigorosa fiscalisação, não deixando habitar estacionar ou vera near n'esta estação, pessoas que não estejam em condições acceites pelo supremo juiz de Berquópolis, o paiz dos pedregulhos e do estylo—Mazalipatado, pulcherico berquólino.





Editor: I. Gargia de Lima.—Séde da Administração: Largo do Calhariz 12 1.º Lytographia da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão. Iuprensa Minerva, Travessa da Espera 12 a 14.

o almoço frustrado



Variações

Os nossos leitores não devem extranhar que não fossemos dos primeiros jornaes a annunciar-lhes a sahida inesperada e quiçà violenta, do reino de Portugal, de D. Nicolás Salmeron, ex-presidente da ex-republica hespanhola. Muitas razões militam a nosso favor, para que nos absolvam de semelhante falta de reportagem. Uma d'ellas é o facto, assás conhecido, do An-tonio Maria só se publicar ás quintas-feiras, o que faz com que ás vezes não chegue a tempo para dar no-ticia dos casos occorridos aos domingos. N'este ponto confessamos que não podemos luctar com o Diario de

Moticias.

Em todo o caso, o que o nosso primoroso e incomparavel serviço de informação nos permitte, é entrarmos em promenores que nem o New-York Herada, nem o proprio Seculo, são capazes de obter antes de

Assim, per exemplo, perguntou o Correio da Noite, chero de patriotica anciedade, aos orgãos officiosos do gabinete, quaes tinham sido—sos motivos graves que determinaram a expulsão do sr. Salmeron. E os orgãos governamentaes, apesar de quotidianamente be-berem do fino-nada, nem palavra!

Toda a gente se perde, mais ou menos, em terriveis conjecturas. E ninguem acerta com o cruel enygma... Pois toda a gente podia ter advinhado, com a simples leitura das gazetas mais acentuadamente republica-nos, a essencia dos «motivos graves» que tanto preoccupam a folha progressista.

Abramos, por exemplo, a Batalha, que, apesar de impressa a preto, nem por isso deixa de se mostrar em publico com um vermelho cada vez mais vivo, mais retinto e mais rubro. Percorrendo o seu numero de 2.ª feira, 8 de outubro, na parte em que trata de D. Ni-colas, e do almoço que lhe queriam offerecer a bordo d'um vapor que devia descer o Tejo até Cascaes, lè se o seguinte :

MENU

Déjeuner du 7 octobre 1894

CHAUD

Consommé à la Salmeron Rissoles de gibier aux champignons Filets de sole á la Zorilla Aloyau de bœuf á l'amitié.

FROID

Escaloppes de perdreaux á la Camões Jambon de Westphalie á la Calderon.

ROTI

Dindonneaux truffes sauce Perigueux Salade á la Russienne

LEGUMES

Haricots verts a l'espagnole

ENTREMETS

Poudding à la portugaise—glaces assorties—pièces montées—biscuit de Turin—Nougat à la Parisienne

Ora aqui tem o Correio da Noite, a verdadeira essencia dos «motivos graves» -- ou antes, «os motivos graves propriamente ditos.

Nenhum governo, fosse elle o mais credulo ou o mais papalvo dos governos, ao chegar-lhe ás mãos esse *menu* sabiamente composto pela casa Ferrari, podia um instante acreditar no que estava lendo.

Pois quê!... E' lá possivel que homens que todos os dias vertem lagrimas de sangue sobre as desgraças, a ruina e a miseria dos povos peninsulares, victimas d'uma politica que esses homens consideram como sendo a mais nefasta e a mais aviltante de todas as politicas conhecidas e por conhecer; é lá possivel que esses homens, que tanto soffrem com o doloroso espe-ctaculo dos dois pueblos hermanos victimas da mais negra e deprimente escravidão, fossem assim para o meio do Tejo, como quaesquer epicuristas sem pudor, zombar da miseria da plebe, saboreando dindonneaux truffés, de mistura com excellente salada russa, e tudo isto regado com bom bordéus e melhor champagne?!...

E' la possivel que esses homens tivessem encommen-dado escaloppes de perdeaux á lá Camões, e assim fossem injuriar a memoria d'um grande poeta que toda agente sabe que não foi d'uma indigestão de perdizes que elle morreu—antes pelo contrario?!...

E' lá possivel que homens tão aferrados aos seus principios democraticos, pudessem tragar a sangue

frio e publicamente salade à la russienne, que é o manjar predilecto de todos os czares, o que é o mesmo que dizer o symbolo mais bem temperado da autocracia e do despotismo?!.

Não, não podis ser! Esse menu, muito mais de Bal-thazar ou de Sardanapalo, do que de Morat ou de Rosbespierre, não era outra cousa se não a mascara

que devia encobrir uma horrivel tragedia...

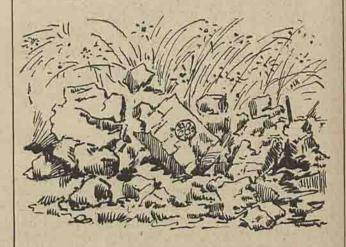
Effectivamente, da casa Ferrari para bordo do Frederico Guilherme partiram varias dóses de rispoles de gibier e de jambon de Wetphalie. O governo, porém, teve a maravilhosa inspiração de fazer apprehender pela policia uma das remessas, e de mandar

tudo a exame para o laboratorio municipal.

E' incalculavel a quantidade de nitro-glicerina, de melinite, de dynamite, de panclatite, de polvora verde e de polvora sem fumo, que se encontrou disfarçada em filetes de linguado, em caixas de sardinhas de Nantes. em prieces montées e em biscoitos de Turim. Parecia uma phantasia infernal digna de Ravachol. Um dos illustres chimicos que procederam á analyse dos falsos comestiveis, que ainda encontrámos no seu gabinete, tremulo de commoção e pallido de ter-

seu gabinete, tremulo de commoção e pallido de terror, jurou-nos pela memoria de Cheoreul e de Wurtz,
que examinara um aloyan de bæuf onde havia sufficiente materia explosiva para, rebentando no fundo
Tejo, erguer uma tromba d'agua capaz de inundar
toda a parte baixa da cidade...

Aquillo não era almoço: era o dia do Juizo!



Se esse almoço infernal se tivesse realisado, Lisboa estaria hoje em ruinas, como esteve, em 1755, em seguida no famoso terremoto. Bem andou, pois, o governo, poupondo-nos a tão grande cataclysmo.

Quanto á parte verdadeiramente comivel do festim, quer-nos parce verdadeiramente comivel do festim, quer-nos parecer que o governo andou mal, muito mal, consentindo que os manjares fossem mandados de presente ao asylo de S. João. Ha muito que não assistimos a tão deleteria propaganda pelo facto.

Emquanto a guerra ás instituições se faz apenas com artigos de fundo e discursos, bem vão as instituições. Mas quando as avecuentos consecum a sahir

com artigos de fundo e discursos, bem vão as instituições. Mas quando os argumentos começam a sahir,
quentinhos e apetitosos, das cosinhas do Ferrari, então o caso é mais sério e mais grave.

Que imaginam a estas horas os jovens asylados do
asylo de S. João e suas respectivas familias, que é
uma Republica?... Imaginam com mui fundadas e
saborosas razões, que é nma tórma de governo qué
tem o extraordinario condão de mudar o hamilde carapau dos pobres em filets de sôle com môlho de enxovas, o carneiro com batatas em dindonneaux truffôs; imaginam a estas horas que é um regimen providencial que tem a virtude de transformar a brôa
em puding, e o carrascão em optimo bordéus.

Quem uão hade ser republicano com a ideia de que
na republica social, o caldeirão da collectividade, ha
de ser preparado, mexido e temperado pelo proprio
Ferrari?...

Para combater efficazmente uma tão perigosa pro-

paganda republicana pela truffa, só vejo um meio:—

é o governo encarregar a Companhia das Aguas de,
aos domingos, em vez de agua do Alviella, servir aos
lisboêtas genuino vinho do Porto... Mas da colheita
de 1815! Para combater efficazmente uma tão perigosa pro-

QUIDAM.

THEATROS

Apezar de meia Lisboa ainda andar pelas praias dividindo o seu tempo entre os prazeres matutinos e refrigerantes do mergulho e as commoções nocturnas e febris da roleta e do monte-o que deixa suppor que Lisboa é uma cidade de marmore de virtude encravada n'um paiz de batoteiros-apezar de meia capital ainda andar ás turras com o Oceano e o double zero, nem por isso os theatros, que ora se acham abertos deixam de ter numerosa concorrencia.

E' verdade que o inverno só entre nos é officialmente inverno, quando estão abertos S. Carlos e D. Maria. Mas S. Carlos, desde que o sr. José Dias lhe supprimio o subsidio, só abre as suas portas a 15 de dezembro, entendendo o nosso amigo Freitas Brito que a um paiz a quem o mesmo sr. José Dias tirou um terço dos juros, seria crueldade deixal-o debater-se no numero integral das antigas e infernaes tentações.

«Meu Portugal! meu berço d'innocentes! exclama com voz caridosa o emprezario de S. Carlos. Não serei eu que te obrigue a pôr o ultimo lençol no prego! Não podes pagar 90 recitas de assignatura; não?... Pois aqui tens só 60... e não chores! e não te enforques!...»

E aqui está como-graças a Freitas Brito -nem os pregos tiveram de alargar as suas dependencias e as suas caixas-fortes, nem Lisboa deixou de ter a sua opera favorita.

-=*=-

Quanto a D. Maria, que tinha por uso e costume abrir as suas portas no dia 1.º de outubro, se o não fez este inverno com egual pentualidade, foi porque o Ministerio das Obras Publicas entendeu que a sala precisava de reparos, os dourados de novo ouro, os camarotes de novo forro, e o tecto d'um novo tecto.

Para o tecto se abrio concurso entre artistas nacionaes, sendo este trabalho confiado ao

pintor Columbano Bordallo Pinheiro.

A abertura de D. Maria, para os primeiros dias de novembro será pois esta epocha duplamente interessante, pois assistiremos a um tempo a dois espectaculos novos-ao espectaculo do palco e ao espectaculo do tecto.

Esta dupla exhibição, uma no sentido horisontal, outra no sentido perpendicular, não deixa comiudo de trazer preoccupados certos habitués de D. Maria; - pois ainda não atinaram com a melhor posição para ao mesmo tempo gosar das sensações oculares que lhe venham do proscenio concumitantemente com as que lhe venham das alturas em linha vertical sobre o toutico.

N'essa noite da abertura são será decerto o fauteuil d'orchestre o melhor lugar para se gosar a um tempo o que se passa em cima e o

que se passa em baixo.

Para pôr um termo a esta horrivel anciedade em que se debatem os já citados habitués, nós ousamos lembrar á arrojada empreza de D. Maria que para a noite de abertura substitua as cadeiras- por trapezios collocados a meia altura da sala.

E' a unica solução que n'este momento se nos affigura mais facilmente realisavel, mais facilmente realisavel, mais original e menos dispendiosa.

No theatro D. Amelia continua sendo alvo de ovações, que não hesitamos em classificar de calorosas, a graciosa tiple Maria Gonzalez, entre parenthesis, a Portuguezita.

-==*==-

N'este paiz onde floresce o patriotismo e onde toda a gente exerce a profissão de patriota, reclamando cada qual a honra de ser descendente do Camões e do Gama-foi preciso que uma cantora nova, bonita e com muito talento exhibisse a sua certidão do baptismo, para então a considerarem portugueza dos quatro costados. Parece que o talento e a formosura cerrem a jorros pelas valetas, para as-sim se duvidar da palavra de quem tão gen-tilmente se orgulhava de ter nascido em Portugal.

Essa certidão de baptismo, pela qual se ficou sabendo que Maria (Gonçalves para os lusos e Gonzolez para os castelhanos) é filha d'um modesto latoeiro d'Elvas, sendo padrinhos da neophita o mestre barbeiro José Folgado e o mestre carpinteiro Joaquim Baptis-

A nossa policia eforma necessaria

AO SR. MIN DO REINO



Ill. ***o Ex. ***o Sr. **—Os acontecimentos de domingo passado por causa de certo almoço no Tejo, e os clamores da imprensa contra o policia ordinarão, sem o mais ligeiro vislumbre de homem de sala, que foi encarregado de se abeirar de D. Nicolás Salmeron, deram ao Antonio Maria a certeza de que a nossa policia carece d'uma reverendissima reforma.



CARROL STREETS SEE

Para nos, que a ella estamos acostumados desde a mais tenra idade, serve,—apesar dos seus modos, dos seus empurrões, das suas ordes, e do peso dos seus chanfalhos.





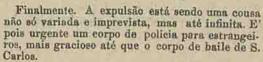
Assim, por exemplo, ex.mo sr., não comprehendemos o motivo porque o governo civil não envieu a D. Nicolás, um agente que, apesar de bufo, tivesse todo o ar d'um elegante pourri de chic e d'um socio do Turf.



Amanhã cae em Lisboa o chefe d'alguma tribu revolta de Marrocos, ou algum chefe de conspiradores dos estados do Grão Turco. E' pois indispensavel que o governo civil tenha ás suas ordens agentes que, n'um momento, se transformem em mouros da mais fina estirpe, ou em turcos dos mais apetecidos por Mahomet.



D'onde concluimos, que um governo civil d'uma espital cheia de seducções e abertá por terra e por mar ás tentações do estrangeiro, como é Lisboa, sem um guarda-roupa adrede, como o do Cruz ou o do Carlos Cohen, não se comprehende, não se admitte, não se tolera.





Esse corpo de la Seria ser tudo quanto de Seria conveniente vestil-o á Luiz xv. Etil-o á Luiz xv. Etil-o á front trangeiros á front nuete, offerecendo trouxas d'ovos e ser tudo quanto de vesse de conduzir estende nuete, offerecendo trouxas d'ovos e ser tudo quanto de vesse de conduzir estende nuete, offerecendo trouxas d'ovos e ser tudo quanto de vesse de conduzir estende nuete, offerecendo trouxas d'ovos e ser tudo quanto de vesse de conduzir estende nuete, offerecendo trouxas d'ovos e ser tudo quanto de vesse de conduzir estende nuete, offerecendo de la seria conveniente vesse de conduzir estende nuete, offerecendo de la seria conveniente vesse de conduzir estende nuete, offerecendo de la seria conveniente vesse de conduzir estende nuete, offerecendo de la seria conveniente vesse de conduzir estende nuete, offerecendo de la seria conveniente vesse de conduzir estende nuete, offerecendo de la seria conveniente vesse de conduzir estende nuete, offerecendo de la seria conveniente vesse de conduzir estende nuete, offerecendo de la seria conveniente vesse de conduzir estende nuete, offerecendo de la seria conveniente de la seria conveniente de la seria de la seria de la seria conveniente de la seria de



O chefe d'essa policia ideal estava naturalmente indicado. Ninguem melhor do que Justino Soares, para tão espinhoso quanto aereo cargo. Mas roubal-o á dança seria um crime de less-elegancia e de less-seducção.



Pelo que pedimos se entregue a chefia d'essocorpo especial de alta policia, ao mui excellente pachá das Caldas da Rainha, a quem a Providencia tornou proprio para reconduzir á tronteira os estrangeiros de quilate e marca.

E. R. M. co O Antonio Maria. ta, tocando este com a prenda de Nossa Senhora da Conceição—essa certidão de baptismo, diziamos nós, e a sua publicação em todos os jornaes de Lisboa, é o exemplo mais tocante de simplicidade e de bondade que pode dar uma mulher em evidencia pela sua

graça e pelo sou talento.

Diz o Garrett que no seu tempo os bacalhoeiros queriam aparentar de barões e de baronezas as costureiras. Hoje ha tal que nem
já se satisfaz com a corôa de marquez, e que
daria um thesouro, a quem lhe provasse que
os Paneracios pelejaram sob os mouros de Jerusalem e descendem em linha recta de Ricardo Coração de Leão, ou do proprio Carlos
Magno.

Este snobismo aristocratico que tem atacado implacavelmente e especialmente as mercearias e as lojas de pannos, felizmente que ainda não atacou os filhos e as filhas dos latoeiros d'Elvas... E Maria Gonzalez para provar que é portugueza não hesita em dizer quão pouco azul é o sangue que lhe corre nas veias com a mesma bonhomia e—quem sabe!—talvez até com o mesmo orgulho, com que o nosso amigo Coquelin costuma dizer aos grandes da terra que não é mais do que o filho d'um padeiro de Boulogne Sur-Mer. E nem sequer hesita um instante em fallar do tempo em que simples marmiton levava o pão a casa dos freguezes.

Liquidada a questão da nacionalidade, que certos espiritos—que chamaremos bem intencionados—consideravam com uma simples especulação (santas alminhas!)—Maria Gonzalez passou a ser a figura predilecta da companhia Ortiz, a ser o alvo de grandes ovações, e o publico a bisar com phrenesi os trechos principaes de cada zarzuela.



O cartaz do D. Amelia annuncia, por exemplo, uma representação dos Africanistas, em que a nossa compatriota, mais o distincto comico sr. Nadal, e o tenor sr. Gonzalez, são primorosos de graça e de bom humor. Pois é mais que certo que não é a uma representação dos Africanistos que se assiste, mas sim a duas—de tal modo a peça é bisada.

Se n'um restaurant, quando devoramos um peito de perdiz, nos toma o desejo de repetir a dose, que nos acontece ao fim do banquete?

O pagarmos duas doses.

Se fumamos um charuto e nos apetece fumar segundo, que succede? Pagamos dois ao

estanqueiro.

Por isso achamos que o publico lisbonense vae além do que lhe concede o preço d'um logar, querendo que lhe sirvam todas as noites dois espectaculos— quando apenas pagou um

E' o que está succedendo com os Africanistas e tambem com essa obra-prima damoderna zarzuella, primor de graça e de pittoresco, peça que é um prodigio de observação e de critica de costumes, musica que é
uma joia de factura musical e de caracter popular, e que se chama La verbena de la Paloma.

-==-

Na Trindade o Sal e Fimenta, a engraçadissima revista do revisteiro-mór d'estes reinos, renovada e refrescada com novos quadros, corre a todo o vapor, com uma odocidade de mil espectadores por noite, a caminho das cem (não sei se leram bem) das cem representacões.

D'estes prodigios, mesmo em pleno verão, só tem o segredo Sousa Bastos, graças ao dom especial com que o dotou a Natureza, de ver as cousas domundo por um prisma alegre e prazenteiro, e das coisas mais triviaes e até semsaboronas, tirar pilhas de graça para fazer rir o publico a bandeiras qual d'ellas mais despregada.

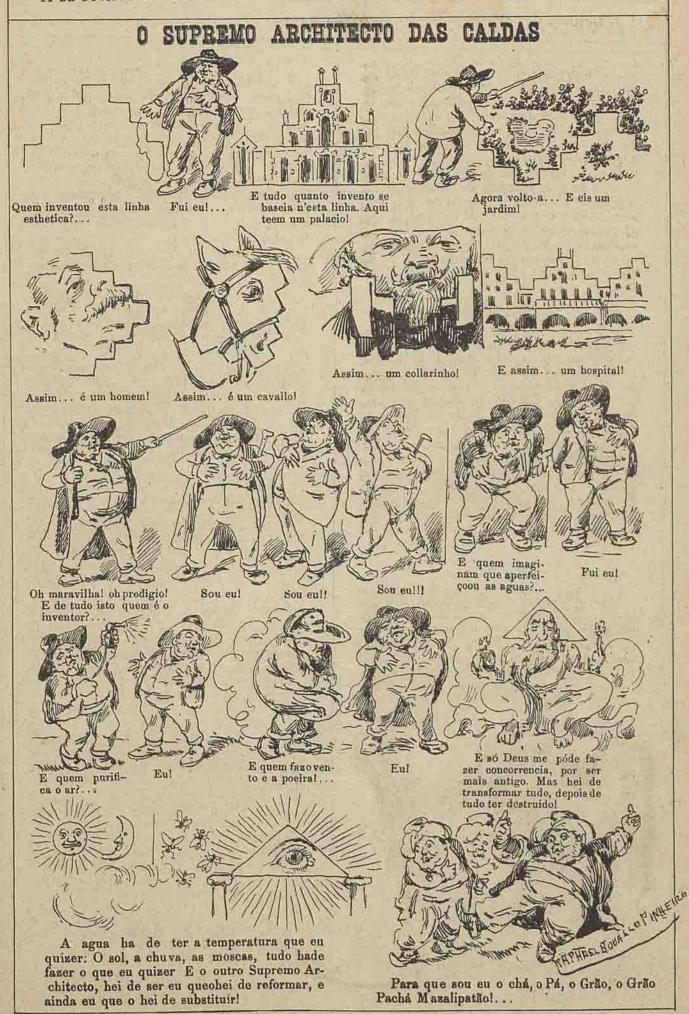
O Gymnasio, com um vaudeville cosinhado do francez, com os temperos para que tem dedo Gervasio Lobato, está fazendo as delicias dos seus frequentadores.

E aqui está o estado moral dos theatros lisbonenses, na presente semana. A sorte a to-

dos bafeia.

Quando o resto de Lisboa tiver entrado na cidade, os emprezarios passearão pela Avenida, ostentando o ar feliz de verdadeiros, genuinos e legitimos millionarios.







Editor: 1. Garcia de Lima.—Séde da Administração: Largo do Calhariz 12 1.º Lytographia da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão. Imprensa Minerva, Travessa da Espera 12 a 14.

O futuro ministro de Portugal no Brazil



O sr. Thomaz Ribeiro, achando o cavallinho de pau um meio de transporte improprio para um diplomata que assignou o D. Jayme, resolve montar o Pegaso, e assim galgar a distancia que separa a torre de Belem do bem conhecido Pão d'Assucar.

Variações

O sr. Themax Ribeiro tem tido va-rias conferencias com o sr. mi-nisiro dos negocios estrangeiros. Consta que muito breve serás res-tabelecidas as relações som o Branil.

(Noticiarle indigena)

E' incalculavel o numero de pessoas que n'este momento solemne se entrega:. ás mais complicadas co-gitações, para ver se advinham os motivos porque sinda não foram restabelecidas as nossas relações com o Brazil.

Ninguem o sabe! Não o sabe a Europa; não o sabe o proprio governo, pois os governos teem por norma

o proprio governo, pois os governos teem por norma nada saberem do que se passa...

Mas sabemol-o nós! E vão sabel-o todos os leitores do Antonio Maria,—pela modica quantia de 60 réis. Por este numero de excepcional importancia diplomatica, nem sequer pedimos mais des réis. A noses generosidade—quando ella está para ahi voltada—não tem limitea!

Aiada não foram restabelecidas as nossas relações com o Brazil, porque s. ex ° o marechal Floriano Peixoto, querendo dar um publico e solemne testemunho do alto apreço e consideração em que tem o illustre poeta sr. Thomaz Ribeiro, deseja que a sudiencia de recepção do mavioso enviado de Portugal, esteja por todos os medos á altura do D. Jayme.

O actual presidente e o futuro ministro estudam com todo o ainco os seus papeis. Quando o marechal disser de lá:—«Já seil...»—e o poeta cavalgará o Pegaso (vide 1.º pagina) que o governo mandou alugar á cocheira do Parnaso—e ala para o Brazill...

Ha quem diga que o theatro de D. Maria ainda não abrio por causa das obras a que se está procedendo em

abrio por causa das obras a que se está procedendo em todo o edificio. Disfarce | Montiral . . . O theatro ainda não a brio--porque o sr. Thomas Ribeiro ainda ali não terminou os seus ensaios. Esta é que é a verdade.

Anciosos de conhecermos algumas scenas capitaes da famosa audiencia, tivemos artes para illudirmos a vigilancia dos guardas, e assistirmos a um enado d'e sa

que será tão fallada cerimonia.

Chegámos mesmo ao principio. A scena representava a entrada do palacio em que habita o marechal Floriano. Cedemos agora a palavra ao ensaiador:

..... numerosa cavalgada limpa-se da poeira, sobe a escada, entra pelo salão. (mutação à vista)

E' um vasto salso; cupula altiva; espaldares de sola almofadados; tres janellas inundam de luz viva negros, nobres bofetes torneados; serpentinas de prata em esda mesa; A nobre brazileira gentilesa.

Apenas introdusido n'este salão onde vae ter lugar a audiencia, o poeta do D. Jayme exclama:

-- O senhor Floriano Peixoto? --- Eu sou-lhe dis o ancião; levanta se e corteja .-

Feito connecimento, conforme as praxes do cerimo-nial usado em circumstancias d'estas, o marechal Flo-riano afim de mostrar os seus bons desejos e sympathis para com o nosso paiz, exclama:

-«Eu nunca vi Lisbos e tenho pena; mãe de sabios, de heroes, crime e virtude; golfão de riso e dôr, que ora serena, ora referve e escuma em sanha rude!»

O sr. Thomas Ribeiro logo responde:

-De Lisboa os monumentos quem vos podera pintar! as egrejas, os conventos, o Tejo, as torres, o mar bordado de naus sos centos de mil diversas bandeiras! (o poeta transportado e commovido)



 Meu Portugal, meu berço d'innocente;
 lisa estrada que andei debil infante; variado jardim do adolescente, meu laranjal em flôr sempre adorante, minha tarde de amor, meu dia ardentel

Jardim da Europa á beira-mar plantadol...»

FLORIANO, desejando saber noticias do movimento republicano na peninsula.

---Que novas nos dals da Hespanha?.

O POETA, fagiado á armadilha.

- Oh que soberbas mulheres! valem milhões as malditas! morenas, olhos de lume, selos de fogo, amor profundo... Ail é um gosto ver o geito com que bailam as Chiquitas o fandango mais perfeito que Deus deixou n'este mundo!



FLORIANO, querendo informar-se dos grandes problemas europeus.



-.E a questão social?...»

O POETA, tremulo de indignação.

-- O jantar social é uma orgia;
cada logar, um leito de impureza;
cada riso, um baldão!...
onde faz de bacchaute uma Duqueza;
onde faz de comparsa a mediania;
E um Rei faz de histrišo!

(Floriano escuta espavorido.)

Preside á meza o sordido egoismo, cortejando as paixões dos seus convivas na torpe baccharal, onde transborda em gottas corrosivas o veneno lethal do mundanismo, das taças de crystall.

FLORIANO, mudando de conversa.

--E que novas me dais do nosse Vieirs da Sil-

O POETA, cravando os olhos no tecto

— As flores d'alma que se alteiam bellas, puras, singellas, orvalhadas, vivas, tem mais aromas, e são mais formosas, que as pobres rosas, n'um jardim captivas!»

FLORIANO

-E de Saldanha da Gama, tendes ouvido fallar?... »

O POETA

-sA hera, filha do muro, foi-se encostando, e erescen; a cada cantinho escuro uma rais se prendeu!

nem já rajadas do vento lhe podem causar temor!

FLORIANO

-E que mais tendes para me dizer? ...

O POETA

-- «A vida é o mar: luzes fosforicas á tona d'agua; mil bandeiras ao norte e ao sul; d'auras ligeiras do mar á flor, bando sutil. Debaixo, occultos, monstros horridos; odios mortaes, sangrentas guerras; abaixo mais, rochas e serras; e em todo o fundo, o lodo vill...



FLORIANO, paternalmente

-«Vamos, pôeta, mais tarde virão tormentos e dôr; limpa da fronte o suor d'essa agonia, e caminha! (mudando de tom)

Senhor Ministro, obrigado!... Se o meu coração dissesse a dita que agora sente pelo bem que me fazeis, de vós serieis contente!

O poeta dirige se para junto d'um piano. FLO-RIANO baixo aos seus ministros.

-«Que bella farda bordada! que lindo chapeu listrado! que meigo riso de fada d'entre o bigode doirado!

O POETA ao piano

-- Que edade florida e bella a dos vinte annos!... Não é?!

Que é dos olhos com que eu via em cada cerro um jardim? em cada gruta encantada linda moura namorada com thesoiros para mim?

Que edade florida e bella a dos vinte annos?—Não é?

(Cae o panno)

E aqui tem os leitoras co Antonio Maria,—segundo todas as probabilidades e conforme se póde concluir d'uma rapida leitura do D. Jayme—o que será a audiencia para a recepção do futuro ministro de Portugal no Rio de Janeiro.

O marechal Floriano, para melhor provar a sua sympathia pelo notavel poeta e pelo paiz que lhe foi berço, encarregon o ministro do Brazil na Grecia de subir expressamente ao monte Parnaso, e de convidar as

Musas para assistirem áquella festa.

As nove densas, em consequencia do seu estado de decrepitude, não puderam acceitar o convite. Homero e Virgilio, seus medicos assistentes, declararam ao illustre diplomata brazileiro, que se não responsabilisavam pelas consequencias d'uma longa viagem por mar.

De outros promenores de que formos tendo conhecimento, daremos desenvolvida not cia aos nossos leitores.

QUIDAM.





Segundo as nossas informações, os pretalhazes de cios e comparsas de sir John Bull, primorosamento

Lourenço Marques não passam de amigos, so-

THEATROS

A semana foi mais fertil em cargas d'agua do que

em novidades theatraes.

Os Sarceys sertanejos muito pouco tiveram que fa-ser—a não ser registar na rua dos Condes o debute d'um joven actor comico que, segundo todas as proba-bilidades, tem diante de si um largo futuro.

O novo e festejado artista chama-se Luiz Pinto. Fi-

camos fazendo votos aos ceus para que Deus o livre

dos maus críticos e dos maus ensaiadores.

No elegante theatro D. Amelia, Maria Gonzales, entre parenthesis, a Portuguezita, continua sendo o alvo de todos os binoculos, mais de todas as ovações. O publico ainda não se cançou de a ver na Niña Pancha, nos Zagolotinos, na Verbena de la Paloma, e nos Africanistas.

Se já hoje não ha a mais ligeira duvida ácerca da sua nacionalidade (o mesmo não póde dizer o sr. conde de Burnay, que ainda não ousa pôr, nos seus bilhetes de visita, entre parenthesis, o Portuguezito)—ha comtudo duvidas e duvidas crucis ácerca da veracidade

dos seus cabellos.

As pessoas que privam com Maria Gonzalez affirmam que sua cabelleira é natural. Mas alguns invejosos de florestas capillares affirmam que aquelles cabellos, ou rão artificiaes, ou obtidos com o uso immoderado de Olor de Frances.

derado do Oleo do Egypto.

Está sendo constituida uma commissão de abalisados carecas encarregados de darem parecer sobre este caso, que está apaixonando meia Lisbos. A outra meia não se póde apaixonar, porque ainda se acha a ba-

nhos em Cascaes ...

Na noute de 3.ª feira, no mesmo theatro D. Amelia, tivemos a prémière d'uma linda sarsuela n'um acto e dois quadros—Madre de cordero—que em tempo ou-vimos com grande exito no Slava, de Madrid.

O papel principal foi confiado a sr.º Bayona que n'elle se houve com tento talento, que a peça parecia outra, e não morreu á primeira, porque o publico se

mostrou em extremo caridoso.

Dizia um espectador nosso visinho, ao cahir do

«Mas porque não vae a ar " Bayona cantar para Bayona?... Talvez lá a entendam....

Dissemos no passado numero que a revista Sal e Pi-menta corria, com uma velocidade de mil espectadores

por noute, para a centessima representação.

Meu dito meu feitol O Antonio Maria acaba de receber do revisteiro-mór d'estes reinos uma riquissima epistola, toda cravejada de vossas excellencias, e de attento-venera dore-e-criado-obrigadissimo,-na qual Sousa Bastos nos annuncia que, para festejar a centessima representação do Sal e Pimenta, que terá logar na terça-feira, 30 de outubro, havera n'esse mesmo dia uma matinée no salão da Trindade, offerecida á imprensa de Lisboa, escriptores e artistas dramaticos.

Para que esta centessima seja ainda mais fallada, à 1 hora da tarde do famoso dia serão distribuidos fatos completos e calçado a 6 meninas pobres; e em se-guida serão distribuidas 100 eamolas de 300 réis aos pobres protegidos pela Imprensa de Lisboa.

Vamos distribuir pelos nossos pobres os bilhetes que Sousa Bastos nos enviou; e estamos certos que esta boa acção lhe ha de valer, em cima das cem,-mais

cem representações!

EXPOSICAO D'ARTE



No salão da livraria Gomes, ao Chiado, o sr Quei-roz Ribeiro expõe alguns trabalhos esculpturaes, que já tiveram a honra de ser admittidos no Salon de Pa-ris. O moço artista revela n'essas esculpturas qualidades muito apreciaveis de talento e de saber, dignas de todo o elogio.

MAIS VALE TARDE ...



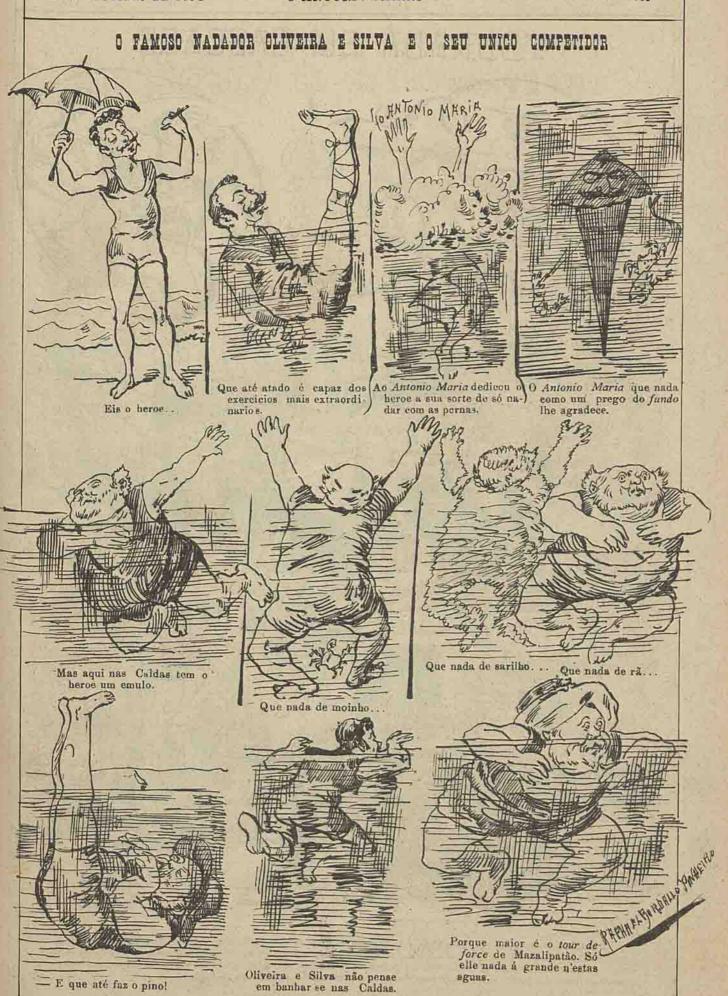
O Antonio Maria faltaria, como se costuma di-zer, ao mais sagrado e até ao mais sacrosanto dos deveres, senão mencionasse, posto que tardiamente, como qualquer bom comboyo expresso, que nunca chega a hora—o sucesso de curiosidade obtido pela

Galeria Monaco, ao Rocio.

O sr. Vieira da Cruz, seu sympathico proprietario, póde ligitamente orgalhar-se de que a abertura da sua casa foi acontecimento de maior monta que a aber-

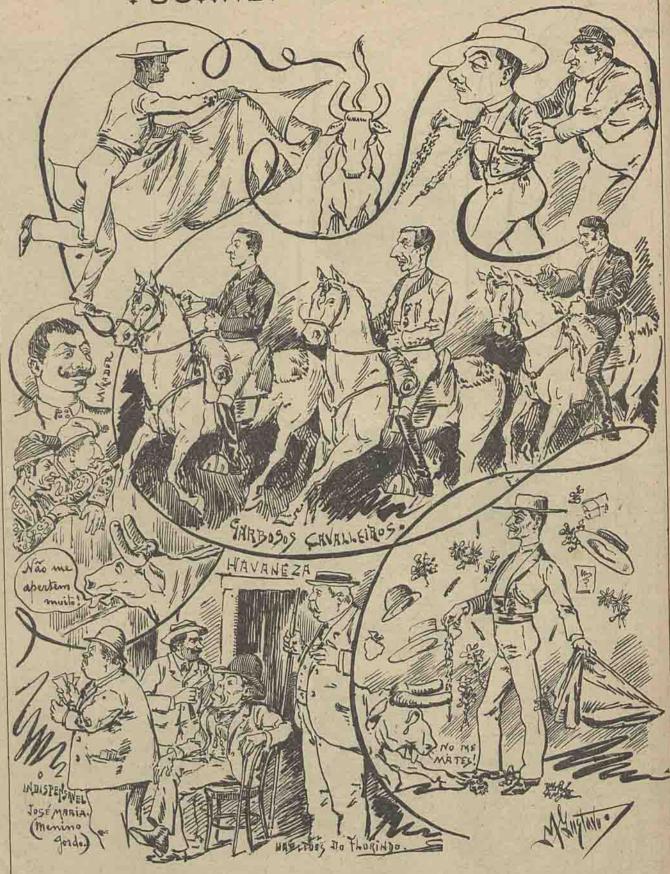
tura do parlamento.

E que até faz o pino!



aguas.

TOURADA EM CASCAES



Na 3.º feira solemnissima e animadissima vaccada em Cascaes. Os cavalleiros e bandarilheiros, todos amadoros da novissima geração de sportmen, realisaram prodigios de dextreza, chegando os primeiros a metter ferros em cachaços de vaccas, que mais pareciam afiados gumes de navalhas de barba. Enorme exito para João d'Almeida, a quem a nobreza e o povo immediatamente deram o cognome de—Guerrita de Cascaes.

Uma distracção da segunda mocidade



Na sua primeira mocidade os livros do socialista Luiz Blanc foram o enleio do sr. Autonio de Serpa. Mas o melhor da passagem, foi que o pagem, chegado á segunda mocidade se transformou n'um anarchista... attenuado!

406

Variações

Ha muito que a nossa policia havia sido prevenida pela policia de Paris e de Londres, que a seita inter-nacional anarchista procurava estabelecer um centro de propaganda em Lisboa.

Lisboa, porém, mostrava-se rebelde ás promessas e ás tentações do anarchismo militante. E a razão d'esta difficuldade é obvia. O anarchismo, pela boca dos seus prophetas, prága a destruição dos governos, dos parprophetas, préga a destruição dos governos, dos par-lamentos e de toda a sombra de auctoridade. Ora des-truir esses elementos de equilibrio político é o mesmo que dizer: acabe-se tambem com eleições, e por consequencia com veniagas, corrupções, chantages e outros carneiros com batatas.

Para aqui é que Lisboa não está virada, Lisboa é uma cidade que se preza de ser revolucionaria,—mas com a clausula expressa que a Revolução lhe não ar-rebate, nem a manga d'alpaca, nem as urnas de fundo falso, nem os cadernos eleitoraes que praticam o mi-lagre, de fazerem ressuscitar os mortos quando uma elei-

lagre de fazer em ressuscitar os mortos quando uma elerção está em perigo ... A ideia anarchista era portanto planta que se definhava a olhos vistos, sem cultores de pôlpa, e a policia dormia, de papo para o ar, o somno das injustas,—quando de repente rebenta e eccôa por toda a cidade a noticia de que o anarchismo, como escola política, estava sendo estudado, e ia ser explicado, e até defendido em publico... por quem?... Imaginem por quem!

Por um antigo ministro! Por um membro do conselho d'Estado!! Pelo chefe d'um partido conservador—d'um partido de burguezes!!!

d'um partido de burguezes!!!

O anarchismo—o credo revolucionario de Bakunine, de Kropotkine, de Réclus, de Vaillant, de Henry e de Ravachol—o verdadeiro, o genuino e feroz anarchismo, analysado, explicado, commentado e até defendido... pelo sr. Antonio de Serpa!

Esta noticia, que a muitos pareceu uma simples bla-gue, fei porém confirmada officialmente pela folha re-volucionaria O Partido Operario, de 22 de outubre, ende o sr. Antonio Serpa, um velho collaborador do Diario do Governo, appareceu pela primeira vez fir-



mando artigos ao lado da sr.º D. Angelina Vidal. E lego a seguir outro artigo do mesmo consetheiro d'Es-tado—nas columnas da *Propaganda Anarchistal*... Depois d'isto podem os francezes cantar:

> Les portugais Sont toujours gais Qu'il fasse beau Qu'il fasse laid

que teem os francezes carradas de razão. E a prova é que são justamente as trovoadas e grandes chuvas dos ultimos dias que nos trazem este facto alegre, unico, incomparavel, d'um conselheiro d'Estado, d'um sustentaculo da Ordem, d'um esteio da Lei, d'um espeque da Auctoridade, vir dizer—que «o anarchismo theorico é sympathico.

Accrescenta, porém, cautelosamente o sr. Serpa:emquanto respeitador em absolute da liberdade hu-

mana.»

Quer dizer: o anarchismo é coisa excellente, que póde ser manuseada sem perigo, emquanto não bolir com as nossas commodidades, com os nossos privilegios, com os nossos empregos, com a nossa propriedade, com o nosso capital, - com tudo quanto possuimos e ambi-cionamos, não em nome da justiça equitativa e racional, mas em nome da força e da astucia. E o ideal do anarchismo para o sr. Antonio de Ser-

pa, seria um anarchismo amavel, risonho e perfumado; pa, seria um anarchismo amavei, risonno e perimado; um anarchismo em que cada marmita de dynamite ou cada engenho de nitro-glicerina, ao fazer explo-são, tudo levasse pelos ares, mas sem nada partir, sem nada quebrar, e sem causar a ninguem a mais leve ar-ranhadura. Um favo de mel!

Les portugais Sont toujours gais Qu'il fasse beau Qu'il fasse laid!

No seu interessante estudo sobre o Anarchismo, o sr. Antonio de Serpa dá-nos uma ideia do que serão as sociedades futuras quando a Sciencia estiver no seu auge de esplendor e tiver feito d'este valle de lagrimas em que ora apodrecemos, um verdadeiro Eden em que tudo se faça e tudo se mova pela electricidade. Ora ouçam este novo Bandarra, a pag. 45 do seu

opusenlo:



Ha de vir tempo em que ninguem terá necessidade de ter uma cozinha, cozinheira ou cozinheiro, nem criadas que os sjudem, porque ficará mais barato e não menos asseado receber de fora, das respectivas emprezas industriaes, o almoço, o jantar e todas as comidas, simples ou luxuosas, conforme a fortuna de

N'este ponto, justo é confessal o para honra e glo-ria do seculo XIX, muito se tem feito de nossos dias, graças a altissimos engenhos. Podemos affirmar sob a nossa palavra d'honra ao sr. Antonio de Serpa que até existe uma empreza de jantares a domicilio, o que póde immediatamente evitar a s. ex.º o pesadello da cozinha e o inferno da cozinheira ou cozinheiro. E são taes os progressos da Sciencia que até o Tavares, com o auxilio de varios latoeiros emeritos, mandou fazer caixas de lata dentro das quaes manda almoços e jantares a quem lh'os encommende—e sobre tudo a quem lh'os pague.

Creia o sr. Serpa que lhe dizemos a pura verdade.

Continua o sr. Serpa divagando pelo paiz da phansia:

«A invenção de variados machinismos aproveitará para pôr a mesa, para lavar a baixella, para operar mechanicamente todo o trabalho manual, mais ou menos grosseiro e repellente, que hoje imcumbe á do-mesticidade. Não diremos que isto se obterá ámanhã, mas ha de obter-se infallivelmente n'um futuro para que estamos caminhando»

Ora aqui teem o ideal d'um conselheiro d'Estado: —não fazer nada, absolutamente nada, e que mais ninguem precise trabalhar, e que a nossa casa, a nossa officina, a nossa repartição, a nossa egreja, seja exactamente como uma caixa de musica—com corda para vinte e quatro horas! . . .

Excellente sr. Serpa! Bondoso sr. Serpa! Como elle sente, comprehende e applaude aquelle famoso coupler da mandrice, que se canta na Galatée de Victor Massé:

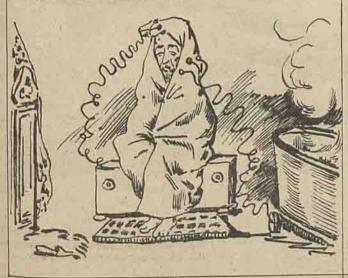
Ah! qui'il est doux De ne rien faire Quand tout s'agite autour de nous!

O que o sr. Antonio de Serpa ambiciona é um futuro muito proximo em que o homem não seja mais do que uma péla evolucionando so capricho da electricidade.

Ao acordar pela manhã, o Homem carrega n'um botão e immediatamente é atirado da cama para dentro d'um banho.



Outra mola arranca-o da tina e mette-o entre lençoes turcos ende é esfregade e limpo n'um minuto.



D'aqui passa para o vestiario mechanico que lbe calça as meias, lhe veste as ceroulas e a camisa, lhe enfia o fato e lh e faz um nó de gravata como só o sabe fazer a mulher que nos ama.



Nova mola que impelle o homem para a casa de jantar. Ahi, variados machinismos mettem-lhe a comida na bocca, dão lhe de beber, preparam-lhe o café, acendem-lho o charuto.



Terminado o almoço, um balão amarrado á janella levará o conselheiro d'Estado, de sua casa para o Tribunal de Contas.



E shi, não é o sr. Serpa que ha de pensar, nem es-crever. Hade ser a machina, a machina que o sr. Ser-pa tira d'uma gaveta, põe deante do papel e da tinta, e a quem o sr. Serpa ordena:

-Um artigo de fundo para a Tarde, sobre finan-

Trrr! Trrr! Trrr! . . .

O sr. Serpa fecha os olhos e recolhe-se com o seu pensamento, emquanto a machina trabalha. Trrr!
Trrr! Trrr!. Tim!.. Está prompto o artigo. O sr.
Serpa abrindo os olhos, e como que voltando a si:

--«Agora uma moção de confiança ao governo, para

ser votada pela camara dos paresi ...

A machina entra de novo em movimento. Está prompta a moção!

E uma outra mola impelle o sr. Antonio de Serpa do Tribunal de Contas para o palacio de S. Bento.

O futuro ideal do sr. Serpa, acabará por ser isto: uma fabrica de pontapes electricos pondo a humanidade em movimento, sem ter necessidade de se servir dos membros locomotores.

A semelhante Eden terreal e mechanico para que nos aponta beatificamente o sr. Serpa, nós preferimos -um bom suicidio! ...

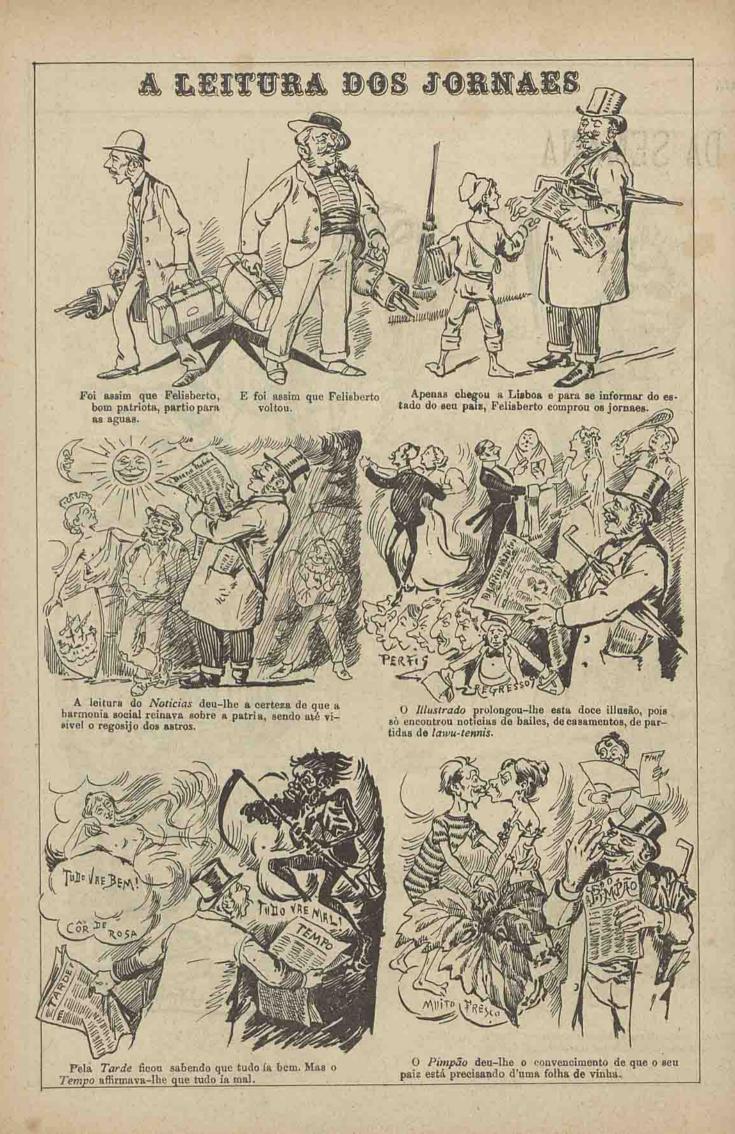
QUICAM.





Zé Povinho: meio sceptico:— «Temos dos me teem engallinhado! São todos uns freis nho. Eu cá sou da ordem do Não me rales!

algos! Todos vocês dizem coisas muito bonitas, mas toleazei o que elles dizem e não o que elles fazes! Adeusi-



BIBLIOGRAPHIA

Do arrojado nadador sr. Oliveira e Silva recebemos o seu livro *Gymnastica de natação pratica*, onde a ju-ventude encontrará os conselhos indispensaveis a quem queira nadar, ou seja de costas, ou seja de bruços, não esquecendo o famoso sarilho de nadegas, pela difficul-dade do exercicio nautico alliada á graça e encanto dos movimentos.

Na parte historica do seu livro e no capitulo em que trata dos mergulhadores celebres, conta nos o sr. Oliveira e Silva um conto egypcio, que não resistimos ao prazer de transcrever e de illustrar.



«Estando Marco Antonio no Egypto, a viver do doce amor da bella Cleopatra, quiz dar-se ao entretenimento da pesca a canna; mas ou fosse-por negligencia, ou por effeito do acaso, o pescador esteve infeliz, o que lhe fez exclamar: «Não existem peixes no Egyptol» Alguns dias depois entregando se ao mesmo divertimento, sentiu uns esticões na linha; levantou a canna bruscamente da agua e viu um peixe preso ao anzol: era um arenque que um nadador egypcio tinha ido col-locar por ordem da formosa Rainha.»

Este conto egypcio do sr. Oliveira e Silva tem a van-tagem de provar não uma, mas duas coisas a um tem-

po, a saber.

1.º Que o mergulho não era ignorado no Egypto.

2.º Que a famosa Cleopatra tinha predilecção pela

maquereu. Exactamente como qualquer vulgar cocotte dos nossos dias.

P. S .- Consta-nos á ultima hora que andam em lucta os mais abalisados egyptologos, porque uns affir-mam que o arenque era vivo, outros que o arenque era um arenque fumado, servido nature ao almoço de Marco Antonio.

Do mimoso lyrico sr. Joaquim d'Araujo recebemos o seu ultimo volume de versos Flores da noite, do qual destacamos o seguinte soneto:





sua bolsa e a sua vida.



Então, Felisberto, pensou, repensou e matutou, e tanto pensou no futuro da patria, que perdeu a saude que acabava de recuperar.



E Pelisberto concluio:-«Ai! que isto é um paiz perdido! E eu sou um homem positivamente encravado...»

O INVERNO NAS CALDAS



---Agora que estou á solta, vae tudo empandeirado, com seiscentos diabos! Raios partam rerainha Dona Leonor, errei Dom João V, e caldenses, e banhistas! Aqui so fico eu! Irrral!!

O MONUMENTO A SOARES DOS REIS



Foi collocada em Villa Nova de Gaya a primeira pedra para o monumento a Soares dos Reis. A ideia d'esta commemoração deve-se aos esculptores Teixeira Lopes que organisaram uma commissão para reunir os fundos necessarios para levar a effeito tão nobre emprehendimento. N'estes tempos de egoismo que vão correndo, é consolador ver prestar uma tão alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo ver prestar uma tão alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo ver prestar uma tão alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo ver prestar uma tão alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo ver prestar uma tão alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo ver prestar uma tão alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo ver prestar uma tão alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo ver prestar uma tão alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo ver prestar uma tão alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo ver prestar uma tâo alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo ver prestar uma tâo alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo ver prestar uma tão alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo ver prestar uma tão alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo ver prestar uma tâo alta homenagem a um homem que, para a maioria dos seus compatriotas, nada foi—nem mesmo dos compatriotas, nada foi do mode do mod

Variações

Afinal de contas quem tem razão, e carradas de razão, é o sr. Antonio de Serpa—e mais o Ravachol.

O sr. Serpa quando nos diz que o anarchismo é o ideal para que todos nós devemos caminhar, isto é, para a completa ausencia de autoridade e de governo. Nem mais nem menos do que a suppressão do odioso Estado.

E Ravachol quando, para precipitar a realisação d'este ideal, se serve de marmitas de dynamite no louvavel empenho de fazer ir pelos ares todos os vestigios da oppressão e da escravidão sob os quaes definhamos.

Ora digam-me se é possivel supportar a sangue-frio o odioso regimen de excepção a que—segundo as pro-postas de fazenda do sr. Hintze—vae ser votada a isca.

A isca, a velha isca, foi a ilha salvadora de todos os fumadores, de todos quantos entenderam dever pro-testar contra a espoliação de que eram victimas por parte da Companhia monopolisadora da fabricação dos phosphoros

Essa Companhia queria obrigar-nos a comprar por dez 1eis uma caixa cavilosamente fechada, cintada e sellada que o comprador suppunha estar cheia de phosphoros. Mas como o comprador pão podia verificar se a caixa estava ou não cheia, sem rasgar os sel-los, succedia que tinha primeiro de pagar a mercadoe depois aguentar-se com a espiga

Quando então abria a caixa e já a não podia recusar ao commerciante, encontrava dentro d'ella meia duzia de imperceptiveis pavios de cabeça azul, a qual cabeça tinha por costume cahir apenas a fricciona-vam ao de leve, de encontro a uma superficie lígeiramente aspera.

D'este modo, para acender um cigarro, era preciso gastar uma caixa. Para acender um charuto—gastar meia duzia.

Passou a ser tão caro o fumar, não por causa do ta-baco, mas por causa do consumo dos phosphoros que só o sr. marquez de Franco poude resistir a este regimen



Todos os demais fumadores do paiz se arruinaram. Foi por isso que n'esses tempos o Diario do Governo andava cheio de annuncios de execuções fiscaes.

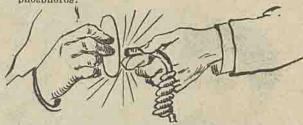
Houve então quem se lembrasse da velha, esquecida isca. O phosphoro foi uma invenção de 1830, que sur-gio na Europa com o *romantismo*. Nasceu com Chateaubriand, e foi-se desenvolvendo com Lamartine, com Musset e com Victor Hugo.

Quando appareceu o Genio do Christianismo era o phosphoro de cabeça, o chamado phosphoro de fricção, um problema quiçá duvidoso. Com Jocelyn e Rolla começou á ter mais alguma consideração. Com o Ruy-Blas passon a ser o rei da moda.

Que havia então, que se usava então, muito antes do romantismo inflammado e iuflammavel, mnito antes da Voz do Propheta e do Alfageme de Santarem. A isca!

A isca!

.-«Pois voltemos á isca!...» exclamaram em côro os fumadores portuguezes, no nobre intuito de protestarem contra o odioso monopolio. Ha até quem diga que o proprio e augusto Chefe do Estado foi dos primeiros a dar o exemplo da revolta, preferindo a isca, o fusil e a pederneira, á mystificação da tal caixa de phosphorus. phosphoros



O que é facto é que a isea de novo reappareceu triumphante, e tão triumphante, que até deu logar a um côro na revista Sal e Pimenta.

O seu reinado parece comtudo ser ephemero... O sr. Hintze declarou-lhe guerra ou morte.

Pelas novas propostas de fazenda, não só e prohibida a importação de isca estrangeira, mas até se pro-

hibe que a nacional seja vendida ás peças.

A isca só poderá ser vendida ás tiras de um metro;
e cada metro fica sujeito ao imposto de 50 réis!

E depois d'isto não querem que haja anarchistas, que o anarchismo se espalhe pelas differentes classes sociaes, chegando até a contaminar o proprio conselho d'Estado!

E depois d'isto não querem que haja odio ao Estado, aos governos e aos governantes!

Esse odio ha de cada vez ser maior e mais perigoso, —porque se está descendo de anno para anno ao tri-buto ridículo, sem resultados praticos de nenhuma especie.

Se o publico deixou de comprar phosphoros — foi porque o publico se sentia defraudado pela Companhia; se recomeçou a servir-se da isca, foi porque não estava disposto a consentir que o ludibriassem.

Mas isso era lucta entre o comprador e a Companhia. Vir agora o Estado intervir n'esse pleito, e porque dispõe da policia e da guarda-municipal, collocar-se ao lado do capital usurario e explorador, e diseas e consumidar. zer ao consumidor:

- D'aqui para o futuro, a isca sò a compras aos metros, e cada metro meio tostão de imposto!...»--isto é que excede tudo quanto imaginaram Melhac e

Halevy, para ser posto em musica por Offenbach... Somente o sr. Hintze esqueceu se d'uma coisa que a isca em cordão é uma invenção d'este seculo, pois antes d'ella havia a isca em fio; e antes do fusil e da pederneira, havia a lente, e era ao sol que a isca se acendia.

D'este modo podemos fugir á isca em cordão, tributada, para nos servimos da isca em fio e da lente. E quando o sr. Hintze tambem sobre estas cahir com novos tributos—resta aos fumadores portuguezes o re-curso de fazerem lume como fazia o homem das cavernas e como ainda fazem os selvagens... friccio-nando dois bocados de madeira.

E não querem que se emigre d'este paiz!... D'aqui a pouco para acender um triste cigarro, com este systema de tudo tributar, é preciso pelo menos ser se director do Banco de Portugal,—ou então, de cada vez que se quizer acender um charuto, a Providencia beneficiar-nos com um bilhete premiado na loteria da Santa Casa.

QUIDAM.

THEATROS



No D. Amelia, Maria Gonzalez, a Portuguesita, teve uma festa artistica que lhe deve ficar de memoria, pois ovações d'aquellas só se fazem em Lisboa-mas raras vezes a artistas nacionaes. Um curioso musical compoz-lhe um fado para a noite do seu beneficio, mas tão lugubre que mais parecia uma marcha funebre do que um fado. Dir-se-ia inspiração d'algum merencorio gato-pingado.



No Gymnasio o publico tem rido a bom rir com as comedias A Gralha e Um para duas, em que são inexcediveis de graça Valle, Silva Pereira, Cardoso e Jesuina.

THEATROS



Na Trindade, na passada 3.º feira, tivemos a famosa commemoração da centessima representação da revista Sal e Pimenta, com uma matinée em que tomaram parte os artistas d'aquelle theatro. Muitos applausos para todos e grandes e enthusiasticas ovações a Sousa Bastos.

ERRATA

No passado numero, ao fallarmos das Flores da Noite, o recente livro de versos de Joaquim d'Araujo, uma diabrura typographica fez com que em vez de offerecermos aos leitores do cantonio Maria um soneto do mavioso poeta, lhe offerecessemos—um harenque fumado: Como isto se passou, nem nós proprios sabemos explical-o... Não retiramos o harenque, porque decerto o ja teem comido. Quanto ao soneto aqui vae elle, fazendo votos ao ceu e mais a Guttemberg para que d'esta vez em vez de soneto não appareça sequêr—uma baleial...



NO MAR

Sonho: parou-me o coração, de frio... No convés começaram a rezar, As ondas assalteiam o navio, Noite escura, gelada, sem luar.

Soluça o vento um cantico sombrio...

Morto ali! que saudades do meu lar!

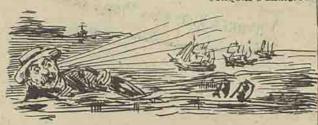
Os mastros são o cyprestal esguio...

E' tão distante ainda a beira-mar!

Sonho: sigo, boiando á tona-d'agoa, Abandonado á compassiva magoa Das vagas, que me emballam, fluctuantes...

Mas como a minha amada me beijasse O beijo della vae na minha face E allumia o caminho aos mareantes...

JOAQUIM D'ARAUJO.



Expediente

Não dispondo de bastante espaço para, no presente numero do Antonio Maria, nos occuparmos da immensa, vastissima e corpulentissima pessoa do illustre pachá Mazalipatão das Caldas da Rainha—limitamonos apenas a dar de Sua Grandeza um mocótó, sentinão deveras não poder dar pelo menos os dois. Para outro numero será—se tambem o espaço nos não falhar



NA PRAÇA DAS CÔRTES

ALTERNATIVA



O primeiro espada republicano Abreucillo passa para as mãos do novel matador Silvita o espadão da eloquencia mais o trapo da rhetorica—e com toda a solemnidade deseja muita sorte ao novo collega.



Editor: J. Garcia de Lima.—Séde da Administração: Largo do Calhariz 12 1.º Lytographia da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão. Imprensa Minerva, Travessa da Espera 12 a 14.

RESPOSTA AO DISCURSO DA COROA



Quando o leader da opposição falla, a opposição rejubila e rebenta em apoiados, emquanto a maioria dá signaes do mais profundo enfado. E quando falla o governo, é a maioria que rejubila e a opposição que se desentranha em furias indescriptiveis. Donde concluimos que seria de toda a conveniencia uma camara com duas presidencias e duas tribunas, de modo que fallassem dois oradores contrarios a um tempo, o que seria motivo de jubilo permanente para os gregos da rua dos Navegantes e para os troyanos do Terreiro do Paço.

Variações

Pangloss tinha razão ás carradas quando dizia que

tudo la pelo melhor, no melhor dos mundos possíveis.
N'este momento historico, como é do estylo dizer
para os lados do Curso Superior de Lettras, os lisboetas podem e devem sustentar a mesma doutrina do famoso personagem de Voltaire. Que ha de melhor que o mundo em que vivemos,

principalmente se attendermos á circumstancia de já-

mais em nossa vida podermos visitar os planetas ainda os mais visinhos da nossa porta?... E que ha de melhor que Lisboa?... Uma terra onde não ha sequer uma questão social; onde os socialistas collectivi tas, como o sr. Fuschini, reunem ás qualidades de revolucionario a carta de conselho; e onde es proprios anarchistas fazem ao mesmo tempo parte do Conselho d'Estado e presidem ao Tribunal de Contas?!...

Que ha de melhor que Lisboa?

E' sahir de casa, por estes dias radiantes de outomno, com um sol que mais parece a irradiação do throno da Magestade Divina de que falla Mahomet no seu da Magestade Divina de que falla Mahomet no seu paraiso, e com um szul arrancado a todos os setins e a todas as porcelanas do Celeste Imperio,—é sahir de casa, por estes dias radiantes de outomno, abrir bem os olhos, e ver, e pasmar, e admirar, o que é a alegria de viver, a felicidade absoluta, integral, d'uma população positivamente ditosa.

Não ha dia em que por ordem do governo não venham para a rua—a pretexto de que se vae render a guarda das côrtes—as bandas militares, no intuito de introduzirem no ouvido das massas o gosto e a paixão pela musica—sem as massas darem por laso. E é assim que talvez se explique a razão porque todos os annos augmentam de 50 % os entendedores na plateia e no galinheiro de S. Carlos.

A felicidade e a riqueza são tamanhas n'esta terra, que um observador ligeiramente attento que desça o

que um observador ligeiramente attento que desca o Chiado, a rua do Almada e volte pela rua do Ouro até so Rocio, notará com surpreza que os donos e caiveiros dos estabalectimentos, passam o des cavas. caixeiros dos estabelecimentos, passam o dia cava-queando encostados pelos humbraes, na companhia dos amigos e conhecidos que passam

Já viram alguem trabalhar, mas o que se chama trabalhar, de sol a sol, em Lisboa? Eu por mim, na area das minhas relações, nunca vi. E muito gostava

de verl
Quando saio encontro sempre todos os meus conhecidos, por essas ruas, por essa Avenida, conver-sando, fumando, passeando, namorando, flanando em

Mas quem é que trabalha, porque afinal ha coisas que apparecem feitas—coisas e pessoas?... Quem fez mais aquelle predio, mais aquelle jardim, mais aquelle jornal, mais aquelle menino? Não se sabel Mysterio! Sobre a origem das coisas e das pessoas continúa sempre pairando o insondavel, o profundo, o impenetravel Mysterio!...

Que grande pandegal-exclama o Augusto no Sal e Pimenta.

Está claro que tudo isto é uma grande pandega, tanto mais que ha quatro annos a esta parte que os ministros da fazenda estão a dizer ao paiz e a Europa, que não temos vintem, que estamos arruina los, que por mais d'uma vez temos estado á beira da bancarrotu

Não temos vintem, isto é, não temos cobre, nem prata, nem ouro. Mas temos papell O governo desco-brio o regimen do rotulo. Da Casa da Moeda fez uma

casa de estamparia. Por signal que se estampa muito

casa de estamparia. Por signat que se estampa intito peòr do que no tempo de Guttemberg, que es lo más que se puede decir! como diz o alcaide dos Africanistas.

Pois apesar de rotulos e mál estampados, não deixa de haver quem dê por essa papelada o que outrora só se dava a troco de boas libras com a effigie de Sua Gracias. Margatado Os pás de mais forem substituiros. Graciosa Magestade. Os pés de meia foram substi-tuidos por archivos. Antigamente, abria-se o bahu, e no pé de meia estavam as economias, em bom e legitimo ouro. Agora não; agora as economias passaram a

estar em pastas, dentro de estantes.

A caixa forte do Banco de Portugal já não é uma caixa forte,—mas uma papellaria como a dos Verissimos Amigos. O banco deixou de ter oiro em barra,

para ter oiro ás resmas. Que grande pandegal..

-Mas vive sel exclama Pangloss! Mas goza-se,

como nunca se gozou tanto em Lisboa!...*
Antigamente—na edade de ouro--quando um commerciante ousava abrir uma loja com tres portas, todo o arrusmento punha as mãos na cabeça. Os lo-gistas d'uma porta só, assombrados com a loucura, porque, diziam eltes, Lisboa não dava para tanto, exclamavam:

-- Está aqui, está fallidol.

Quando o Grandella praticon o arrojo que todos conhecem, em plena rua do Ouro, Lisboa inteira exclava, como se assistisse a uma grande catastrophe:
---Não é para nós! Não se sustenta!...*

Sustentou-se o Grandella, sustentou-se a Arcada de Londres, vão sustentar se os novos Armazens do Chiado, e tudo se ha de ir sustentando, apesar da ma vontade dos idolentes e dos retrogrados, e apesar da falta de dinheiro apontada ás camaras por todos os ministros da fazenda.

Tambem a praça do Campo Pequeno era grandiosa de mais para nós, era impossivel que désse lucros.

E então o D. Amelia? Bom de mais, grande de mais para Lisboa... Já é vontade de gastar tanta somma de contos de réis n'um thestro que só se comprehendia em Paris ou em Londres. Deve-se accrescentar que os que isto diziam eram principalmente aquelles que nunca tinham posto os pés, nem em Paris, nem em Londres. Diziam por intuição—conforme uns calculos que elles la faziam.

E o camaroteiro do D. Amelia ainda esta semana, per mais d'uma vez, sentio o goso ineffavel (para Emprezal) de dizer aa pessoas que lhe pediam camarotes: - « Não ha! »

A's pessoas que lhe pediam lugares de plateia e de paleão:—«Não hall»

A's pessoas que lhe pediam lugares de promenoir e de paraiso:---Não ha! não ha!! h...

E os ministros da fazenda a dizerem as camaras que não ha vintem; e os jornaes da opposição a des-creverem com côres sombrias a miseria que lavra por todo o paiz e principalmente pela capital; e certos jornaes estrangeiros, notaveis maitres chanteurs, não de Nuremberg, como os de Wagner, mas da Bolsa de Paris e de Londres, a gritarem que somos um paiz fallido e ainda por cima completamente a reginado. fallido e ainda por cima completamente arruinado

E cada vez se gosa mais, se luxa mais, se gasta mais dinheiro. Que o digam as coristas da companhia Gar-gano e da companhia Ortiz que, no dizer dos indis-cretos de bastidores, levam acerca da capital á opinião assaz maravilhosa de que é cidade, não de marmore e de granito, como dizia o Herculano, mas de oiro e pedras preciosas...

E não ha vintem. Que grande pandegal ...

QUIDAM.



Na ultima semana, por extraordinarios caprichos da mais transcendente labutação intellectual, e que só o olho matreiro da Providencia é capaz de prescrutar,—um caricaturista do Antonio Maria e um caricaturista do Microbio, longe um do outro, sem se verem, sem se escreverem, e sem se fallarem, tiveram artes de, aproposito de Gomes da Silva, compôr duas paginas absolutamente identicas, quanto á ideia.

Depois de madura reflexão convencemo-nos de que os dois carlesta interar a bayisma side victimes, pero

Depois de madura reflexão convencemo-nos de que os dois carleaturistas não haviam sido victimas, nem de Onofrof, nem de Satanaz; que o caso era naturalissimo e que até se pode repetir mais vezes, porque os dois artistas são simplesmente—duas pessoas de Zenio.

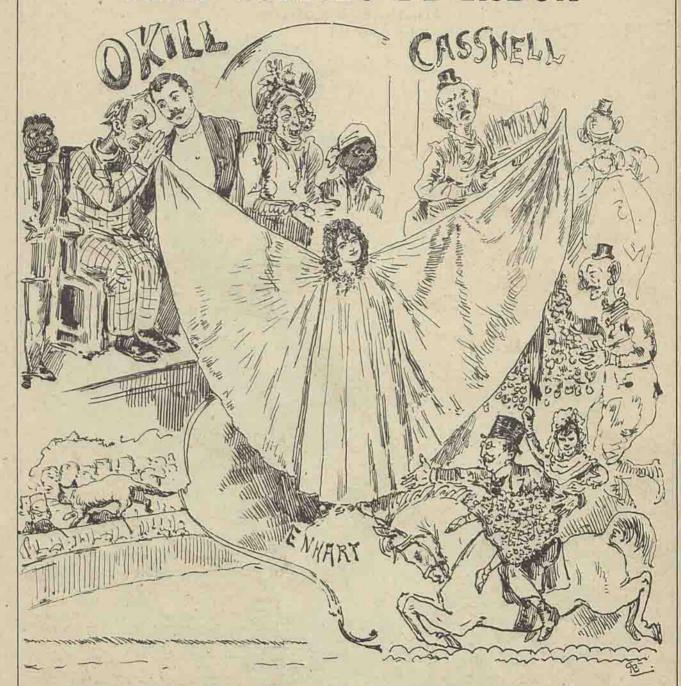
Registrando a coincidencia, aproveitamos a occasião para dar as bôas vindas ao Microbio e desejarlhe um constante caudal de prosperidades.







REAL COLYSEU DE LISBOA



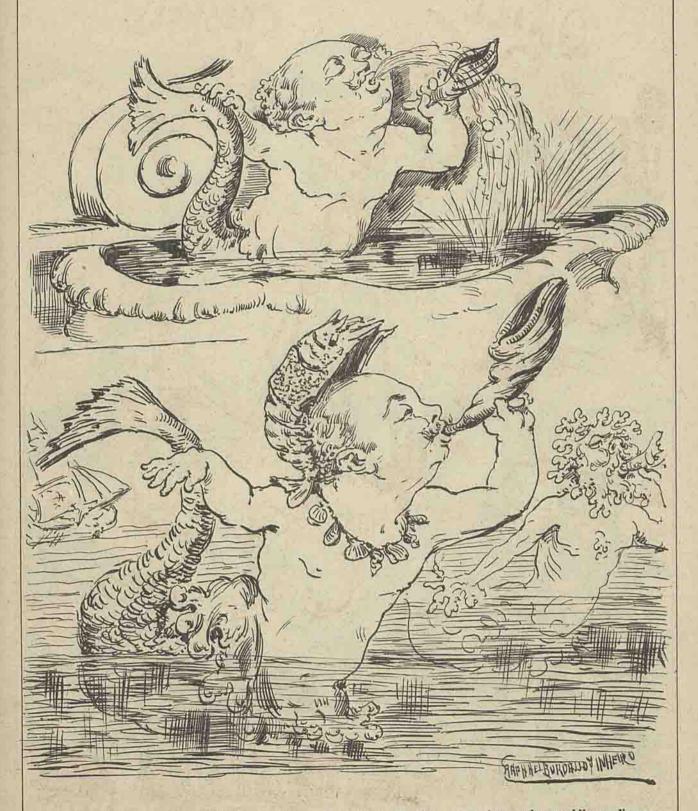
O publico invade todas as noites este circo para admirar O' Kill, o assombroso ventriloquo; os irmãos Cassnell os virtuoses do guiso; um professor de gatos e ratos apresentados em liberdade: sem fallar na celebridade da ultima, hou, miss En' rt, a inventora da dança serpentina a cavallo, e em certa bailarina com mais azougue nas veias que deitam a perder de vista o rapto das proprias sabinas de que réza a historia antiga...



Segundo referem as gazetas, os amadores de sensações fortes descobriram que para lá de Algês o sr. juiz Veiga deixa de ser juiz e passa a ser, como toda a gente, um simples mortal. E assim se explica a razão porque ao cahir da noite ha agora mais carros para Algês do que para Bellas, em dia do Senhor da Serra.

TRITÃO DA SILVA

(Dedicado á TARDE)



Uma folha hespanhola fallando do discurso do sr. Gomes da Silva e pintando o orador republicano, diz que este «lança as palavras como borbotões, com os labios d'um Tritão na abertura d'uma fonte». A Tarde desejaria que o deputado por Lisboa, para responder ao alto apreço em que é tido pela folha republicana do visinho reino, se caracterisasse de personagem submarino. E lembra-lhe que um bom Tritão não deve usar chapéu alto, pois Camões viu um, ao que parece, que tinha na cabeça «uma mui grande casca de lagosta». Satisfazendo aos desejos da Tarde aqui deixamos o figurino, e que a camara se transforme em piscina para os demais Tritões nadarem á vontade.

COLLEGIO DE S. BENTO



-E para isto manda a gente os pequenos ao collegio! Aqui está o que elles lá fazem!!!

Editor: I. Garcia de Lima.—Séde da Administração: Largo do Calhariz 12 1.º Lytographia da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão. Imprensa Minerva, Travessa da Espera 12 a 14.

Theatro D. Amelia.---Companhia Tomba



A afamada companhia Tomba fez a sua estreia no mais elegante dos theatros de Lisboa, alcançando extraordinario exito no Boccacio, que entre nós nunca fôra tão bem cantado. A companhia Tomba possue artistas de grande merito taes como as actrizes Pasquali, Marchetti, e os actores Milzi, Poggi, Marchetti, etc.

A mise-en-scene é das mais luxuosas. E o pessoal feminino pela opulencia das fórmas e riqueza de joias é de molde a erguer temporaes em corações frageis e dar volta ao miolo aos cerebros juvenis, — e até aos que o não são. O Antonio Maria publicando os retratos d'alguns dos principaes artistas da companhia, agradece-lhes antecipadamente as noites de bom humor que tencionam fazer-nos passar,—distrahiado-nos das melaneholias e tristezas d'este valle de lagrimas, vulgarmente conhecido pelo nome de Chiado.

Variações

(Impressões da primeira do PANTANO)



E' noite... Noite fria e triste O theatro Normal està mergulhado em trevas. . Oh! como a noite é fria e o theatro Normal está mergulhado em trevas!.. E' noite! Chove!... Os morcegos e as corajas vem bater de encontro ás tipoias que estacionam ao longo do Rocio... Chove!... E' noite... noite fria e triste!.. O theatro Normal está mergulhado em trevas!... Oh! o latir d'aquelle cao...



Um desconhechido abeira-se d'um espectador do Pantano, passeando so longo do Rocio, em attitude

sonhadora, tragica e anciosa.

DESCONHECIDO.—Então? que tal é a peça? Bo-

nita, heim?! Grande exito?..

nita, heim?! Grande exito?...

ESPECTADOR (tendo ainda nos ouvidos o riso de Ferreira da Silva).—Ah!... Ah!... Ah!... A peçal a peça! Bonita, heim?! Ah!... Ah!... Não! não!.. Eu guardo esse cofre... Mas os meus olhos não hão de ver essas cartas! Os meus olhos não hão de ver essa retrato!... Mulheres!... Mulheres!... Mulheres!... Ah!... Ah!... DESCONHECIDO.—E' então uma tragedia? ESPECTADOR.—Uma tragedia?... Lá sobem os phantasmas do pantano! Come elles sobem, os phantasmas do pantano! Come elles sobem, os phantasmas do pantano! Vem desfazer-se de encontro aos

tasmas do pantano! Vem desfazer-se de encontro aos muros do palacio!... Uma tragedia?... Ah!... Ah!... muros do palacio!... Uma tra Ah!... Mulheres!... Mulheres!...



O Espectador ufasta-se e o Desconhecido dirige-se ao Martinho para tomar um capilé. N'uma mesa ao lado é enorme a algazarra dos críticos.

1.º CRITICO.—Não senhor não é tall E' uma

peça da escola allema!

2.º CRITICO.-Oh! que asneiral Uma peça allema! 1.º CRITICO.-Como o Fim de Sodoma e o Amigo Fritz.
3.º CRITICO.—Fóra o bruto!...
Mas então o qu

1.º CRITICO .-- Mas então o que é? diga lá você, se é capaz! 8.º CRITICO.—E' uma peça como a do Ibsens!

Ora ahi está!

29.º CRITICO .-- Mas quem é o Ibsens? Tu já o

8.º CRITICO-O Ibsens é um autor dramatico que

escreve no genero do Maeterlinek. 37. CRITICO.—Não é tal! E' um autor do genero do Tolstoi.

14.º CRITICO .- O quê? Do Tolstoi? ... Oh! que

7.º CRITICO.-Sim senhor, do Tolstoi! O Tolstoi tambem é um symbolistal

6.º CRITICO.—Mas o que é o symbolismo?

Todos (são 3:000).—Fóra o animal! Fóra o animal! Não sabe o que é o symbolismo! Fóra! fóra!...

O CRITICO n.º 2:527.—O symbolismo é a tradução graphica de todas as sensações e cogitações, fanto cerebraes como affectivas, que um symbolista experimenta e que só os symboli tas entre si comprehendem, sentem e apreciam, pela simples razão de que o symbolismo é um estado de graça dos raros apenas, incomprehensivel para o resto da humanidade vulgar e barbara. Gloria in excelsis Deol...

TODOS .- Bravo! bravo! Viva o 2:527! Viva o sym.

bolismo!

O CRITICO n.º 7 .-- E que se ha de fazer do Shakspeare, do Molière, do Racine, do Carneille, do Beau-

marchais, do Victor Hugo, do Garrett...

() CRITICO 2:527 .- Tudo isso morreu, tudo isso passou de moda! Autores vulgares e banaes que escreveram peças que o publico do seu tempo comprehendeu logo à primeira noite. Essa gente não conta. São os autores do vulgo, Jazem no barril do lixo! Emquanto que os symbolistas são os autores do futoro os autores das aimas e dos espiritos requinta-

TODOS. - Fóra com os outros! Viva Mæterlinck!..

O Desconhecido sae do Martinho... E' noite... noite fria e triste... Oh! como a noite é fria! Ao longe uiva Saturno...

O Desconhecido entra em casa. A familia tambem

o Desconnecido entra em casa. A familia fambem foi a D. Maria. Dirige-se á filha... DESCONHECIDO.—Então, gostáste da peça?... Que impressão te fez? . E' bonita?... A FILHA DO DESCONHECIDO.—Cahiram os olhos a minha boneca! . Agora tem dois buracos que olham para mim, e me fazem mede...



DESCONHECIDO.—Neo te afflijas! .. Dou-te áma-nhã outra boneca... E que tal á a peça?... A FILHA DO DESCONHECIDO.—Quero agora

uma boneca com cabellos de oiro e olhos amarellos.

UESCONHECIDO.-Isso é que não será facil! Ha olhos azues, e pretos, e castanhos. Mas olhos amarellos é que não ha, minha filha.

A FILHA DO DESCONHECIDO.-Pois com olhos amarellos é que a quero! Tenho tanto frio! Vou-me

DESCONHECIDO.—Dá cá um beijo! A FILHA DO DESCONHECIDO.—Um beijo i que não!... Não possol... Levaram-me ao cemiterio... dei um beijo n'uma pedra fria, e os meus beiços estão frios... Já não dou beijos !

A mulher apparece, de olhar incerto, passos hesi-

tantes, visivelmente preoccupada.

DESCONHECIDO.—E' noite!... Vamo-nos deitar!

A MULHER DO DESCONHECIDO.—Deixe-me!... Preciso estar só! Que quer de mim? Deu-me o seu nome, a sua honra, a sua fortuna, por uma hora do meu amor, e eu dei lhe uma noite inteiral ...

DESCONHECIDO—Como os teus olhos brilham esta noute!... Brilham os teus olhos como na primeira

noite do nosso amor!

MULHER - Deixe-me ! deixe-me !

DESCONHECIDO (agarrando-a e levando-a com-sigo) E's minha. Vem! Vem! Gloria in excelsis Deo!..



Entre pessoas cultas, sãs d'espirito, extrachas ao Martinho e à critica mas sinceras admiradoras do ta-lento do dramaturgo. N'uma sala do Gremio. São duas horas da madrugada.

---E então?

-Então ?.... Um drama incoherente, com todos os trucs do velho melodrama, com uma acção confusa, com personagens confusos, fóra de toda a logica e de toda a verdade humana, um drama symbolista, á ma-

toda a verdade humana, um drama symbolista, à maneira da Princesse Maleine e do Intruse d'esse extravagante e pretencioso Maeterlinck...

—Mas quem escreveu o Affonso VI, o Alcacer Kibir e os Velhos, è impossivel que abandone a verdadeira e brilhante feição do seu talento, que lhe proporcionou tam nhos e tão justificados triumphos, para
se lançar plasses averagancias pseudo-pseudose lançar n'essas extravagancias pseudo-psychologicas dos hystericos degenerados do symbolismo l

-E' o que os seus admiradores sinceros esperam. Mas os artistas têem d'estes caprichos que escapam a analyse; e foi por isso que D. João da Camara nos deu O Pantano, uma halluc nação melodramatica, um pesadello, mas pesadello de auctor de talento, pois em tudo aquillo ha talento e muito talento, quer sob o ponto de vista theatral, quer sob o ponto de vista litterario

-D'onde se deve concluir? ...

-D'onde devemos concluir que o genio tem que fugir a sete pes da tyraunia das escolas e das seitas litterarias e artisticas.

QUIDAM

Decilitrando . . .

Em louvor de S. Martinho, Que é santo de devoção, Houve enorme borborinho; Na taberna do Quintão, Chegou a acabar-se o vinho.

Andou a decilitrar O clero, a nobreza, o povo, Grande brodio houve, ao entras Um casco de vinho novo, No tasco parlamentar.

Houve barulho e banzé, Tudo pediu a palavra, Abriu a nova agua pé, Que me dizem ser da lavra Do lavrador de Burnay,

Os copos saltam na mesa, Correm das pipas almudes, Ha brodio e pandega tesa. Fazem medonhas saudes O povo, o clero, a nobreza.

Um freguez damnado e fero Faz ao bale o o diabo, Mais senguinario que Nero, Que chegaram ás do cabo A nobreza e mais o clero.



Foi tão medonho o berreiro Entre os dois, tudo a gritar, Qual d'elles mais chintrineiro, Que teve, p'ra os separar, De acudir o taberneiro.

Um marujo, que costuma Ir ás tardes á locanda, Ouviu das boas. Em summa, Houve scena na quitanda, Como não houve nenhuma.

Foi tão cruenta a bernarda, Que ouviram cá fóra os gritos, Houve doestos em barda, Só faltaram uns apitos E alguns bramos ao da guarda.

Andou tudo em movimento, Pratos, copos e tijellas, Foi um combate cruento. Subiu de preço o Bucellas No retiro de S. Bento.

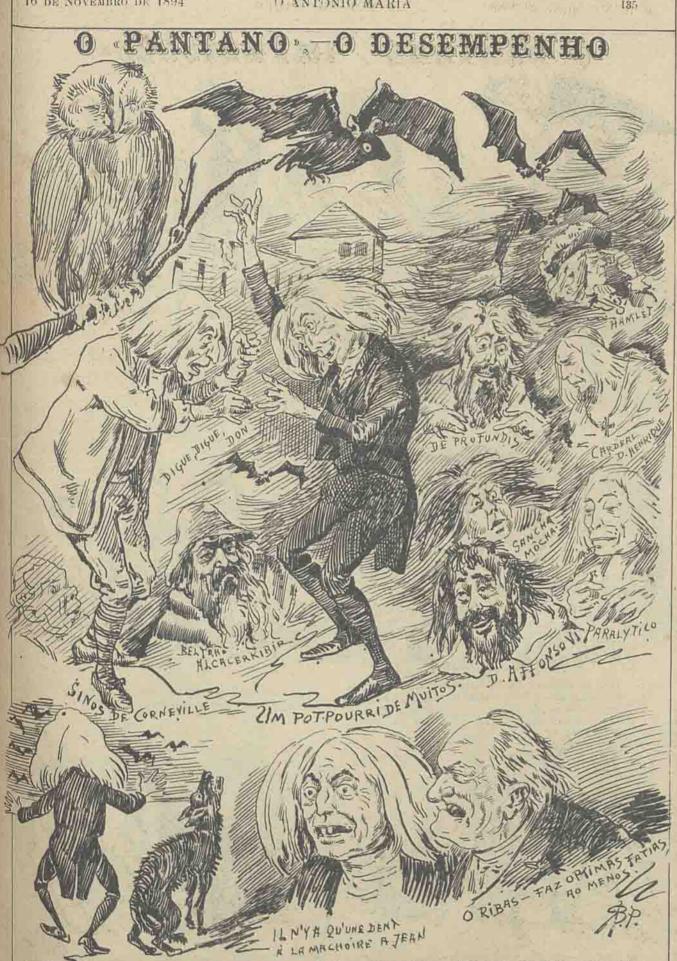
Que tambem não tinha geiio, Em dia de S. Martinho, Não ficar tudo desfeito. De que serviria o vinho, Se elle não fizesse effeito?

ESCULAPIO

SCENAS DA VIDARLAMENTAR







A interpretação do original suggestivo e symbolico papel do mórdomo, foi apenas um pot-pourri de todos os malucos que ha vinte aunos penam, passam e perpassum pelos theatros que cultivam o melodrama. Uma sórie de imitações em que, nem sequer foram esquecidas as gargalhadas do preto do O' Kill. Estará isto á altura do moderno drama psycho-symbolista?...

O PANTANO . -- IMPRESSÕES



Cruzes canhotol E drama de aza negra, proprio para ver em dia aziago, a IS e á terça-feira. Arripia as carnes... Figas!

16 DE NOVEMBRO DE 1894

Uma paralytica que faz vassourinha. Uma idiota que deu beijos na pedra fria... fria... frial... E um maluco que a todos intruja, e faz com que o Duque não tenha mais creados, não chame um medico que era o mais preciso e urgente, e não mude de casa, só para conservar o resiz em cima do partano Irribus!

Faz pelle de gallinha e volta a gente do avêsso



Até a distincta actriz Lucinda parece uma rapa riga malcreada, a fazer caretas ao publico, a ter gestos de pessoa da rua, e a concorrer ao premio do baile de mascaras do Justino, vestida de l' degonda... Cruzes canhoto!... Er drama para ser visto entre um zarolho e um corcunda. Só assim se quebrará o enguiço.

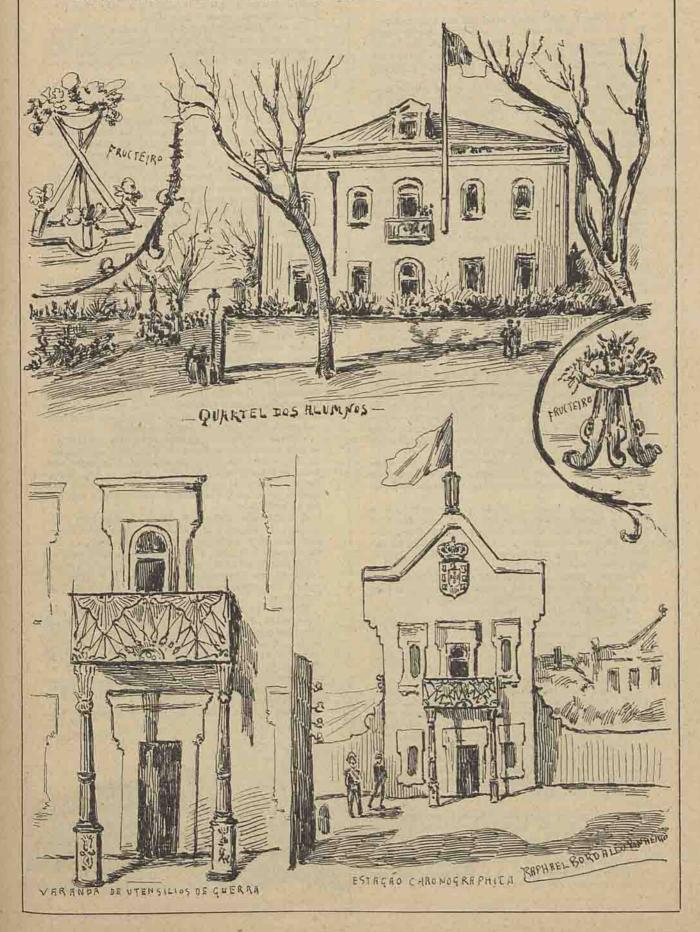


A' sahida: — "Então, hein? A ouvir ladrar os cães, durante todo o santo dia, e ainda por cima ouvil-os uivar á noite, para se distrahir! Olhem que peça para umcatita!..."



Perdão, meu querido D. João da Camara. Deixa essa arte do Norte, e volta para nos. Faz arte portugueza, que nos console a alma e nos livre de pesadellos e tristezas. Pedido d'um pobre admirador do teu grande talento.

ABERTURA DA ESCOLA DO EXERCITO



Variações

Na semana finda mais uma vez nos convencemos de que são incalculaveis e sobretudo inexgotaveis os thesouros da lingua portugueza, que não ha em todo o mundo idiom; que se compare ao idioma em que escreveram os Bernardes, os Lucenas e o proprio Caturra Junior.

«A riqueza da nossa lingua» já não é apenas uma phrase; é mais do que isso:—é um facto! Aqui o dizemos bem alto, para que a Europa o fique sabendo d'uma vez para sempre... E apesar da muito illustre Academia Real das Sciencias ter suspenso ha muitos annos os trabalhos para a organisação do grande diccionario da lingua portugueza; apesar de os ter in-terrompido no verbo aquerar, o que talvez seja de-vido ao irresistivel canto de sercia que este verbo, qual caixa de musica, por si só traduz... e executa; apesar da muito douta companhia se ter deixado adormecer aos sons do mavioso e supracitado azurrar, -nem por isso a lingua, a nossa riquissima lingua, deixa de progredir, de se aperfeiçoar e de anriquecer constantemente.

Na semana finda, os bancos do Porto e mais a camara dos srs. deputados houveram por bem dotal-a com uma nova palavra, ou antes, com uma accepção

nova applicada a uma palavra velha.

Antigamente, quando para qualquer fim ligeira-mente inconfessavel se desejava obter-mediante algumas razões assaz metallicas e não menos assaz sonantes-a adhesão e a consciencia de qualquer mortal, chamava-se a este acto do seductor:-subornar,

corromper e até comprar.

Os bancos do Porto e mais a camara dos srs. depu-tados, egualmente convencidos de que o verbo comprar, sendo aliás muito honrosamente applicado quando se trata de adquirir um kilo de bacalhau, um litro do termo ou um mólho de nabiça, é comtudo de applicação impropria e pouco conveniente quando se trata de adquirir un voto ou uma consciencia,—resolveram substituil-o pelo verbo acompanhar...

O sr. Vieira de Castro, em 1889, foi encarregado pelos bancos do Porto de acompanhar a discussão na

camara dos deputados, ácerca do syndicato de Sala-

A' primeira vista, e desde o momento que o seio da representação nacional é um seio aberto e publice, nada mais natural do que acompanhar qual-quer discussão ou mermo todas as discussões da camara. Outra coisa não fazem os reporters... e algumas vezes os tachygraphos!

Somente, graças ao folheto do sr. Kendall e ás de-clarações do sr. conde de Burnay, conclue-se que ha

tres modos de acompanhar uma discussão:

1.º-Tendo o ouvido á escuta. 2.º-Tendo o ouvido á escuta, e uma folha de papel

e um lapis para tomar apontamentos.

3.º—Tendo cincoenta contos na algibeira.

Nós quando acompanhamos qualquer discussão, nunca nos servimos senão do 1.º e 2.º processo. O sr. Vieira de Castro serviu-se exclusivamente do 3.º..

Nos (aqui o affirmamos sob a nossa palavra d'honra) do 3.º systema nunca nos servimos, talvez pelo simples motivo de nunca termos cincoenta contos so canto da gaveta, para irmos com elles para S. Bento. Dada mesmo a hypothese—cruel hypothese!—de termos ti-do algum dia 50 contos, o mais natural teria sido imi-tarmos o sr. Vieira de Castro, tomando o caminho de ferro; mas nunca para desembarcarmos no largo das cortes. Prefeririamos desembarcar em Nice, ou mesmo a porta de Café Anglais. A' porta de S. Bento é que

Mas agora, em vista dos ultimos acontecimentos, nunca o mosquito da ambição nos mordeu com tamanha pertinacia. O nosso maior desejo ao fazer d'es-ta é ter 50 contos, 50 contos ás nossas ordens, para metter na algibeira, e poder então ouvir, apreciar comprehender devidamente, os mais notaveis cantores da grande opera constitucional.

Até ao tolheto do sr. Kendall, 50 contos significavam para nós uma viagem á volta do mundo, alguns objectos d'arte comprados em Paris, alguns moveis comprados em Londres, e uma linda casa n'uma col-lina d'onde dominasse todo o Tejo. Ha oito dias a nossa ambição é outra. Ter 50 con-tos so para metter no bolso e não sahir de S. Bento,

a acompanhar discussões. Nunca tivemos tanto desejo de ter 50 contos! Ditoso sr. Vieira! Venturoso sr. de

Castro!.

** De resto, S. Bento continúa cada vez mais interessante-mesmo para quem não tenha 50 contos na

Na ultima 3.ª feira, tivemos o debute oratorio d'um joven allacinha pourri de chic, que ha dois annos estava a envernizar em Londres, e que a grande maioria dos eleitores de Mirandella on de Trancoso, se permittiu o luxo de eleger seu representante em côr-tes. Ao que o nosso pourri de chic respondeu metten-do na malla a mais comprida das suas sobrecasacas o mais coruscante dos seus monoculos, o mais envernisado dos seus chapéos, as mais fascinantes das suas polainas, e trocando Hyde-Park pelos asphaltos da Avenida. Devemos confessar que o sacrificio não foi pequeno. Chegou até a parecer incomprehensivel e algo mysterioso. Trocar Regent-street pela rua da

Bitesgai???... Ora na 3.ª feira desvendou-se o mysterio! O sr. Cyrillo Machado fallon, explicou-se. Ficou sabendo a camara, Mirandella e a Europa inteira, porque razão s. ex.º fez a viagem de Londres a Lisboa. O nosso pourri de chic necessitava fazer declarações expressas e terminantes; necessitava dizer ao seu paiz, para evitar questões, para evitar talvez a guerra civil, para evitar—quem sabe!—alguma conflagração eu-ropeia—aque e liberal... mas não é democratal.... Tudo, menos isso! Liberal, quanto quizerem! Agora

democrata é que não; democrata é que é impossível! Liberdade, quanta pedirem, quanta se lhes dá; mas democracia, tenham paciencia, «sem o povo estar edu-

democracia, tenham paciencia, *sem o povo estar cuucado para ella*, nem sequer duas onças!

O joven Cyrillo, em politica, quer-nos parecer que
se está vestindo pelo figurino d'aquelles aristocratas
do tempo de Luiz XVI, plenamente d'accordo com
todos os principios de 89,—oh! quanto a isso, plenamente d'accordo!—mas continuando as coisas tal e qual como no ancien régime, sem ser preciso suprimir

um só privilegio!

A Liberdade tolera-a. O joven Cyrillo vem d'Inglaterra. E' liberal o sr. Gladstone; é também liberal lord Rosebery. Póde-se portanto ser liberal sem dea-douro para a familia, e sem uma pessoa ficar mal com o seu monoculo e as suas polainas. No fundo, bem no fundo da sua sobrecasaca, o que elle é, o joven Cy-rillo, é um conservador enragé, da escola de lord Salisbury.

Salisbury.

Mas nos paizes latinos não convém remar contra a maré. Façamos, pois, profissão de fé liberal!

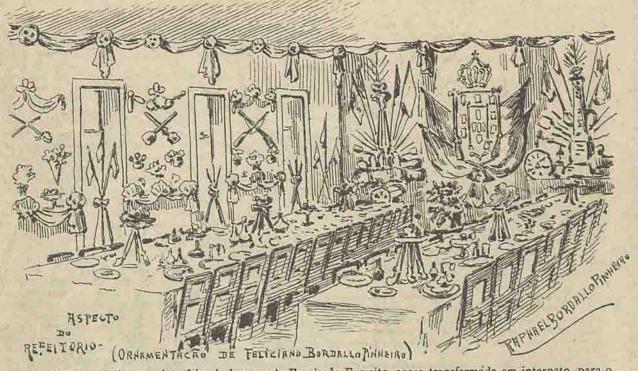
Mas democrata?... Oh! não! Que horror! que nausea!... Um homem que acaba de jantar no Café Royal e de passar a noite n'algum club de Pall Mall, pode lá ser democratal Só de pensar em semelhante ignominia, até as truffas se embrulham com o champagne, e um janota sente que o vomito sóbe sóbe... sóbe.

Rapaz!... Traz um balde para o sr. Cyrillo Machado!

QUIDAM.



ABERTURA DA ESCOLA DO EXERCITO



El-Rei presidio na quinta-feira á abertura da Escola do Exercito, agora transformada em internato, para o que foi construido um quartel sob a direcção do sr. Renato Baptista. Entre as novas edificações, destaca-se a estação chronographica da carreira de tiro, inteiramente reconstituida pelo tenente coronel Feliciano Bordallo Pinheiro. Como é facil suppor, este nome de Bordallo Pinheiro embarga-nos a penna, e não nos permitte o fallarmos como desejavamos, se se tratasse d'um extranho, do caracter estrictamente militar que deu á sua obra, assim como da original ornamentação das salas para a recepção de Sua Magestade. A imprensa diaria relatou os promenores d'esta festa, fazendo inteira justica a quem a merecia. Nós limitando-nos a uns rapidos croquis elucidativos, felicitamo-nos duplamente—porque Lisboa possue agora uma Escola do Exercito respondendo a todas as exigencias do alto ensino militar, e porque um Bordallo Pinheiro tambem lá deixou a marca da familia.



NO TANQUE DE S. BENTO



Afinal de contos e de contas, as grandes questões nacionaes resumem-se á lavagem da roupa suja. Não é um parlamento, é um tanque. O paiz precisa mandar lá para dentro algumas arrobas de potassa...

A ARIA BAS BOCKAS (APROPOSITO DE 50 CONTOS)



Por mais que se pergunte onde estão os 50 contos, quem tem os 50 contos, onde param os 50 contos, o cavalheiro encarregado de acompanhar a discussão, responde invariavelmente, como o chorado e nunca esquecido Gaspar da viola:

-Nel mundó... de los espi... ri... tös!!!



BIBLIOGRAPHIA

A' nossa redacção foram amavelmente dirigidas as publicações, que reconhecidamente agradecemos:

**** Boletim da Camara do Commercio e Industria

** Boletim da Camara do Commercio e industrial de Lisboa.—1.* série. Mez de Setembro. N,° 3.—Insere toda a lei da contribuição industrial, de 28 de junto de commercia official de contribuição industrial, de 28 de junto de commercia official de contribuição industrial de commercia official de contribuição industrial de commercia official de contribuição industrial de commercial nho ultimo, assim como muitos outros documentos officiaes de grande interesse para a classe dos commerciantes e industriaes.

** A contribuição industrial e as associações di-solvidas.—Curiosa e assaz picante exposição de tactos pela Commissão installadora da nova Associação Com-

mercial de Lisboa.

mercial de Lisboa.

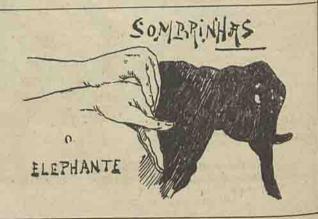
*** A contribuição industrial.—Tabellas comparativas das leis de 1888 e 1893 com o decreto dictatorial de 28 de junho de 1894.—Justificação e protesto dos contribuintes contra o aggravamento das taxas. Publicação feita pelas commissões installadoras das Associações Commercial de Lisboa, Industrial Portugueza e Commercial dos Logistas.

Pelo que acima fica exposto se vê que a nova contribuição industrial e a dissolução das associações pelo menos fez augmentar o consumo da tinta e do papel n'este delicioso paiz onde floresce a rhetorica.



NOVOS PRODUCTOS

Da Companhia Colonial, com fabrica em Alcantara, recebemos algumas saborosissimas amostras do seu chocolate e do seu cacau soluvel, de primorosa quachocolate e do seu cacau soluvel, de primorosa qua-lidade, o alimento mais barato e mais facil de preparar que se conhece. Um pau d'este chocolate, ou uma lata d'este cacau, teem mais virtude que a celebre fonte de Juvencio, a fonte da eterna mocidade. Esse cho-colate e esse cacau estão destinados a pôr os botica-rios a pedir esmola. São a saude em pacotes e ás gram-



victis!

Dizem que este carnaval, Tempo de alegres pinotes Do chéché sarrafaçal, A prohibir as cocottes Vae sair novo edital.

Não mais, por esse Chiado, Ellas disturbios farão, Governador Segurado Embirrou, disse que não, Quem as tiver é multado.

-Oh! Que stroz barbaridade, O triste indigena berra, Que medonha indignidade, Assim declararem guerra As cocottes da cidade!

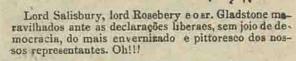
Assim, com esses ukazes, E' que essa gente apregôn Mil medidas efficazes! Sem cocottes em Lisboa, O que ha de ser dos rapazes!

-Que ha de ser dos franchinotes? Diz um marquez conhecido, Respondendo a taes dichotes, Sejam cá do meu partido, Que é todo contra as cocottes!









UMA ESTREIA PARA... LAMENTAR

THEATRO POLITICO

Peço perdão, tenho esta garridico Ter por dilecta a correcção....

(Muzica do Burro do Senhor Alceida)



Certo marquez de dinheiro Que o dona Amelia frequenta, Que das damas anda ao cheiro, Mettendo no palco a venta, Tem-se visto atrapalhado Sem saber o que ha de dar A certo rosto rosado Que pensou em conquistar.

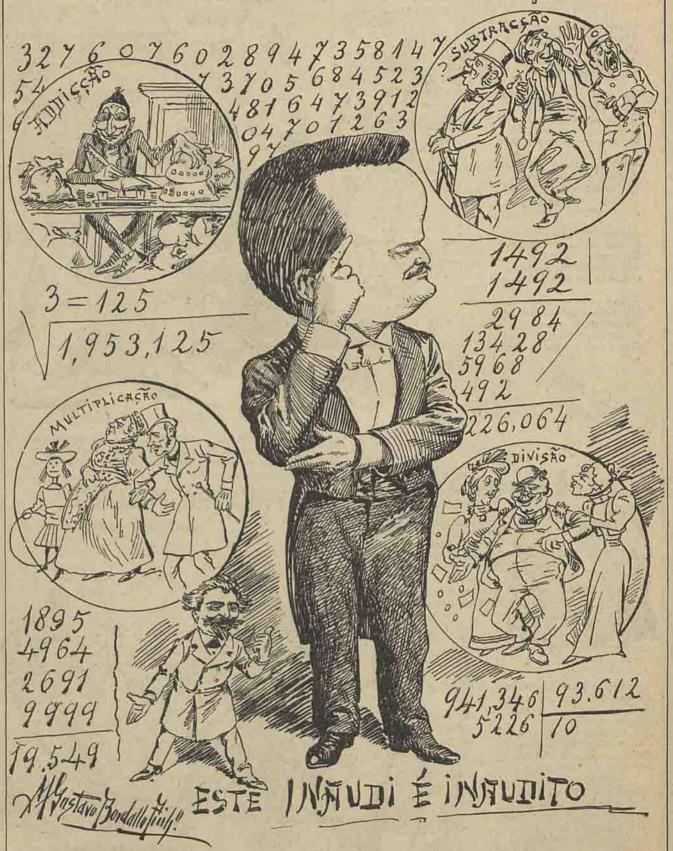
O marquez tem por costume, Se conquista alguma actriz, Dar-lhe coisa de chorume, Nunca vista no paiz. Dá carradas de brilhantes, Dá pulseiras, dá cavallos, Enche as futuras amantes De mimos e de regallos.

Ora o já citado rosto Tem brilhantes a fartar, Tem um menage bem posto, Sem nada p'ra desejar. A riqueza das pequenas O marquez converte em fel..

Só se lhe der as melenas Embrulhadas n'um papel.

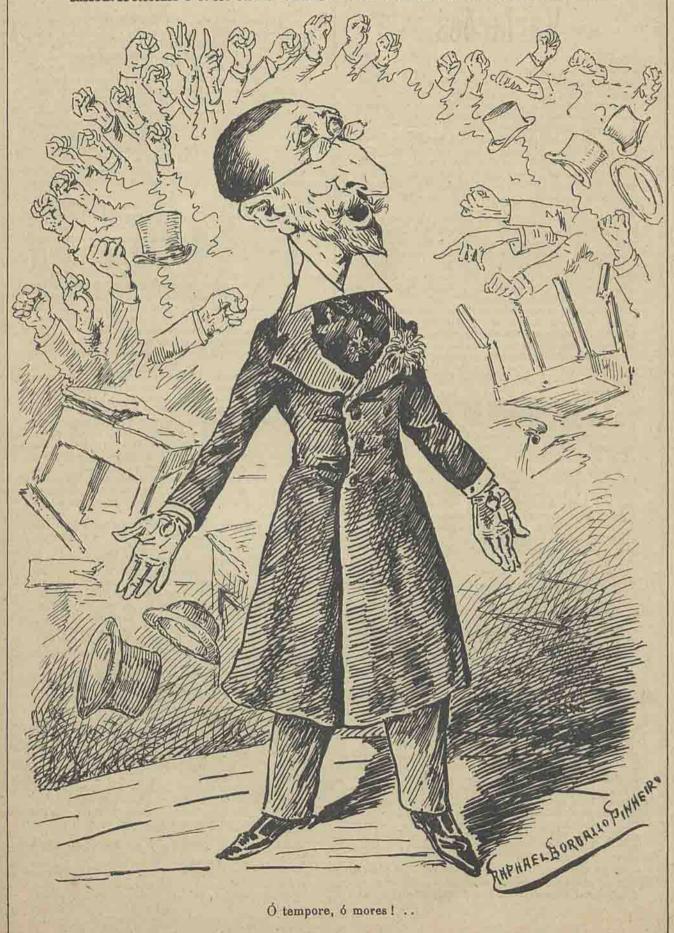


INAUDI E AS QUATRO OPERAÇÕES



Este Inaudi é verdadeiramente inaudito! Chega a ser mais assombroso que o proprio sr. Carrilho. No lugar do governo tiravamos Inaudi do Real Colyseu, para o pôrmos no ministerio da fazenda. Em menos de cinco minutos tinhamos os orçamentos em ordem, e as finanças a direito. Ora experimentem!...

METAMORPHOSES PARLAMENTARES



Variações

Por mais que digam, por mais que façam, por mais que barafustem, nem o paiz se indigna, nem o povo protesta, nem a Revolução vem para o meio da rua.

As noites estão frias e chuvosas, e uma Revolução que se constipa, não é uma revolução—é uma pepi-

neira, uma grandissima pepineira.

Não chamem tão pouco a este indifferentismo popular pelas coisas e pessoas da politiquice sertaneja, symptoma de apathia ou de morte. O povo nem está apathico, nem está morto. O que elle está, é completamente desilludido de vossas senhorias, das vossas in dignações, dos vossos palavriados e das vossas come-

Por mais que os senhores se esfalfem representando pela millessima vez o famoso drama da Liberdade opprimida pelo mais feroz e insolito Absolutismo, por mais que os senhores agitem a velha e veneranda rhe-torica liberal, segundo o estylo 1830, ninguem extranho á politiquice corriqueira e correntia se interessa e se apaixona com as vossas indignações, nem tão pouco com os vossos clamores.

Mas porque se interessavam e se apaixonavam outr'ora, e se não interessam e apaixonam hoje?—per-guntarão talvez vossas senhorias. Por acaso os portuguezes de hoje não terão a cumprir os mesmos deve-res civicos que cumpriram seus paes e seus avort. . . E' talvez melhor consultar o Herculano, ácerca dos

homens do grande periodo liberal. Diz assim o grande

historiador:

As febres politicas eram então ardentes, indoma-

*As febres politicas eram então ardentes, indomaveis, porque derivavam de crenças N'aquella época
(1837) havia, como houve sempre, belforinheiros da
politica; mas constituiam excepção. O geral cra gente
baptisada com logo e com sangue nas dua religiões inimigas do absolutismo e do liberalismo.*

E hoje o que succede?... Os belforinheiros da rolitica já não constituem excepç o, como no tempo de
Herculano e da implantação do liberalismo em Portugal. Os belforinheiros são até a grande maioria! E
a gente que hoje grita theatralmente:--«Viva a liberdade!...»—é gente quasi toda baptisada com o fogo dade! ...-é gente quasi toda baptisada com o fogo e com o sangue dos empregos rendosos, das chorudas sinecuras, conquistados nas sangrentas batalhas da Arcada e de S. Bento!

Podem pois gritar com toda a força dos seus pulmões que o governo fechou arbitrariamente as cama-ras, que foi supprimida a liberdade da tribuna, que estamos em pleno absolutismo, que o sr. João Franco estrangulou a Liberdade; podem gritar tudo isto com toda a força dos seus pulmões, que o mais que conseguem é que o povo, em vez de pegar n'uma espingar-da, pegue no guarda chuva, e vá até ao Colyseu assis-tir aos calculos do Inaudi, ou até ao theatro D. Ame-

lia assistir à Cavallaria rusticana.

Pois se a vossa camara, desde que ha constituciona-lismo em Portugal, mas principalmente ha trinta au-nos a esta parte, não passa d uma ficção, não passa

d'uma comedia!

Pois imaginam que ha povo tão tôlo e tão parvo que vá arriscar a pelle por uma Camara que é a ne-gação completa do parlamentarismo e da representação nacional; uma camara composta na sua grande maioria de funccionarios publicos, de individuos estipendiados pelo Estado, e para os quaes S. Bento não passa d'uma succursal do Terreiro do Paço; uma camara de deputados que não conhecem os eleitores, en-tre os quaes nunca houve commercio d'idela-, repre-sentantes do povo sahidos do chapéo do ministro do reino e dos accordos entre esse ministro e as opposi-

Se a camara actual fosse a expressão sincera e hon-rada do suffragio universal; se fôsse compesta de individuos que conquistaram o seu mandato após uma

lucta eleitoral renhida, após uma lucta de ideias e de programmas políticos e economicos, defendidos com enthusiasmo e com sinceridade, de individuos fóra do proteccionismo e do compadrio official; de individuos completamente alheios a meza do orçamento, e que apenas estavam em S. Bento representando as forças vivas da nação, para fiscalisarem os actos dos gover-nos;—então comprehendia-se que o povo viesse para a rua, que o povo se revoltasse contra o modo porque o executivo tratava os seus representantes em côrtes! Então comprehendia-se que apparecesse quem quizesse desempenhar o papel de Mirabeau fim-de-seculo, para gritar ao sr. João Franco:

«Ide dizer a vosso amo que estamos aqui pela vontade do povo e que só sabiremos pela força das

armas! ... 4

Mas se quasi todos os senheres ahi estão, não pela vontade do povo, mas pelos accordos e concordatas da Arcadal

Então os senhores imaginam que o paiz é tão cego e tão surdo, que não vê e não ouve o que se passa no Terreiro do Paço, por occasião de qualquer eleição?... Os senhores de tal modo desacreditaram e ridicu-

lisaram o systema parlamentar; com tanto impudor fabricaram camaras sobre camaras; com tanto semcerimonia inauguraram o regimen deshonesto e aviltante, para o eleitor, da candidatura official; com tanta audacia fizeram eleger por accumulação, isto é, pela vontade, não d'um circulo pôdre, que os ha aos pontapés, mas de todo o paiz, os mais illustres e preclaros desconhecidos;—que o paiz sério, independente e trabalhador, que conhece todos os cordelinhos d'essa farçada, é o primeiro a rir, a bater as palmas ao ministro que teve o bom senso de não dar ouvidos á berrata dos politicantes despeitados, e fechar d'uma vez S. Bento, para só se abrir quando se julgar opportuno!

Eu sinto deveras que o sr. Silveira se veja agora forçado a embarcar as suas botas e mandal-as para as ilhas; e que o sr. Eduardo d'Abreu deixe de fazer equilibrios em cima das carteiras, passando a andar para o eleitor, da candidatura official; com tanta au-

cquilibrios em cima das carteiras, passando a andar como toda a gente, com os pés pelo chão. Sinto de-veras que o terrivel decreto do addiamento, os tivesse arrancado a tão curiosos quanto ruidosos exercicios

pedestres.

Mas devemos confessar que ha uma coisa um quasi nada superior aos agradaveis chinfrins de S. Bento -

o nosso decóro em face do estrangeiro.

Emquanto nós pagavamos regularmente as nossas dividas lá fóra, pouco se importava a Europa que nós tivessemos uma organisação parlamentar e constitucional para rir. Se até quizessemos, até teriamos tido Offenbach para nos pôr tudo em musica, e ser de-pois cantado pela companhia da Trindade.

Mas desde o momento que nós declarámos á Europa nossa credora, que não lhe podiamos pagar, nem ju-ros, nem capital, a Europa começou a tratar de olhar

attentamente para nos.

E nós deviamos, para que nos não tratassem de comediantes e ainda por cima de caloteiros, dar mostras d'uma absoluta seriedade e circumspecção no estudo e na analyse dos mais graves problemas. Essa analyse e esse estudo deviam ser feitos em S. Bento, na pre-sença do corpo diplomatico acreditado em Lisboa, e que todos os dias, da sua tribuna, assistia as sessões.
O que se fez, sabe-o o povo; sabe-o infelizmente a

Europa inteira, cuja consideração por nos vae dimi-nuindo a olhos vistos.

Só não querem ver isto os cegos e os ignorantes. E ainda se admiram que o povo não venha para a rual O povo se vier para a rua, é para levantar as mãos aos ceus, e dar graças a Deus por ter S. Bento fechado.

Pois se de S. Bento é que nos tem vindo todo o mal!...

QUIDAM.

GYMNASIO



No theatro do Gymnasio subiu á scena uma comedia em 2 actos Zaragueta que tem o raro merito de ser muito mais divertida que todas as passadas sessões da camara. Como sempre, a companhia do Gymnasio é inexcedivel de graça e de bom humor, fazendo esforços sobrehumanos para divertir o publico, desopilando-lhe o baço.

HOMENAGEM A TABORDA



A empreza do theatro de D. Maria realisou na passada semana, com a representação do Medico á força, de Moliére, uma recita em homenagem ao actor Taborda. Não foi uma recita, foi uma apotheose. A empreza de D. Maria é digna dos maiores elogios pela delicada lembrança; assim como todos os artistas d'aquelle theatro, á excepção de um bacharel (bacharel em leis mas caloiro em arte)— e que no final do 4.º acto vieram manifestar em honra do grande artista.

A FESTA DO SANT'ANNA



Esculapoi



Desordem na tasca...

Rebenta a *Perna de Pau*De freguezes e freguezas,
O do termo não é mau,
Chovem travessas nas mezas
De postas de bacalhau

O céguinho esfarrapado. Que ao rapazito se agurra, N'uma viola enforcado, Tira da velha guitarra Os sons plangentes do fado

Dentro de um caramanchão, Grossa familia merenda, Come azeitonas com pão, Emquanto trazem de venda Aos litros do carrasção.

Come na relva um novilho, A gallinha affaga os pintos, A trinear uns grãos de milho, Quatro maltezes retintos Jogam á risca o chinquilho

Typas de saia engommada, Comendo dóses de tripas, Fazem enorme chiada, Com dois sucios de farripas, Que cheiram logo a facada.

Mais além, um bom burguez Come, em mangas de camisa, O que eu comia n'um mez, Um petiz, uma petiza, Os dois comendo por tres.

Um ruminante indolente Caminha, de olhos tapados, Muito pachorrentamente, Tira á nora uns sons velados, N'uma toada dormente.

N'isto, um jogador de malha Dá um tento no parceiro. Logo a coisa se embaralha E vem detrez um terceiro, Com ponteaguda navalha.

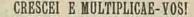
Dentro em pouco, um de bellezas, Do gabão fazendo escudo, Parte os copos, parte as mezas, Ensarilha aquillo tudo, Os freguezes e as freguezas.

Este quadro, e... movimento, Mas passado em maior grau, Teve logar em S. Bento, N'aquella Perna de Pau A que chamam parlamento.

..........

Tanto a coisa estava torta, Que o governo, que sabia Das desordens lá na horta, Poz a andar a freguesia, Mandou pôr trancas na porta

ESCULAPIO



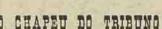
Frei José, no parlamento, Cautou de pontifical, De vermelho paramento. Toda a Sé Patriarchal Compareceu em S. Bento.

Cheiro de incenso e morrinha Exhalavam as batinas, No hyssope, na caldeirinha, Houve Te Deum e matinas, Tantum ergo, ladainha.

Houve missa, houve sermão, Muita coisa se rezou, Com musica e cantochão, Nem um só padre falhou, Não falhou um sachistão

Pois que as mitras poderosas Querem matar a Mafoma Com ordens religiosas, Já mandaram vir de Roma Um caixão de pavorosas.

Nas galerias, o Zé Disse, ao vêr todo baboso Discursar a Santa Sé, Santos de pau carunchoso Libra nós e dominé!



Quando nas côrtes havia Desordem, bulha, escarcéu, Certo tribuno trazia Um desusado chapeu.

Chapeu de feltro lustrado, Embirrento e desordeiro, Um chapeu predestinado, Um chapeu camaroeiro.

Toda a maioria, ao vel-o, Sentia frio e calor, Punha se em pé o cabello, Mudava a gente de côr.

Não era um chapeu armado, Nem um chapeu bysantino Nem um chapeu desabado, Simplesmente um chapeu fino

Isto intriga toda a gente, Vou perguntar ao Abreu Se o penante foi presente Que alguma bruxa lhe deu

a gente,
ao Abreu
i presente
uxa lhe deu



DOIS CASOS

Dois casos de sensação, Dois casos teve a semana, Do Caramello a prisão E os festejos de uma canna Da nossa Restauração.

Toda a noite me persegue Fun ga ga desafinado, Tocando, sem que eu socegue, Portuguezes é chegado E o diabo que o carregue.

Por fazer falso dinheiro, Soffre incruentas prisões Caramello, o moedeiro, Vae fazer cinco tostões A's furnas do Limoeiro.

Se eu mandasse n'isto cá E me dessem a escolher, Tinha-o posto á solta já, Porque, prender por prender, Eu prendia o fun ga ga!



Esculapio

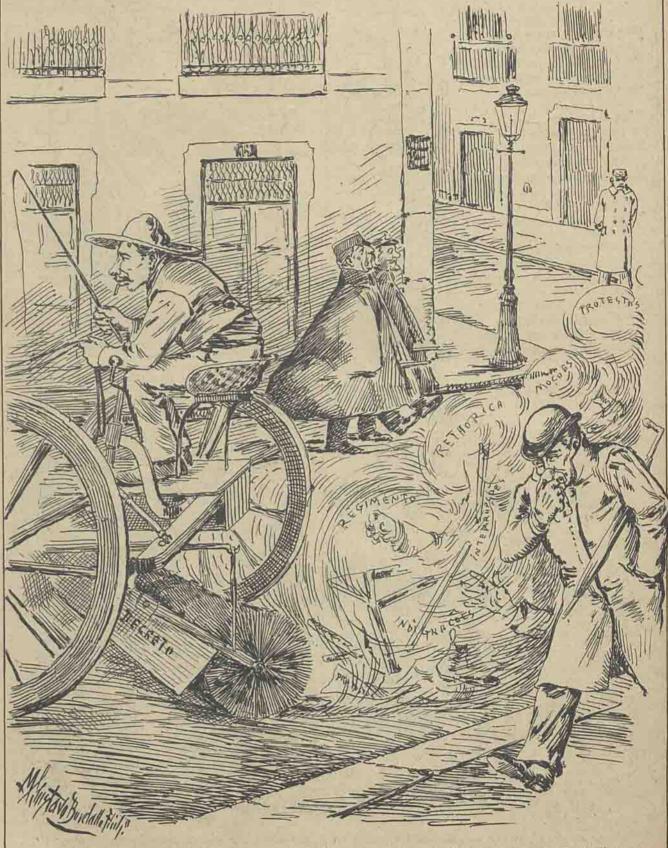


No café do theatro da Rua dos Condes, a graciosa Mme Alice Croza, que é uma excellente cantora de opereta, teve a primorosa ideia de nos fazer onvir todas as noites as melhores cançonetas do moderno reportorio parisiense, a começar pelo de Yvette Guil-bert. Escusado será dizer que os amadores do genero teem corrido a ouvir Mme Croza, e a applaudil-a, pois diz a cançoneta como uma digna representante do paiz da Judic e de outras divettes de não somenos grandeza.



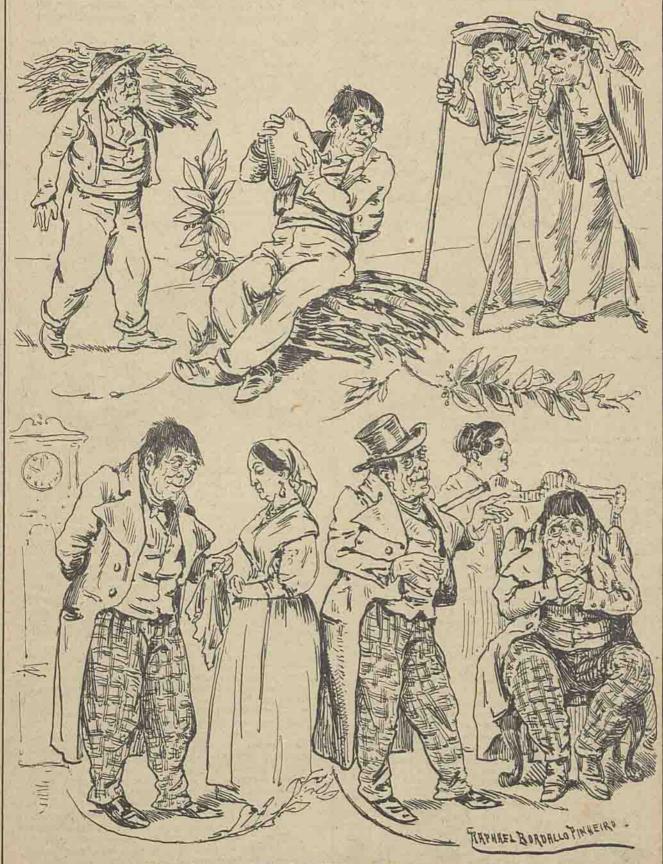
No theatro D. Amelia, a companhia Tomba tem-nos proporcionado uma série de deliciosos espectaculos, que teem constituido o grande attractivo das noites de Lisboa. No Boccacio, os frequentadores do elegante theatro não se teem cançado de applaudir a senhora Pasquali; no Duquesinho, a elegante senhora Marchetti; na Cavallaria rusticana, a senhora Pasquali; e nos Sinos de Corneville, o sr. Marchetti, que ali confirmou a sua fama de artista de grande merito, conquistando uma ruidosa e merecida ovação.

A vassoura ministerial



Era tamanho o entulho parlamentar que enchia as ruas proximas de S. Bento, que o vereador da limpeza, depois de ter consultado o acto addicional, se vio na necessidade de vir em pessoa varrer e restabelecer a circulação.

Taborda no «Medico á força»



As recitas do Medico à força, no theatro de D. Maria, representam para o grande e illustre artista successivas noites de gloria e de triumpho. O publico seguio com excepcional interesse esses espectaculos, que foram uma nova e poderosa affirmação do genio de Taborda, da sua extraordinaria verve, da sua admiravel arte de representar.

Anno x

Variações

O que principalmente surprehendeu e indignou os defensores da Liberdade opprimida, que no domingo se reuniram na praça do Campo Pequeno, afim de protestarem contra o acto d'este nefasto governo fechando as torneiras da rhetorica parlamentar—foi a attitude do Padre Eterno.



Não bastava ao nefasto governo ter ás suas ordens a guarda municipal, a guarda fiscal e a policia civil, para, n'um dado momento, empregar qualquer acto de força,—ainda cra preciso que em auxilio d'esse mesmo governo de dictadores, de absolutistas e de autocratas, viessa o Supremo Aguadeiro do Universo, com toda a agua dos chafarizes celestiaes, para encharcar o povo de Lisboa, quando esse povo se propunha reclamar para o sr. Eduardo d'Abreu o sacratissimo direito de fazer equilibrios em cima das carteiras; para o sr. Silveira o não menos sacratissimo direito de fazer ouvir a eloquencia dos seus tacões; para o sr. Cyrillo Machado o direito de apontar a Democracia como o peor mal de que enfermam os Estados modernos; e para outros representantes do povo o direito de se conservaream n'um mutismo só comparavel ao dos kagados, quando reunidos em congresso, ou transformados em sopa.

Mas o Padre Eterno e o governo ficaram sabendo no domingo, que, quando se trata de Liberdade opprimida, o povo não recúa deante de nenhum sacrificio, e permanece no seu posto, sem temor nem galochas, desafiando o poder e as proprias beorgalitas.

chas, desafiando o poder e as proprias bronchites.

O Padre Eterno ficou sabendo que não bastam aguaceiros para intimidar as opposições colligadas; que não basta abrir a torneira dos diluvios para apagar a chamma sagrada que inflamma as multidões, como se por acaso as multidões tivessem sido previamente ensopadas em petroleo ou agua raz.

E' preciso mais alguma cousa, é preciso uma boa chuva de raios e coriscos. Se o Padre Eterno não póde dispôr d'esses elementos convincentes e dispersadores, então consinta que nós—com todo o respeito devido a tão alto quanto veneravel aneião—the demos um conselho:

- Deixe-se de politica, Padre Eterno! . . .

Quando se tem uma tão deliciosa côrte celestial, povoada de anjos, archanjos e seraphins, que tocam em instrumentos ideaes as mais divinas e suggestivas musicas que jámais na terra e principalmente em S. Carlos será dado ouvir, em vez de desorganisar meetings como fez no domingo, o que nós fariamos, se tivessemos dos céus a suprema direcção, se fossemos o conselheiro director geral das Alturas, sim, o que nós fariamos—era organisar concertos!...



De todos os episodios do comicio, aquelle que mais nos commoveu e que foi circumstanciadamente relatado pelos orgãos das opposições colligadas,—foi o do anarchista que pedio a palavra para uma questão previa.

Este anarchista, seguindo á risca o exemplo de todos os deputados opposicionistas reunidos no Campo Pequeno, quando S. Bento está aberto,—apenas entrou em funcções o parlamento popular, imaginou que ali, longe da tyrannia de Monsenhor Santos Viegas, tinha o direito de pedir a palavra para a tal questão prévia;—e que a palavra lhe seria immediatamente concedida. On ingenuo e meigo anarchista!

cedida. Oh ingenuo e meigo anarchista!..

D'este engano d'alma, lêdo e cego, apenas abrio a bocca e fez um gesto,—o vieram arrancar varias bengaladas e varios soccos. E em poucos minutos, sufficientemente espancado, soccado e amachucado, o anarchista achou se fóra do parlamento popular, mais outros companheiros que com elle compartilham dos mesmos ideaes políticos, e com elle compartilharam da mesma sóva—sempre em nome das liberdades publicas e das franquias populares!



O caso picaresco acontecido com este anarchista, faz-me pensar na sorte que esperaria qualquer cidadão alheio à política, que, no comicio de domingo, pedisse a palavra para apresentar a seguinte moção:

«O povo de Lisboa reunido e encharcado na praça do Campo Pequeno, considerando que o regimen parlamentar em Portugal não passa d'uma ficção e que é preciso inaugurar a época da moralidade constitucional, convida os pares e deputados que adheriram a este comicio a redigir um projecto de lei que será presente na proxima reabertura das côrtes, pelo qual serão convidados a optar pelo seu lugar de deputado ou pelos seus cargos publicos, os deputados que exerçam funeções do Estado, e a não poderem de futuro ter assento na camara, nem os officiaes de terra e de mar em activo serviço, nem os funccionarios publicos, como acontece em todos os paizes onde o constitucionalismo é seriamente praticado.

«O povo de Lisboa convida os mesmos pares e deputados a redigirem um projecto de lei por meio do qual serão severamente castigados os funccionarios publicos que defendam candidaturas, espalhem listas, recommendem candidatos, o que em todos os paizes de regimen parlamentar é considerado como aviltamento e oppressão do suffragio universal.»

A julgar pelo acontecido ao pobre anarchista, que nem sequer chegou a expôr o sentido da sua questão prévia, o cidadão que apresentasse tal moção, podia ter a certeza que, depois de sovado, seria feito em postas, e em menos de uma hora servido com molho de manteiga, e trincado em honra de todas as liberdades,—não esquecendo a do pensamento

Foi talsez para não andar a estas horas, como Jonas, passeando, seguido d'um cortejo de cebolas e zeitonas, dentro da barriga d'algum liberal, que eu preferi ficar em casa, consultando a organisação parlamentar de outros paizes, menos divertidos, mas com certeza mais bem equilibrados do que o nosso.

QUIDAM.

DO COMMICIO ANTES



--Faz-me um faver, um grandissimo favor?... --Com o maior prazer. Mas o que é?... --Manda-me supprimir o comicio? Accredite que me tira de sérios apuros!



—Isso é que não! Peça-me tudo quanto quizer, que tudo lhe faço. Agora isso é que não póde ser. Tenha paciencia, irmãosinho!

O REDONDINHO

Era o touro de mais pé Que se correu na corrida, Fez mil tratos de polé, Pois foi a rez mais sabida, Foi um tunente, olaré!

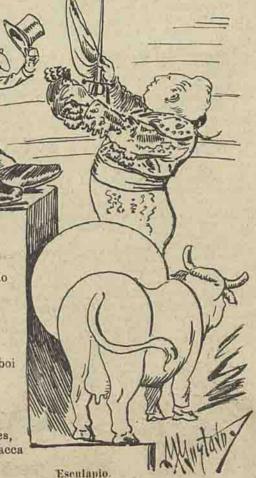
Era lindo o seu focinho, De perfil o toiro pondo, Redondinho, redondinho, Muitissimo mais redondo Do que a pedra do moinho.



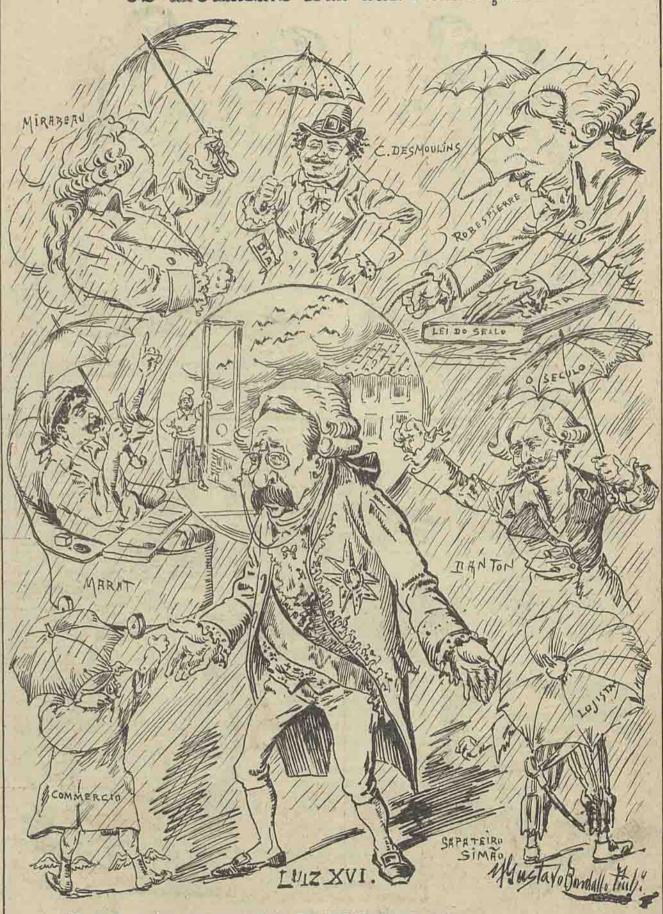
Era um soberbo animal, Lindo de fórmas e tudo, Era um boi oriental, Bem fornido e membralhudo E mais e coisas e tal.

Da mais pura raça brava, De todos o melhor foi, O que melhor se prestava, Que era vacca em vez de boi Muita pessoa ateimava.

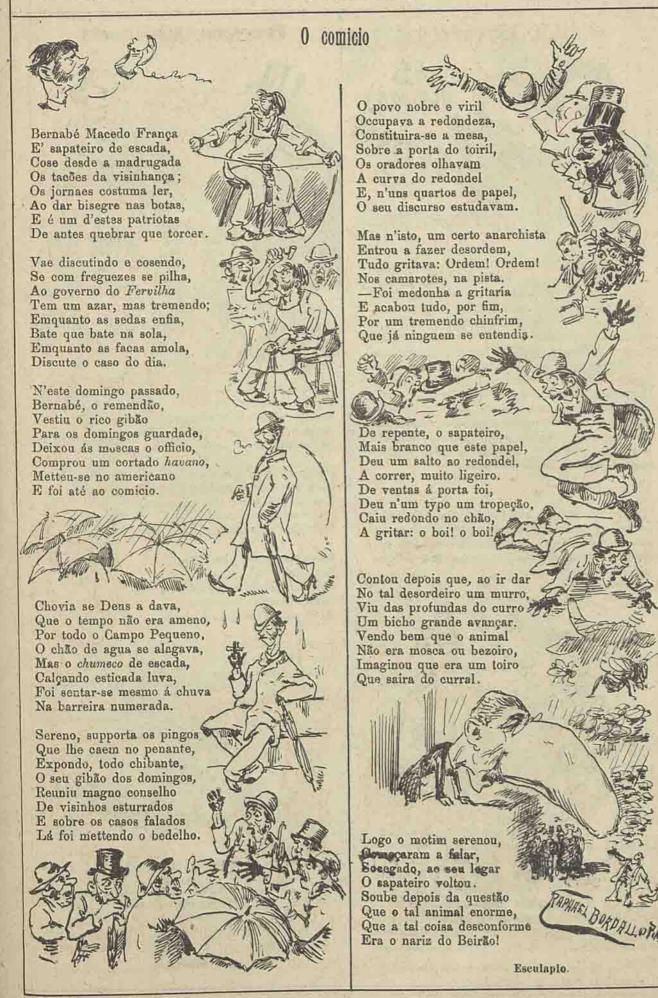
Ao ver-lhe bem as feições, A mesma ideia me ataca, Não sou homem de questões, Quem disse que elle era vacca Lá tinha as suas rasões!



os homens da revolução



Em resumo, eu é que sou o encravadissimo Luiz XVI d'esta revoluçãosinha... E o partido progressista virá a ser a minha Maria Antonietta!...



BIBLIOGRAPHIA



As ultimas freiras, por Lino d'Assumpção.

— Mais um livro de curiosa investigação historica, devido á penna d'este distincto escriptor. Lino d'Assumpção tem nos ultimos tempos passado as horas investigando velhos e poeirentos archivos, e é d'esse trabalho de piocheur e de benedictino que teem resultado para a bibliographia portugueza preciosos estudos que a critica tem o dever de applaudir com enthusiasmo. As ultimas freiras trazem uma carta-prefacio de Antonio Ennes, ácerca dos conventos, da sua influencia nos costumes, e ácerca das meias religiões, e que parece destinada a suscitar polemica, attentas as ideias modernas em materia de catholicismo.

Amor á antiga, por Caiel. — Da screditada livraria Pereira recebemos este romance da autora da Filka do João do Outeiro, uma escriptora cujos trabalhos a critica tem sempre apreciado com elogio.



A Scandinavia, apontamentos d'uma viagem na Suecia e Noruega, por Francisco Braga.

E' um curioso livro, escripto com a simpli cidade propria de quem conta o que viu sem preoccupações nem vaidades litterarias que prejudiquem a virgindade das sensações recebidas. A edição é primorosa, illustrada com optimas phototypias. A impressão é da acreditada Officina Occidental, com a sua séde no

Preciosa descoberta



J. F. CARDOSO PEREIRA

RUA LARGA DE S. ROQUE, N. º 27 e 29





Editor: J. Garcia de Lima.—Séde da Administração: Largo do Calhariz 12 1.º Lytographia da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão. Imprensa Minerva, Travessa da Espera 12 a 14.

CONSUMMATUM EST!

--«Lisboa, a sua querida Lisboa onde nasceu,
mandou dizer ao Povto
que quer entender-se com
elle. Lisboa è uma cidade
anemica, feminina, com todos os vicios da côrte.
Manda-o hoje dizer ao
Porto, joven e vigoroso,
que quer um enlace, que
será fecundante, para a
defeza nacional...»

Gomes da Silva.—Comicio do Porto.

O' que coisas tão bonitas,

Tão catitas,
Que se disseram no Porto!

Fiquei morto
Quando ouvi ler nos jornaes
As coisas pyramidaes
Que se disseram no Porto!

Fizeram os oradores
Varias flores
De rethorica lambida,
Pae da vida!
Tudo ficou assembrado,
Ficou o Porto innundado
De rethorica lambida.



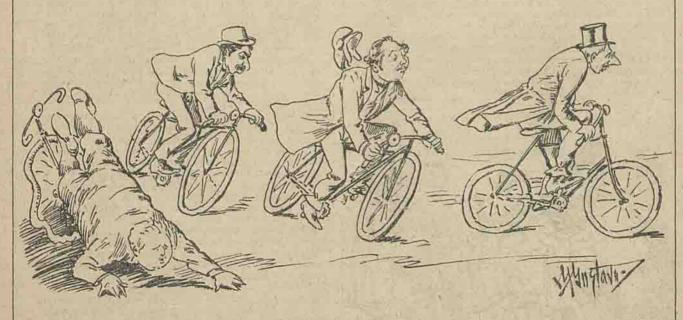
Gomes da Silva casou,
Arranjou
A' cidade o casamento,
Que portento!
E' um caso decidido,
Ficou ali resolvido
A' cidade o casamento!

Casa o Porto com Lisboa,
Esta é boa!

O Gomes será padrinho,
Coitadinho!
Já compraram cama fofa,
O Gomes serviu de alcofa,
O Gomes será padrinho!

Esculapin

PARA OS COMICIOS



E' um andar e desandar, em todas as direcções, de norte a sul, de leste a ceste. Os illustres caudilhos da Liberdade resolvem montar em velocipedes, para pela manhã fallarem no comicio de Melgaço, e á noite no comicio de Villa Real de Santo Antonio. A'vante, portuguezes d'uma canna!...

ANNO X

Variações

Manifestos sobre manifestos! Se a estas horas o meu paiz ainda não sabe porque e para que é que tanta gente come, bebe, anda, falla, gesticula, e de tempos a tempos tambem se permitte o luxo de pensar,—o meu paiz ha de permittir que lh'o diga com esta franqueza que é o meu mais bello defeito: o meu paiz é

positivamente tapado. O men paiz é uma rocha! Quantos manifestos! Quantos appellos á opinião publica! Ha ahi alguem que ainda não esteja sufficientemente esclarecido sobre os destinos da patria e so-bre o pensamento dos seus dirigentes? Ha?... Pois se ha, que esse alguem se convença de que, apesar de andar com os membros apprehensores pelo ar, em vez de andar com elles pelo chão, e se alguem não passa d'uma reverendissima cavalgadura,-sem desfazer nas

que por acaso possam estar presentes.

Quantos manifestos no louvayel intuito de orientar o espirito publicol Eu conto pelos dedos: —manifestos escriptos da colligação liberal, dois; manifestos fallados da mesma colligação, um no Campo Pequeno, outro no Porto, dois; manifesto escripto e manifesto fallado do sr. Fuschini, dois; manifesto escripto do governo, um; manifesto escripto da actriz Lucinda, um; manifesto dos estudantes, um. Total: nove manifestos.

Que mais deseja o povo?... Sabe tudo quanto ti-nha a saber ácerca da liberdade, ácerca das franquias parlamentares, ácerca do Ibsen, ácerca do socialismo collectivista, acerca da contribuição industrial, acerca do melhor modo de representar a Casa de boneca, ácerca de Mirabeau e da Revolução franceza, ácerca... acerca.

Que mais quer o rovo?... Agora só lhe compete decidir, escolher, pôr tudo no seu lugar. Quer a liberdade triumphante e S. Rento aberto de par em par? Deponha o sr. Hintze e proclame o sr. José Luciano. Quer assistir a uma representação altamente suggestiva d'uma peça do Ibsen? Expulse do theatro de D. Maria a empreza Rosas & Brazão, e entregue o theatro a D. Lucinda, para que altim saibamos, nós outro a D. Etteinda, para que altim satbamos, nos outros que vivemos nas trevas e na ignorancia da grande Arte, como se canta a Niniche e como se representa a Casa de boneca. Quer o povo inaugurar o reinado do socialismo collectivista, quer o povo entrar na posse de todos os predios que bordam a Avenida e são hoje propriedade de infames burguezes e de sordidos capitalistas? Vá á Liga Liberal; pegue so cólo no sr. Fuschini; leve-o em triumpho; e installe-o para sempre no ministerio da Fazenda.

sempre no ministerio da Fazenda. Não lhe faltam salvadores—além de Salvador Marquesi Politicamente, financeiramente, artisticamente, de todos os lados se offerecem aptidões, intelligencias, inergias. Todos á porfia, attrahindo, seduzindo, piscando o olho ao paiz. Todos exhibindo suas prendas a um tempo, e cantando em côro:



E porque espera o paiz? Todos lhe offerecem a sal-

vação. Porque se não salva?..

Terá medo de experimentar?.. Eu se fosse o Povo. se fosse o Paiz, no caso presente começava por tentar a experiencia que se me affigura mais barata, mais em harmonia com o estado algo anemico da algibeira nacional. Deixava por emquanto de môlho, a experiencia política e mais a financeira, e vinha para o meio da rua, de bacamarte em punho, intimando todos os poderes do Estado, para que ao menos se tentasse a experiencia artistica.

Se fosse Povo obrigava o governo a expulsar tem-porariamente do theatro de D. Maria, os Rosas e mais o Brazão, e entregava o Normal a D. Lucinda. Esta distincta actriz affirima ter descoberto o segredo das athmospheras artisticas, assim como em tempos o sr. Cypriano Jardim imaginou ter descoberto o mysterio

da direcção dos balões.

Ao sr. Cypriano Jardim proporcionou o governo portuguez todos os elementos indispensaveis para se convencer da inefficacia do seu invento. Porque não ha de proceder de egual modo com a sr.ª D. Lucinda

Dava-lhe, por algum tempo, o theatro de D. Maria, para experiencias. A sr.* D. Lucinda fabricava lá dentro a sua athmosphera artistica, com os gazes que julgasse mais convenientes; arranjava o seu meio d'arte com os ingredientes de que dispõe e de que só ella tem o segredo; e depois de tudo fabricado e arranjado, segundo as ultimas descobertas da sciencia, offerecia à capital us suas representações da Casa de boneca, do extraordinario dramaturgo scandiavo, sr. Ibsen.

Porque não sei se sabem que hoje em dia só ha um suctor dramatico, que um povo que se prêze de ser culto e intelligente pode ouvir sem enfado, sem nôjo, e sem dar de si um diploma de imbecilidade-esse

auctor é o Ibsen.

Quem não conhece o Ibsen, notavel no dizer da sr.º D. Lucinda «pela simplicidade, pela originalidade e pela fórma como observa as paixões», não é ninguem, é um animal, mesmo se por acaso já tivesse visto pela mesma distincta actriz a Niniche, a Tosca, a Fædora, ou o Casamento de Olympia. Porque arte, mas arte a valer, Arte com c4 grande e muito grande,—só o theatro do Ibsen. O mais é tudo fancaria!

E' verdade que por esse mundo de Christo ainda ha actores e actrizes que se esforçam por bem comprebender e representar peças de Sophocles, de Sha-kspeare, de Calderon, de Racine, de Moliére, de Gœ-the, de Schiller, de Victor Hugo, de Musset, de Gar-rett, e até de Augier, de Damas Filho e de Sardon. Mas esses que taes são artistas inferiores, artistas

que trabalham unicamente para o vulgo, sem cuidarem de representar «com todo o desafogo, tranquilli-dade de espirito, e n'uma 4thmosphera de sympathia

e de vontade».

A essa cathegoria não pertence a illustre interprete da Niniche. D. Lucinda promette nos para breve um theatro onde se faça exclusivamente Arte, um theatro para os raros apenas,—e d'onde seja banido esse industrialismo grosseiro que constitue a vergonha e a deshonra do Theatro Normal.

Pelo que enviamos os nossos parabens a Lisboa,

ao paiz e ao mundo inteiro.

P. S -- Consta-nos á ultima hora que a distincta actriz partirá em breve para Bayreuth a fim de tomar para modelo do seu theatro, o theatro de Wa-gner. De Bayreuth seguirá para Stockolmo em procura de Ibsen, afim de regular com o incomparavel dramaturgo, a mise-en-scene da Casa de boneca. Mais nos consta que, no dia da primeira representação, haverá um comboyo a preços reduzidos entre Stockolmo e Lisboa, para o que já andam em negociações as companhias dos principaes caminhos de ferro da Europa .-- Q.

BIBLIOGRAPHIA



Le Monde moderne, revista mensal illustrada. Paris. A. Quantin, editor.—Da conhecida casa Quantin acabamos de receber o 1.º numero da nova revista Le Monde moderne, um primor typographico, reunindo os ultimos aperfeiçoamentos da gravura chimica. Essa revista, que em França vae inaugurar o genero dos magazines tão conhecidos em Inglaterra e nos Estados-Unidos, tratando de tudo—de litteratura, de sciencia, de arte, de sport, de mundanismo, de de sciencia, de arte, de sport, de mundanismo, de modas e até de ménage—é um verdadeiro assombro, quando se pensa que são 160 paginas illustradas, optimo papel, formato da Revue des Deux Mondes, e custando apenas 1 fr. 50 centimos! D'estes predigios de livração só ca pode consequir uma casa poderosa e de livraria só os pode conseguir uma casa poderosa e universalmente conhecida, como a casa Quantin, que, de Paris, tem espalhado sobre o mundo bellas edições illustradas que são o encanto e a paixão dos mais cultos e delicados bibliophilos. Aconselhamos vivamente aos nossos leitores a que assignem o Monde Moderne, a mais completa, a mais luxuosa e a mais barata de todas as revistas que actualmente conhece-

INSULTOS, critica de coisas portuguezas, por Guedes Teixeira e Alexandre Braga, filho. —Os auctores d'este pamphieto declaram previamente ao publico que «de tão longe vem o seu espirito que para chegar á vida uma fadiga o prostrou»—e que n'esta «hora amarga de civilisação que passa, uma visão de sangue ennubla a vista de todos os que teem no coração um grito suffocado de revolta».

E como os auctores dos Insultos tinham necessa-riamente esse grito suffocado em seus corações, por isso se decidiram a escrever essas paginas implaca-

veis que temos á vista. Fallando da Academia de Coimbra, asseveram que representa, como grupo, «uma accumulação de imbe-cilidade anonyma». Não dizemos que sim, nem que não, pela simples razão de que nunca por lá passá-Registamos apenas o depoimento, e se houver quem conteste, tomaremos nota.

Fallando da Academia Real das Sciencias, chamamlhe-welho casarão, cachetico e bandalho, abarro-tado de sabios e litteratos de cordel.»

N'este ponto pedimos licença para protestar, porque nos lembramos de Theophilo Braga, de Eça, de Quei-roz e de alguns outros que o velho casarão conta em seu seio

CONFIDENCIAS, por Delfim de Brito Guimarães.

—Um pequeno volume de versos envoltos n'uma gaze de profunda melaccolia, e onde a alma do moço poeta se destaca, pallida, desolada, amortecida, sobre um céu de spleen e de cruel tristeza... O melhor exemplo do que é esse livro melancolico e torturado, mas onde he a palnitação d'um telento expentança e mas onde ha a palpitação d'am talento expontaneo e real, é o seguinte soneto que tem por titulo:

TEM DE SER

- «Ao encarar de frente a Adversidade, «Perguntei lhe, mansinho, brandamente: -«Qual o motivo porque, ousadamente, «Atribulas a minha mocidade?
- «Qual a razão porque, na flor da idade, «Não tenho eu, como tem muita gente «Uma vida feliz, auriluzente, «Cheia de paz e de felicidade?»

Ella fitou-me a rir; depois, no espaço, Ouvi a sua voz vibrante, de aço. Responder à pergunta que lhe fiz:

-«Não me culpes a mim; um triste Signo «Ha de cumprir se poeta... O teu Destino «Quer por força que sejas infeliz!»

A edição das Confidencias é da casa Bertrand, hoje sob a direcção do sr. José Bastos.

PALMYRA BASTOS

Palmyra Bastos Fez beneficio, Oh! Que bulicio Vae na cidadel Toda Lisboa Se confundia, Não se rompia Pela Trindadel

Immenso povo Vem aos magotes, Nos camarotes Tudo rebenta! Por grande preço, Logar conquista Para a revista Sal e Pimenta

Eu fui á festa, Fui empurrado, Andei deitado, Andei de rastos! Que o beneficio Foi todo côxo, Dá cá um chôcho, Palmyra Bastos!

Esculapio

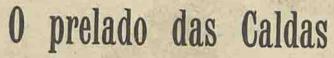


Souvenir.-Do bem conhecido camiseiro sr. Pitta recebemos e agradecemos o seu Souvenir, um pri-moroso e elegantissimo almanach para o anno de 1895, com que acaba de brindar todos os seus freguezes.

OS ARTISTAS DE S. CARLOS



O theatro de S. Carlos realisa no proximo sabbado a inauguração da epocha lyrica de 94-95 com a Gioconda O Antonio Maria offerecendo hoje aos seus leitores os retratos dos principaes artistas da companhia, e apesar de não ser Borda d'Agua, não pode deixar de augurar bom tempo fixo, entrecortado de estrepitosas ovações. Na passada 3.º feira ouvimos a nova orchestra, sob a direcção do maestro Goula, tocar uns trechos de musica elassica, e a Arlesienne de Bizet. Julgavamo nos transportados a qualquer concerto regido por Colonne ou Lamoureux. E' so o que podemos dizer. Se depois d'isto o paiz não levanta uma estatua a Freitas Brito, é porque o paiz não é digno d'um tal emprezario.





D. Mazalipatão I já era primeiro architecto, primeiro hygienista, primeiro medico, primeiro cirurgião, primeiro jardineiro, primeiro lavrador, primeiro decorador, primeiro estylista, primeiro destruidor... Agora é dom Prior, patriarcha de bota a baixo, com plenos poderes para suspender, demittir, enforcar e esfollar sacerdotes... Só lhe falta ser—coveiro-mór d'estes reinos!

OPINIÃO DE LOMBROSO

Dão os jornaes a noticia
De um capitão da policia
Que endoideceu,
E, com modos irritantes,
Com diversos estudantes
Se intrometteu.

Toda Lisboa o conhece,
Que em toda a parte apparece
O capitão.
Possue uns negros bigodes,
Tem mesmo cara de Herodes,
E' um tição!

Um dos rapazes irado,
Mais do que todos zangado
E raivoso,
Resolveu mandar um dia
Retrato e biographia
Ao Lombroso.

Da sabia e douta resposta

Do dito sabio da costa

Vejo o succo.

Só isto responder póde:

—Quem usa assim um bigode

E' maluco!





A questão Aucinda

Vae um motim infernal A' noite em Dona Maria, Acóde a municipal, Ha grossa pancadaria Pelo theatro normal.

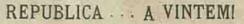
Ha combates e refregas, O tumulto nunca finda, Dão á doida, dão ás cegas, Tudo vae ver a Lucinda A descompôr os collegas.

Dizem coisas infernaes A Lucinda e mais o Rosa, Batem-se, todos formaes, Em kilometros de prosa Nas columnas dos jornaes.

Já me disse um carpinteiro, Segredou-me um figurante Que vae por lá um berreiro Continuo, serio, constante, De assombar o mundo inteiro

Dos tangões ao urdimento, Vae lá o diabo a quatro, Anda tudo em movimento —Aquillo não é theatro, Parece-me o parlamento!

Esculapio.



Um militar, não sei quem, D'essa raça nobre, altiva Que a nossa marinha tem, A' tal coisa deu uma viva Pelo preço de um vintem.

Qual se gritasse ao da guarda, Logo a policia acudiu, Armou-se grande bernarda O capitão aggrediu, Houve capturas em barda.



Um vintem acho barato P'ra coisa tão delicada, Parece-me isso um boato, Uma mentira chapada, Para tanto espalhafato.

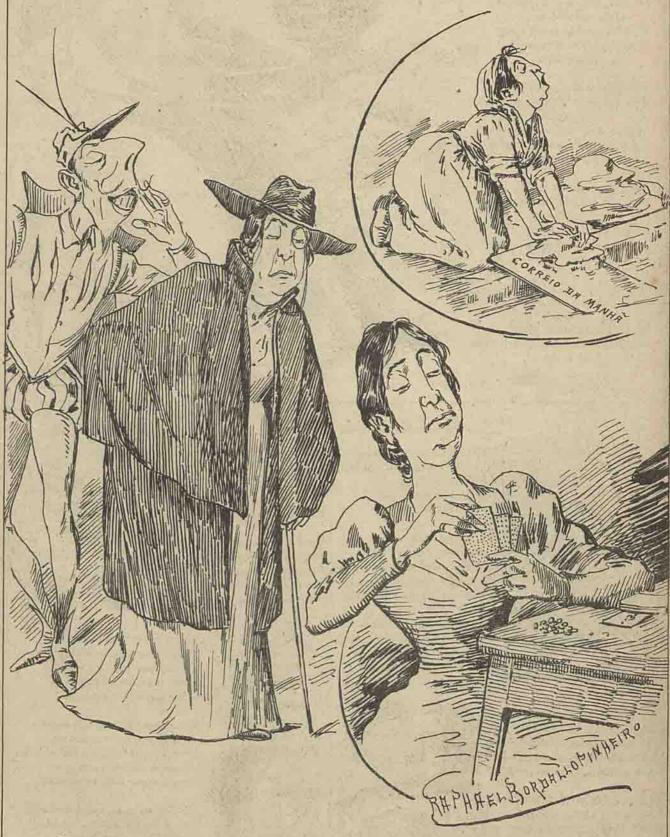
Tal preço custam as velas Com que é de uso alumiar, E' preço de um de Bucellas, Ou de queijadas um par, Ou de uma isca sem ellas.

Não cabe, seja em quem fôr, Que a hydra suba ao poder Por coisa de tal valor, P'lo preço—póde lá ser! Com que en subo o elevador!

Esculapio.

A QUESTÃO DE D. MARIA

(A' actriz Lucinda Simões)



Faz pena, quando se tem talento, em vez de dar ao publico primorosas creações, dar-lhe a ler pessimas cartas. Em vez de nos deliciar com bellos papeis, mudar de tellette, envergar o capote da má-lingua sertaneja, jogar a bisca em familia, e por fim, de lavadeira, lavando a roupa suja. E d'aqui a pouco emprezaria de theatro symbolista—para os nephelibatas apenas. Triste, triste, ridiculamente triste!...



Abrio no domingo o theatro lyrico, com um joven Fausto levado á presença do publico pelo braço da mamã, a sr.* D. Margarida, e acolytado por um Mephistopheles não menos respeitavel que a matrona em questão, e por uma velha Marta em cujo rosto, os annos, em vez de fazerem sulcos, fizeram riscos. Lembramos ao joven Fausto que nos paleos portuguezes não são permittidas as caricaturas pessoaes. O nosso amigo Macieira tem todo o direito de protestar.—Na terça feira tivemos uma Gioconda primorosamente cantada por de Marchi, e em que a sr.* Bellincioni apresentou, além d'um orgão vocal muito apreciavel, um orgão nasal notabilissimo, e que é digno de figurar entre os mais illustres narizes da colligação liberal.—Ao illustre maestro Goula as nossas mais calorosas felicitações.

BOAS EESTAS



A gente cá da gazeta Vem submissa aqui, á preta, Felicitar o leitor, Desejar-lhe grandes festas, N'um remanso venturoso, Levado, em brisas de goso, A paraisos de amor.

Já soubemos cá em casa Que foi á missa do gallo E, a suar como um cavallo, Andou em grande apertão, Beijou o pé ao menino De sucia com as velhotas, Botou namoro ás devotas, Resando com devoção.

Já soubemos que, na noite De Natal, que é noite cheia, Se bateu com grande ceia Na sala de um restaurant, Comeu piteus delicados, Faisões, gallinhas e tórdos, E foi, dando enormes bordos, P'ra casa pela manhã.

Saiu de dia a passeio Mais os filhos e a patrôa, Compron dois kilos de brôa, Comeu um laute jantar, Teve em casa a parentella, A prima, a cunhada, o mano, Tocou valsas ao piano E fartou-se de dançar.

Ora pois, que continue N'uma festa permanente, Com grande gaudio da gente Que, com isso, se enebria, Que entrando o noventa e cinco, Lhe corra a vida fagueira, Seja da mesma maneira Leitor do Antonio Maria!

Esculapio.

EDACCÃO

Variações

Devemos confessar que as circumstancias e o acaso não teem sido nada, mesmo nada favoraveis, aos trabalhos da chamada «colligação liberal».

Um punhado de liberaes, em presença da apathia nacional, resolveu levar a agitação de norte a sul do paiz, injectando nas veias de Zé Povinho o fermento da indignação política, segundo o systema reconfortante do dr. Brown Séquard.

A primeira injecção, como de todos é sabido, devia ser applicada certo domingo á população de Lisboa, na praça do Campo Pequeno, por ser o recinto mais vasto para este genero de operações. Contava-se para o bom exito da empreza, com o auxilio da Divina Providencia. Mas a Providencia esqueceu-se da «colligação liberal e em vez do bom tempo indispensavel á operação, deu a Lisboa um d'estes dias de chuva e de frio deante dos quaes, um liberal, mesmo indignado, só tem a fazer uma cousa - deixar se ficar na cama.

Uma outra injecção devia ser applicada ao povo de Setubal, tambem em plena praça de touros. Aqui, a Providencia que parece ir feita com o governo, appareceu disfarçada na pessoa do sr. Baptista, o qual teve artes para, á ultima hora, mandar contra annuncio, addiando o comicio...

Finalmente, approxima-se o Natal. E quando todos pensavam que o povo portuguez, povo liberal desde os pessaté à cabeça, «n'este momento solemne que o paix atravessa», para castigar a audacia do absolutismo, era bastante heroico para voltar as costas ás seduc-ções do peru e não sahir dos braços do er. Eduardo d'Abreu,—o povo portuguez, ob horrorl ob decaden-cial ob vergonha das vergonhas! entre a rhetorica e o perú assado não hesita um instante, e em vez de cahir a fundo sobre o governo... eae sobre o peru!

Em vez de correr para o meio da rua de facho da revolução em punho, o que elle corre é de badine e ramo no casseo, para ir pavonear-se p'ra Avenida. Em vez de barricadas, no que elle pensa é em brôas, castanhas e vinho branco.

E assim vae o mundo... sceptico, egoista e indifferentel

Ahi estava um punhado de homens corajosos, promptos para acordarem uma nação de ha muito adorme-cida. E o que faz a nação?... Continúa no seu dulce far niente, indifferente a discursos, indifferente a ma-nifestos,—indifferente a tudo!

O que a nação quer é que a deixem em paz. Já não acredita em salvadores, tão avultado é o numero dos que, não tendo salvo mesmo nada, se limitaram a abrir

Abi temos, para exemplo, o sr. Fuschini, que em epistolas está levando a palma, não só a Mme. de Sé vigné, mas até à sr.ª Lucinda Simões.

Ahi temos o mais bello exemplo do que é um salva-dor, que começou por querer salvar o Municipio, de-pois o theatro de S. Carlos, depois o proprio Estado. E depois de ter applicado sos tres enfermos o seu methodo collectivista, e dos enfermos terem ficado em peor estado do que antes de lhe terem ido para ás mãos, de

estado do que antes de lhe terem ido para ás mãos, de novo annuncia ás masses que o seu methodo de curar, é de todos o mais efficaz e infallivel.

Esta questão Fuschmi é de si tão variada e pittoresca, que chega a parecer-se com todas as questões, até mesmo com a de D. Maria.

Emquanto não fazia parte da companhia do theatro Normal, a sr.º Lucinda não se considerava positivamente feliz. T. mbem o sr. Fuschini se considerava o mais desgraçado dos políticos, emquanto não fizesse parte d'aigum gabinete. parte d'algum gabinete.

A empreza Rosas & Brazão offerece uma escriptura à sr.* Lucinda, e a distincta actriz corre a precipitar-se nos braços da empreza Rosas & Brazão. O sr. Hin-tze Ribeiro offerece uma past, ao sr. Fuschini, e o sr. Fuschini corre a precipitar-se nos braços do sr. Hintze. Ao cabo de algum tempo a sr.º Lucinda comprehen-de que a felicidade não está dentro do theatro de D. Maria, e o sr. Fuschini que a felicidade não reside no ministerio da fazenda.

E cada qual se retira do Eden que havia sonhado: a sr.* Lucinda descompondo a empreza, o sr. Fuschini descompondo o ministerio; a sr. Lucinda promettendo-nos para muito breve a suprema ventura artistica, com as representações assaz symbolicas e algo nephelibatas do Ibsen, o sr. Fuschini a suprema ventura economica e financeira, com a pratica do seu famoso socialismo collectivista.



Emquanto não chega a idade d'ouro, emquanto D. Lucinda não põe em scena o seu Ibsen e o sr. Fuschini o seu Karl Max, vamos nós, desgraçados mortaes que nós somos, arrastando a nossa ignorancia e o nosso mau gosto, por essas plateias de Lisboa.

Emquanto não temos a Casa de boneca, contente-mo-nos, por exemplo, com S. Carlos, onde, todas as noutes, o publico está fazendo ovações delirantes ao maestro Goula, como ha muito se não ouviam n'aquella sala, nem mesmo quando o mallogrado Maneinelli empunhaya a batuta.

Quanto a mim, só um salvador nos pode merecer al-guma confiança—salvador de Freitas Brito!

Aqui está um homem que no meio da crisc, com as libras a quinze tostões, as divas pela rua da amargura, e com um theatro a que tiraram um subsidio annual de 25 contos de réis (vinte cinco, notem beml) não hesita em pegar n'esse theatro, em tomal-o por sua conta, e a dar-nos opera a dez tostões, com um regente como Goula, e um tenor como o de Marchi...

Como isto se faz, cemo isto se consegue, é que eu não sei. Pois o publico ainda não está de todo satisfeito, e exige de Freitas Brito um corpo de baile que deixe na sombra a formosura de todas as huris cantadas por Mahomet

Terrivel publico! Boas vozes, boa orchestra, e aiuda

Perry pronice Boas voses, Boa orchestra, e andas por cima—boa carne.

Ainda se ha de chegar a um tempo em que os emprezarios de S. Carlos, além de uma opera bem cantada, e de uma ceia opipara fornecida ao publico por intermedio dos cosinheiros do Ferrari, sejam obrigados a metter na algibeira de cada espectador, em signal de re-

conhecimento por se terem dignado ouvir a opera e co-mer a ceia—uma inscripção de cem mil reis.

N'esse tempo Freitas Brito tambem ha de ser empre-zario, e tambem ha de ser excommungado e pateado, porque em vez de uma inscripção de cem mil reis, não mette duas na algibeira de cada cavalheiro que lhe fi-

zer a honra de transfor os humbraes de S. Carlos.

Eu começo a desconfiar que este Freitas Brito não passa d'um Mecenas encapotado, viajando incognito, e gostando de passar os invernos em Lisbos.

E como receia aborrecer-se, toma S. Carlos para se distrahir, sem cuidar dos prejuizos que lhe possa dar.

A «revanche»

Altiva, a rapaziada Faz discursos, dá pinotes, E' um vivorio por nada, Fervem ditos e dichotes, Fazem grossa caçoada.

O Dias arde em febrão, Já não come ha quatro ditos, Tem tido uma ralação. Dá gemidos, solta gritos, Coitado do capitão!

Já o querem enforcar, Qual se fôra um condemnado, Já o quizeram queimar E, depois de bem queimado, Ao Tejo as cinzas lançar.

Em grupo, são mais de mil, N'uma assembleia secreta, Inventam leis de funil. O Dias anda pateta Pelo governo civil.

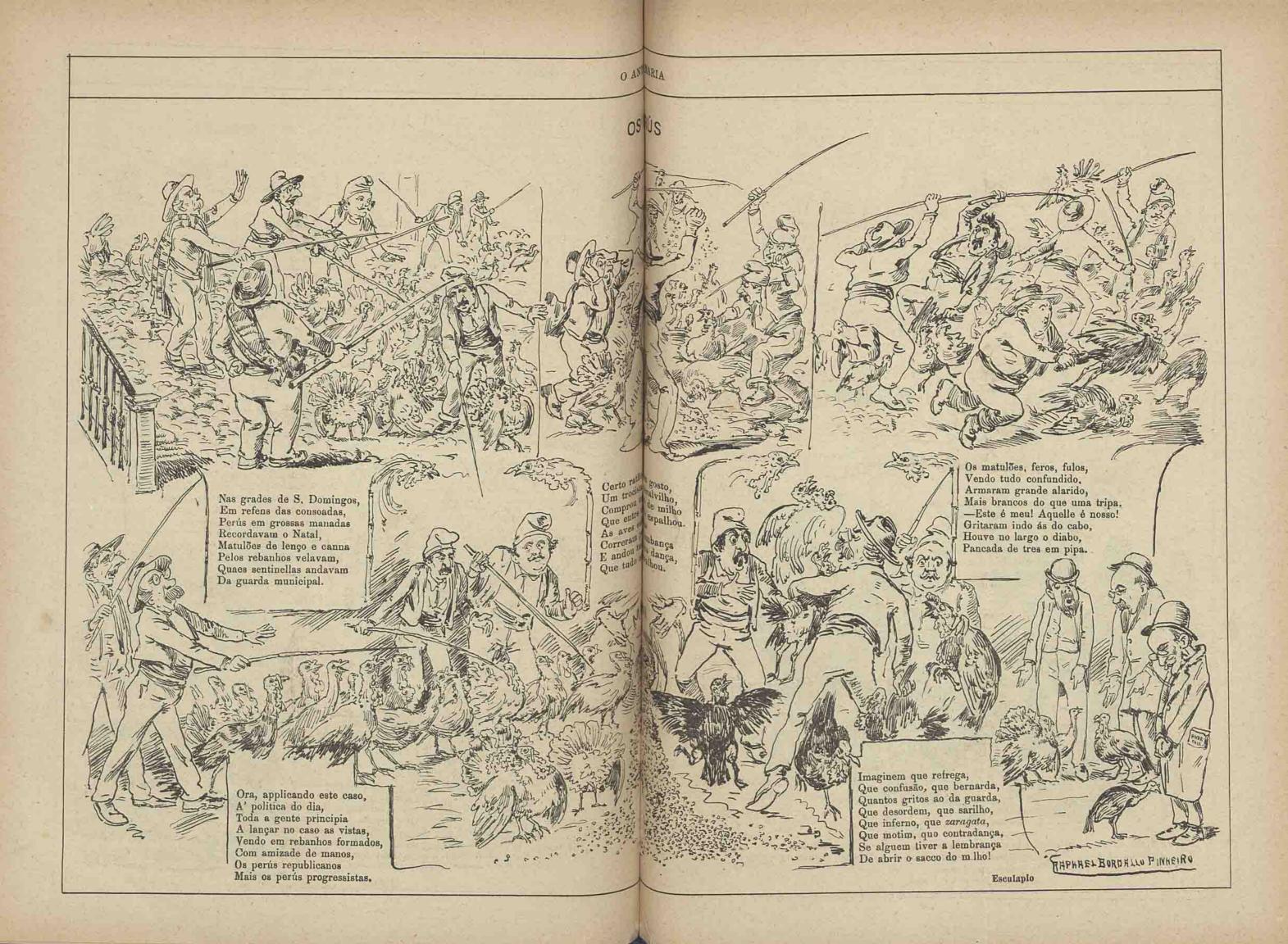
Que os demonios são capazes De capitão de dar cabo, Não querem fazer as pazes. -Antes na mão do diabo Do que na mão dos rapazes!

Esculapio.





OTTIDAM-





A TROUPE GOUNOD



Depois d'uma tournée pela Europa, de estrondosos applausos colhidos em Londres e em Paris, ahi a temos, a intrepida e sympathica troupe Gounod, composta de notaveis guitarristas portuguezes, causando as delicias dos lrequentadores do Colyseu dos Recreios.

A' PROCURA DO PAIZ



0s anctores dos manifestos. — Queremos fallar ao Paiz! Queremos que o Paiz nos ouça!... Zé Povinho, — guarda-portão. — O sr. Paiz manda dizer que não está em casa para uinguem!



O Continuo.-P'ra onde vae?... O sr. não pòde entrarl

O desconhecido.-Ora essa! Sou chefe d'esta repartição.

O Continuo - Mentira! Ha tres annos que aqui estou e nunca o vi por cá.

O Pagador.—Não é mentira, é verdade. E tanto é verdade, que sou eu que pago a este senhor no dia primeiro de cada mez.
O Continuo —N'esse caso peço perdão a vossa excellencia! Queira vossa excellencia perdoar!...



Editor: J. Garcia de Lima.—Séde da Administração: Largo do Calhariz 12 1.º Lytographia da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão. Imprensa Minerva, Travessa da Espera 12 a 14.